

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
RENATA SILVA SANTOS CAMARGO**

**DÁDIVA E HOSPITALIDADE:  
A BÍBLIA COMO FONTE DE ESTUDO**

São Paulo  
2011

**RENATA SILVA SANTOS CAMARGO**

**DÁDIVA E HOSPITALIDADE:  
A BÍBLIA COMO FONTE DE ESTUDO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica e linha de pesquisa Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marielys Siqueira Bueno

São Paulo  
2011

**RENATA SILVA SANTOS CAMARGO**

**DÁDIVA E HOSPITALIDADE:  
A BÍBLIA COMO FONTE DE ESTUDO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica e linha de pesquisa Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marielys Siqueira Bueno.

Aprovado em 03 de março de 2011.

---

Dr<sup>a</sup>. Marielys Siqueira Bueno

---

Dr. João Baptista Borges Pereira

---

Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo

A todos aqueles que utilizam a Bíblia como manual de conduta e fé e  
aos apaixonados pelo estudo da hospitalidade em todas as suas  
dimensões.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, razão da minha existência e minha inspiração diária. Só Ele tem a dimensão exata do esforço feito para chegar aqui, pois estava comigo em cada instante. A Ti a honra, a glória e o louvor em todo o tempo.

Ao meu marido, Frederico, meu amor, meu sonho realizado. Seu apoio, incentivo, compreensão e ajuda foram essenciais em cada etapa deste Mestrado. Nenhum outro conseguiria ser tão presente. A você, minha gratidão e amor para sempre.

À Béa, minha incentivadora fiel. Sem sua ajuda este trabalho não seria realidade. Obrigada por me auxiliar, apoiar e motivar em tudo que faço. A você, minha gratidão e amor irrestritos.

A meus pais, Hélio e Amélia, por sempre acreditarem em mim e não medirem esforços para me auxiliar. Amo vocês!

Ao Pr. David Aycock, uma referência de vida, pela disponibilidade em me auxiliar, ler, traduzir textos e permitir o uso pleno da biblioteca do Seminário Batista Livre. Obrigada pela compreensão, motivação, pelas orações e por acreditar e torcer por este trabalho.

À doce professora Marielys Bueno, por aceitar o desafio de me orientar nesta pesquisa e acreditar que ela poderia contribuir no Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.

À admirável professora Sênia Bastos pelas indagações que me levaram a querer fazer o melhor e por todas as contribuições que levaram ao aperfeiçoamento deste estudo.

À atenciosa professora Maria do Rosário Salles, pelas indicações e observações que tornaram o trabalho possível. E também aos professores Luís Octávio Camargo e Luiz Antônio Vadico, cujos comentários na banca de qualificação possibilitaram o crescimento do trabalho.

À Bruna Mendes e Roberta Sogayar, amigas, incentivadoras, conselheiras e instrutoras. Aprendi com vocês em todos os momentos deste curso. Mesmo distantes fisicamente, a vocês, minha gratidão e carinho permanentes.

À Armando Kilson, Elisete, Rafael, Rodrigo e Isabella, pelo acolhimento e receptividade que se traduzem em uma aula de hospitalidade. Obrigada por facilitarem minhas estadas em São Paulo e me fornecerem o conforto e amor de um lar.

Ao Pr. Daniel Gouvêa, pela disponibilidade em ler e comentar o trabalho, acrescentando ricas sugestões.

A Alessandra Marota, pela atenção, compreensão e auxílio nas necessidades decorrentes da distância.

O temor do Senhor é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino.

(Provérbios 1:7)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 O cristianismo hoje.....	33
Ilustração 2 O cânon do Antigo Testamento.....	40
Ilustração 3 Os 66 livros da Bíblia.....	42



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1 HOSPITALIDADE.....	21
1.1 Dádiva e hospitalidade.....	21
1.2 O conceito de hospitalidade.....	22
1.3 Dádiva, hospitalidade e modernidade.....	25
1.4 Hospitalidade e religiosidade.....	28
2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS .....	35
2.1 Metodologia.....	35
2.2 Bíblia: objeto de análise.....	36
2.3 Desenvolvimento da pesquisa.....	43
3 HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE: DUAS VERTENTES NA BÍBLIA .....	45
3.1 Um povo escolhido? .....	45
3.2 O estrangeiro no Antigo Testamento .....	47
3.2.1 A hospitalidade que acolhe .....	47
3.2.2 A hostilidade que aflige.....	54
3.3 A hospitalidade como dever sagrado .....	63
3.3.1 O Antigo Testamento.....	63
3.3.2 O Novo Testamento .....	70
3.4 O estrangeiro no Novo Testamento .....	75
3.5 Hospitalidade: uma recomendação .....	83
3.6 A hospitalidade no ministério de Jesus Cristo.....	86
3.7 Dádiva e hostilidade do Deus de Israel.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	99

## RESUMO

Adotando uma abordagem qualitativa, com inspiração na análise de conteúdo e sendo uma pesquisa documental, este estudo objetivou uma identificação das formas como a hospitalidade é retratada na Bíblia, verificando se a mesma é uma recomendação aos cristãos, que crêem ser a Bíblia um livro sagrado. Abordando a hospitalidade como uma dimensão da dádiva, referenda-se a contemporaneidade destes dois conceitos e aponta-se a religião como um instrumento de legitimação da dádiva e da hospitalidade na sociedade contemporânea. Concluiu-se que a hospitalidade é uma prática ordenada e recomendada na Bíblia e, como o livro é balizador e orientador para os cristãos, entende-se ser a religião um instrumento de legitimação da hospitalidade nos dias atuais, uma vez que influencia e até mesmo modela o comportamento de inúmeras pessoas.

Palavras-chave: Dádiva. Hospitalidade. Bíblia. Religião. Cristianismo.

## **ABSTRACT**

Serving as the basis for this project is the qualitative method. Inspiration for the project has derived from the analysis of the content. This project is qualified as a documentary since it is based on research. This study has as its objective to identify the ways in which hospitality is depicted in the Bible, verifying whether it can be recommended to Christians, those who believe among many tenants that the Bible is a Holy Book. The intent is to address hospitality as an ultimate gift to mankind. Reference will be made to these two concepts in our contemporary setting pointing to religion as an instrument that legitimatizes the gift. Through this process, it is concluded that hospitality is a mandated practice and recommended in the Bible. Since the Bible is a ballast and a compass for Christians, it serves as an instrument to legitimatize hospitality in our day and time. Therefore, the religion lived out according to the Bible influences and even models the ultimate gift of hospitality.

Key-words: Gift. Hospitality. Bible. Religion. Christianity

## INTRODUÇÃO

Diversos são os estudos sobre hospitalidade e variados os enfoques, demonstrando que o tema permite diferentes recortes e menções. Camargo (2004, p.39) cita que, nos dias atuais, a hospitalidade é tema da filosofia, da sociologia, de estudos de semiologia e análise literária, como também da revisão e recuperação dos estudos de Marcel Mauss. O que se percebe é que, independente da abordagem, o cerne está sempre relacionado a atitudes de acolhimento. Tais atitudes podem ocorrer na esfera familiar e doméstica, em relações profissionais de prestação de serviços e também no contexto público e envolvem acolhimento, abertura ao outro, receptividade.

Para situar a origem do conceito é importante compreender o contexto histórico-cultural de cada época para saber até onde o oferecimento de abrigo a outrem ou o receber pessoas em algumas ocasiões podem ser consideradas como atitudes de hospitalidade. Para Camargo (2004, p.30):

A origem da hospitalidade surge, pois, não de alguém que convida, mas de pessoas que necessitam de abrigo e buscam calor humano ao receber o estranho. A hospitalidade, como resultado de um convite, é provavelmente uma inovação mais tardia da civilização e suas primeiras manifestações são registradas entre os gregos, para quem visitar e ser visitado constituía uma obrigação carregada de rituais [...].

É importante também o discernimento entre uma prática de hospitalidade entre iguais (mesma classe social) e entre diferentes, pois as atitudes se manifestam de maneiras diferentes.

Etimologicamente, tem-se que a palavra deriva do termo latino *hospitalis*, que significa “de um hóspede”. (CHAMPLIN, 2002, p.166). Segundo Grassi (2004, p.35, tradução livre) “*hospitalitas* provém da palavra *hospitalis* e essa é formada a partir de *hospes*, “aquele que recebe o outro”, é um gesto de acolhimento e de alojamento gratuito. Lembramos que ao receber o *hostis*, o *hospes* o coloca ao seu próprio nível.” A autora ainda afirma que “na origem dessa família semântica, há o verbo, *hostire*, igualar”.(GRASSI, 2004, p.35, tradução livre)

A hospitalidade já foi associada “tanto a aspectos sociais quanto religiosos” (BUENO, 2003, p.1). Grassi (2004, p.36) aponta que no mundo greco-romano o gesto de hospitalidade “resulta de um dado político e social ligado ao estatuto do estrangeiro na cidade.” Tal gesto responderia sempre à questão de como proteger um indivíduo que está fora de seu lugar de

origem, privado de seus direitos e também como proteger a cidade “de qualquer amálgama perigoso com o estrangeiro.” (GRASSI, 2004, p.36, tradução livre)

A autora ainda aponta que “na sociedade antiga, a hospitalidade cívica é primeiramente identificação, depois admissão, com reserva, de um estrangeiro na cidade”. (GRASSI, 2004, p.36, tradução livre). A acolhida com reserva exemplifica que a hospitalidade entre diferentes tem ressalvas e que o indivíduo acolhido é uma incógnita, portanto, o oferecimento de abrigo ao mesmo é feito com restrições.

Para Grinover (2002, p.27) a palavra hospitalidade, como conhecida hoje, “teria aparecido pela primeira vez na Europa, provavelmente no início do século XIII, [...] designava a hospedagem gratuita e a atitude caridosa oferecidas aos indigentes e dos viajantes acolhidos nos conventos, hospícios e hospitais”.

Ao longo do tempo, a hospitalidade permanece, “ultrapassa fronteiras, permeando instâncias sociais, coletivas, políticas e econômicas. [...] Com raízes tão profundas este conceito atrai, atualmente, um interesse revigorante de pesquisadores ligados a diferentes linhas de investigação.” (BUENO, 2003, p.1)

Nas diversas definições de hospitalidade a abertura para o acolhimento é o ponto crucial.

Esse acolhimento, que já foi um dever sagrado, moral e social, sempre teve aspectos diversos. Por isso, pode-se falar em hospitalidade como virtude burguesa associada à idéia de bem-receber - uma iniciativa individual próxima da amizade -, ou pode ter uma dimensão coletiva e um caráter de obrigação e, nesse caso, estaria associada à idéia de caridade, que hoje seria de domínio do serviço público e da proteção social. (BUENO, 2003, p.1)

A abordagem de hospitalidade deste estudo enfoca justamente a concepção de acolhimento e abertura ao outro. Neste sentido, ela se relaciona ao vínculo social, sendo, portanto, uma dimensão da dádiva.

A ligação entre dádiva e hospitalidade é apontada por Godbout (1997, p.5) em seu artigo intitulado “Receber é dar”: “o que o dom pode nos ensinar sobre hospitalidade? Este fenômeno social complexo com certeza não diz respeito unicamente ao domínio do dom. Mas podemos perguntar se é possível falar em hospitalidade quando esta dimensão estiver totalmente ausente.” E, neste mesmo artigo, afirma: “nem toda dádiva insere-se dentro da hospitalidade, mas toda ação de hospitalidade começa com uma dádiva.” (GODBOUT, 1997 apud CAMARGO, 2004, p.19)

A dádiva consiste na proposição de ligações, acordos de apaziguamento e estabelecimento de vínculos. Ao pensarmos neste conceito, referimo-nos a trocas não

necessariamente materiais, mas falamos de relação social. “O dom serve antes de mais nada para estabelecer ligações. [...] o dom é, não uma coisa, mas uma relação social.” (GODBOUT, 1992, p.14-15)

Foi Marcel Mauss, (1923-24) <sup>1</sup> quem desenvolveu o conceito de dádiva, o qual, analisando extenso material etnográfico, percebeu o fundamento da sociabilidade nas sociedades arcaicas pela circularidade da “tríplice obrigação de dar, receber e retribuir”, base para a formação dos vínculos sociais e alianças.

Para Mauss (apud LÉVI-STRAUSS, 2003, p.34) “nas coisas trocadas [...] há uma virtude que obriga as dádivas a circular, a serem dadas, a serem distribuídas [...] não apenas objetos físicos, mas também dignidades, cargos, privilégios, cuja importância sociológica é a mesma dos bens materiais.”

No *Ensaio sobre a dádiva* (1923-24), obra fundamental do autor, é postulado um entendimento da vida social constituída por um constante dar e receber. O autor demonstra que o dar e retribuir são obrigações, organizadas de modo particular em cada caso. O fio condutor da obra é a aliança (LANNA, 2000, p.175-176).

O conceito de dádiva tem sido recuperado na atual sociedade, que é marcada por intenso incentivo à individualidade e por relações fortemente baseadas em interesse. Diferentemente das sociedades arcaicas, as trocas na atualidade são baseadas primordialmente em questões econômicas, onde predomina um valor de uso. Neste sentido, Martins; Nunes (2004, p.36) apontam que “sob muitos aspectos, os tempos atuais parecem lembrar o contexto histórico que levou Augusto Comte a defender, contra o ideal da economia clássica nascente do *homo economicus*, um *homo sociologicus*.”

No mesmo prisma, Martins; Nunes (2004, p.38) relatam o surgimento de “manifestações de um pensamento anti-utilitarista importante, que se impõe aos poucos no campo intelectual, apesar das dificuldades impostas pelo sistema neoliberal hegemônico.” Uma destas manifestações é o grupo francês M.A.U.S.S (Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais), um movimento cultural e intelectual criado no ano de 1981 que consiste em um grupo de intelectuais franceses que, inspirados em Marcel Mauss, “decidiu enfrentar os fundamentos filosóficos da teoria econômica” (MARTINS, 2002, p.20)

A hospitalidade, enquanto dimensão da dádiva, constitui-se também numa manifestação anti- utilitarista de resgate do vínculo social, uma vez que motiva o reexame das

---

<sup>1</sup> MAUSS, Marcel. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. A data faz referência à primeira edição: -----*Essai sur Le Don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, publicado originalmente no *Année sociologique*, sécond série, T. 1, 1923-24.

relações sociais, auxiliando no seu fortalecimento em detrimento do privilégio dado às relações econômicas e do individualismo, pois: “a hospitalidade permite, precisamente, romper com o ciclo egoísta, porque a partir do momento que outrem faz a sua entrada na esfera do mesmo, o egoísmo só é possível como consciência e escolha deliberadas, portanto, como egoísmo não inocente.” (BAPTISTA, 2002, p.160).

Para Mauss (apud LÉVI-STRAUSS 2001, p.179) a sociedade manifesta o desejo de rever suas relações:

A sociedade quer reencontrar a célula social. Ela procura, envolve o indivíduo, num curioso estado de espírito, onde se misturam o sentimento dos direitos que ele tem e outros sentimentos mais puros: de caridade, de <serviço social>, de solidariedade. Os temas da dádiva, da liberdade e da obrigação na dádiva, o tema da liberdade e do juro que se tem de dar, reaparecem entre nós, como reaparece um motivo dominante esquecido por demasiado tempo.

As afirmações anteriores demonstram a modernidade da dádiva, pois, a partir das conclusões de Marcel Mauss, novos autores apontam que o conceito de dádiva é perene e está presente em todas as sociedades. Godbout (1992, p.20) afirma:

O dom é tão moderno e contemporâneo quanto característico das sociedades arcaicas; ele não diz respeito apenas a momentos isolados e descontínuos da existência social, mas à sua totalidade. Ainda hoje, nada pode iniciar-se ou empreender-se, crescer e funcionar, que não seja alimentado pelo dom.

Dencker (2007, p. 12) afirma que a sociedade contemporânea “se estrutura em redes, com elevados níveis de incerteza, onde a aposta no acolhimento do outro, mesmo envolvendo riscos, é fundamental para o estabelecimento de alianças que formam a rede de sustentação dos vínculos que estão na base da sociedade”.

Godelier (2002, p.316) também reforça a importância do conceito, afirmando: “diante da amplitude dos problemas sociais e a incapacidade do mercado e do Estado em resolvê-los, a dádiva está em vias de voltar a ser uma condição objetiva, socialmente necessária da sociedade”.

Assim, dádiva e hospitalidade são elementos constitutivos da vida em sociedade, inclusive da atual:

Daí decorre a noção de hospitalidade como um conjunto de leis não escritas que regulam o ritual social e cuja observância não se limita aos usos e costumes das sociedades ditas arcaicas ou primitivas. Continuaram a operar e até hoje se exprimem com toda força nas sociedades contemporâneas. (CAMARGO, 2004, p.17,18)

A contemporaneidade de preceitos de dádiva e hospitalidade encontra na religiosidade uma de suas dimensões. Entende-se aqui religiosidade como uma característica de pessoas que são religiosas, ou seja, que têm tendência ou disposição a coisas sagradas, a seres espirituais, à religião, que, por sua vez, consiste na manifestação de uma crença por meio de doutrina e ritual próprios.

A importância da religião para o homem é evidenciada por Durkheim (apud BERGER, 2010 p.5) ao afirmar que “a religião é uma característica geral da vida humana [...] está na base da constituição do homem enquanto tal.” O autor compreende a religião como um aspecto “essencial e permanente da humanidade” (BERGER, 2010, p.5)

Em sua obra “As formas elementares da vida religiosa”, Durkheim (1996, p.10) afirma que a religião é “um todo formado por partes [...] um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias.” (DURKHEIM, 1996, p.18). Para o autor, os fenômenos religiosos se classificam em duas categorias: crenças, que consistem em estados de opinião; e os ritos, que são modos de ação determinados. (DURKHEIM, 1996, p.19). Estes dois conceitos estão intimamente relacionados:

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial do seu objeto. Com efeito, uma regra moral, assim como um rito, nos prescreve maneiras de agir, mas que se dirigem a objetos de um gênero diferente. Portanto, é o objeto do rito que precisaríamos caracterizar para podermos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime. Assim, só se pode definir o rito após se ter definido a crença. (DURKHEIM, 1996, p.19)

Sendo, portanto, as religiões recheadas de regras morais e de ritos encontra-se estreita relação entre essas com a hospitalidade, que é apontada por alguns estudiosos como já tendo sido um dever sagrado. Diversos autores, ao se referirem sobre exemplos de hospitalidade, remetem-se a mitos gregos e a relatos bíblicos. Camargo (2004, p.11) relata que no início de sua pesquisa sobre o conceito de hospitalidade percebeu que as primeiras pesquisas mostraram “apenas dois contextos de utilização do termo: no pensamento religioso e na própria hotelaria.” O referido autor e Castelli (2007) fazem menções à presença da hospitalidade na Bíblia, livro utilizado como referência para a religião cristã.

Uma publicação do Centro de Estudos Migratórios (CEM) no ano de 2007 abordou o tema da presença da hospitalidade na Bíblia. Em tal publicação os autores falam da história dos israelitas que, no relato bíblico, seriam o povo escolhido de Deus, bem como da relação desta nação com as demais em sua época de formação. Tratam também das concepções



adotadas por Israel em relação à acolhida ao outro. Parise traz a explanação de quem seria o estrangeiro para o povo de Israel. Dornelas (2007, p 8-11) aborda especialmente o dever da hospitalidade relatado no Antigo Testamento, e aponta a questão do dever de acolhida ao outro como manifestação de fidelidade à Aliança feita por Deus com seu povo escolhido; também Candaten (2007, p.33-38), no contexto do Antigo Testamento, fala do valor sagrado referente à acolhida ao migrante; enquanto Bonassi (2007, p.12-13) fala da acolhida ao estrangeiro no contexto do Novo Testamento. Ainda nesta publicação encontramos Marinucci (2007, p.26-32) que aborda o papel da religião na sociedade atual, com foco na experiência migratória, ou seja, na necessidade de acolhida ao outro. Todos os autores são teólogos.

Também Pottier in Montandon (2004) aborda a questão do entendimento da hospitalidade como fruto de uma aliança entre homem e Deus, por diversas religiões.

Tais referências respaldam a reflexão sobre uma dimensão religiosa da hospitalidade na contemporaneidade, servindo mesmo para legitimar a presença de preceitos de hospitalidade na sociedade, uma vez que a religião exerce relevante influência na vida das pessoas.

Assim, este estudo consiste em um levantamento das manifestações da hospitalidade na Bíblia, livro usado nas religiões cristãs. O objetivo foi verificar como a mesma é retratada nos textos bíblicos para identificar se é uma prática recomendada aos cristãos.

Para tanto, construiu-se um referencial teórico em relação à dádiva, nos apontamentos de Mauss (2001), Godbout (1992; 2002) e Caillé (2002). Sobre hospitalidade, referenda-se Camargo (2004), Baptista (2002), Derrida (2003), Raffestin (1997) e Gotman (2001). A questão da religiosidade é baseada nas indicações de Eliade (1992) e Durkheim (1996); e o cristianismo em Corbin (2009) e Armstrong (2007, 2008). Além dos autores citados anteriormente.

A relevância da pesquisa é a legitimação que a religião, especificamente a cristã, pode dar à hospitalidade na atualidade. Tal legitimação se afirma pela presença da religiosidade na vida das pessoas, uma vez que “seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso.” (ELIADE, 1992, p.27).

Tal afirmação é reforçada por Armstrong (2008, p.12) ao dizer que mesmo havendo um teor secular em grande parte da sociedade ocidental, “a idéia de Deus ainda afeta a vida de milhões de pessoas.” Segundo a autora “pesquisas recentes mostraram que 99% dos americanos dizem acreditar em Deus” (ARMSTRONG, 2008, p.12)

Wilges (2010, p.9) defende que o fenômeno religioso é universal. Para o autor, “em todos os tempos, lugares e povos encontramos tal fenômeno. Esta afirmação é atestada pela etnologia e pela história das religiões.” (WILGES, 2010, p.9).

O autor apresenta dados, do ano de 1992, que demonstram ser o número de cristãos o maior no mundo (1.759.000.000), seguidos por muçulmanos (939.000.000) e hindus (722.000.000). (WILGES, 2010, p.25). Dados da Editora CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) apontam que, no ano de 2009, a população mundial consistia em 6,7 bilhões de pessoas, onde 2,2 bilhões eram cristãos, 1,4 bilhão eram muçulmanos, 888 milhões, hindus, 391 milhões budistas e 15 milhões de judeus.

Pela representatividade do cristianismo no mundo e, por a autora realizar periodicamente estudos da Bíblia, livro usado nas religiões cristãs como manual de conduta e fé e, devido à sua ligação com uma instituição Batista, optou-se pelo estudo da Bíblia.

A Bíblia é o texto religioso do Judaísmo (Antigo Testamento) e do Cristianismo (Antigo e Novo Testamento). Segundo Armstrong (2007, p.9) “as Escrituras judaicas e o Novo Testamento começaram ambos como proclamações orais, e mesmo depois que foram postos por escrito, restava muitas vezes uma tendência à palavra falada, presente também em outras tradições”. Assim, tem-se que a Bíblia seria um relato escrito de uma tradição oral.

Por outro lado, a autora enfatiza que, de posse de escritos, “judeus e cristãos tratam suas Escrituras com reverência cerimonial.” (ARMSTRONG, 2008, p.10). Para a autora, “o Deus dos judeus, cristãos e muçulmanos é um Deus que – de algum modo – fala. Sua palavra é crucial nestas três religiões. A palavra de Deus moldou a história de nossa cultura.” (ARMSTRONG, 2008, p.17)

Assim, concebendo-se que as recomendações presentes no “Livro Sagrado” são preceitos para os que nele confiam, procedeu-se a um levantamento das principais passagens que evidenciam os princípios da hospitalidade nas duas versões mais utilizadas no Ocidente: a Bíblia utilizada por protestantes; e a usada pela Igreja Católica Romana.

O estudo foi realizado por meio de um levantamento inicial buscando a formação do referencial teórico relativo à dádiva e à hospitalidade. Tal levantamento ocorreu através dos “passos da pesquisa bibliográfica” definidos por Medeiros (2006, p. 50), os quais consistem em: “[...] identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação, e redação”

Especificamente em relação à Bíblia, realizou-se um trabalho baseado nos conceitos de análise de conteúdo, seguindo as fases determinadas por Gil (2007, p.165): pré-análise, fase esta de organização, onde se tem o primeiro contato com o objeto de estudo, onde é feita

uma “leitura flutuante”; exploração do material, “fase longa e fastidiosa”, que se refere à tarefa de codificação, onde se recorta, enumera-se e codifica-se; e, por fim, a interpretação.

A primeira parte do trabalho apresenta uma questão conceitual sobre hospitalidade, enquanto dimensão da dádiva, elemento principal dos estudos de Marcel Mauss. Constam ainda as definições de hospitalidade dos principais estudiosos do tema, além de uma reflexão sobre a atualidade da hospitalidade e da religiosidade, considerada um espaço de legitimação daquela.

A pesquisa tem abordagem qualitativa, tendo como finalidade um estudo exploratório do tema. Trata-se também de uma pesquisa documental, com técnica de busca e análise das informações feita com inspiração na análise de conteúdo. Procede-se ainda a um esclarecimento sobre o uso da Bíblia como objeto de análise. Finalmente há o relato de textos bíblicos que abordam a questão da prática da hospitalidade, com uma análise de seus contextos.

As evidências de hospitalidade encontradas na Bíblia dizem respeito à figura do estrangeiro: como ocorria sua acolhida nos tempos bíblicos e também os confrontos devido às diferenças de crença. Ocorre ainda a manifestação da hospitalidade como um dever sagrado e a recomendação de sua prática como um dever cristão; há relatos da relação de Jesus com a hospitalidade; e também trechos que demonstram o reverso da hospitalidade: a hostilidade.

No Antigo Testamento, especificamente nos livros que tratam das leis e normas a serem seguidas pelo povo de Israel, tem-se como estes devem lidar com o estrangeiro. Ali há uma ampla terminologia que descreve a acolhida, oferecida ou negada a alguém. “As atitudes em relação ao estrangeiro não são unívocas, mas se caracterizam por uma série de tonalidades que passam da distância e do medo até à aproximação, defesa e acolhida.” (PARISE, 2007, p.6). A sacralização da hospitalidade ao se oferecer acolhida ao estranho tem ligação direta com a condição de estrangeiro dos israelitas na terra do Egito: “proteger o migrante estrangeiro significa, então, confessar a fé no Deus verdadeiro que o libertou da escravidão no Egito.” (DORNELAS, 2007, p.10)

No Novo Testamento, a prática da hospitalidade é exposta principalmente com Jesus que viveu “numa contínua abertura para o outro, uma vida pelo outro, para o diferente, mesmo o inimigo.” (BONASSI, 2007, p.12). E que, muitas vezes, é o próprio estrangeiro: “Deus se faz estrangeiro para encontrar o homem (Fl 2:5-11) e para fazê-lo entrar em sua comunhão, participar de sua vida (2 Pe 1:4), tornando-o familiar de Deus (Ef 2:19)” (BONASSI, 2007, p.13).

Concluiu-se, por fim, que a Bíblia é rica em relatos sobre a efetiva prática da hospitalidade. Aborda questões da acolhida ao outro, sendo que, este, é basicamente o estrangeiro no Antigo Testamento e, no Novo Testamento, não apenas o que vem de fora, mas também os menos favorecidos e todos que necessitam de alguma ajuda. A questão da hospitalidade enquanto dever sagrado também recheia as páginas do Antigo e Novo Testamento, tendo neste, um aprofundamento e incentivo para que seja praticada.

Na essência, os textos bíblicos recomendam a hospitalidade, sendo esta a mensagem que predomina. Assim, por ser um livro referência para o cristianismo, faz com que a religião, praticada em seus preceitos, seja uma fonte legitimadora da hospitalidade nos dias atuais, pois, no meio dos cristãos, também se manifesta na vida coletiva.

A presença da hospitalidade na Bíblia reforça sua importância na sociedade moderna, uma vez que a religião é forte influenciadora na vida de muitas pessoas, pois a fé legitima, incentiva, baliza e até mesmo define comportamentos. Para Armstrong (2008):

Os seres humanos não suportam o vazio e a desolação; preenchem o vácuo criando novos focos de sentido. Os ídolos do fundamentalismo não são bons substitutos para Deus; se queremos criar uma fé nova e vibrante para o século XXI, devemos, talvez, estudar a história de Deus, em busca de algumas lições e advertências. (ARMSTRONG, 2008, p. 492)

Inúmeros são os estudiosos que vêem a religião como influenciadora da sociedade contemporânea, entendendo que a religiosidade “tem a propriedade de garantir a coesão social, como nos mostram clássicos de sociologia e da antropologia, a saber, Durkheim, Weber, Marx, Mannheim, Bastide, Berger, Malinowsky, Mauss, Lévy-Strauss, Boas e Merton”. (LOPES; DE LIBERAL, 2009, p.7). Para os autores, “na era da globalização e da mercantilização das relações, a religião aparece como uma esperança de humanização e redução do impacto da filosofia de consumo que destrói a vida”. (LOPES; DE LIBERAL, 2009, p.8)

Para a Sociologia, a religião é uma parte integrante da dinâmica social justamente porque pode influir nos comportamentos. (BRITO; DE LIBERAL, 2009, p.74). Portanto, a presença de exortações à prática da hospitalidade na Bíblia são incentivo para que cristãos a exerçam e, neste sentido, a religiosidade torna-se uma legitimadora da hospitalidade na sociedade contemporânea.

## 1 HOSPITALIDADE

### 1.1 Dádiva e Hospitalidade

Marcel Mauss identificou nas sociedades arcaicas, um ciclo da dádiva que se repete continuamente: dar, receber, retribuir. Este processo diz respeito à maneira como ocorrem as relações sociais. Nesta concepção, os bens circulam a serviço do estabelecimento de laços sociais. Caillé; Graeber (2005, p.18) afirmam:

Nas sociedades arcaicas, selvagens ou tradicionais [...] as trocas não se efetuam sob a forma de mercado, do escambo, do “da cá, toma lá”, mas sob o modelo do que Mauss chama de tripla obrigação: dar, receber e retribuir. [...] a obrigação de dar descoberta por M. Mauss nada tem a ver com uma obrigação caritativa. Ela é, sobretudo, a obrigação de provocar os outros a um desafio de generosidade [...].

Para Mauss, economias que se baseiam no dom efetuam trocas que não têm uma dimensão impessoal, como ocorre nas relações econômicas de princípios capitalistas. “O que importa verdadeiramente é a relação que se estabelece entre as pessoas; o objeto de troca é a criação de vínculos de amizade ou o surgimento de rivalidades e obrigações.” (GRAEBER, 2002, p.24). Camargo (2004, p.16) reforça esta questão ao afirmar que o contato humano não é estabelecido como um contrato, e sim “começa com uma dádiva que parte de alguém. A retribuição é uma nova dádiva que implica um novo receber e retribuir, gerando dons e contradons, num processo sem fim.” (CAMARGO, 2004, p.16)

Neste sentido, Godbout (1992, p.22) afirma ser o dom um sistema de relações sociais:

[...] é preciso conceber o dom formando um sistema, não sendo esse sistema outra coisa do que o próprio sistema social enquanto tal. O dom constitui o sistema das relações propriamente sociais enquanto estas são irredutíveis às relações de interesse econômico e de poder.

O autor ainda aponta que a dádiva existe no estabelecimento de ligações e serve primordialmente para isso: “é preciso pensar o dom não como uma série de atos unilaterais e descontínuos, mas como uma relação.” (GODBOUT, 1992, p.15).

Concebendo a hospitalidade como “um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro” (BAPTISTA, 2002, p.157) temos que a mesma se encontra a serviço das relações, ou seja, ela é uma proposta de estabelecimento de vínculos, e, por isso, consiste em uma dimensão da dádiva.

Dentre as diversas abordagens possíveis, muitos estudiosos têm refletido sobre a hospitalidade enquanto dimensão da dádiva: “vários estudos sobre hospitalidade têm apontado para suas articulações com a noção do dom e da amizade e sua atuação no fortalecimento do tecido social.” (BUENO, 2003, p.3)

Esta é a perspectiva de hospitalidade adotada neste trabalho, partindo do pressuposto que a motivação à prática do conceito fortalece os vínculos sociais na modernidade, uma vez que a hospitalidade é concebida “como umas das formas mais essenciais da socialização.” (MONTANDON, 2003, p.132)

## **1.2 – O conceito de hospitalidade**

Pelo exposto, percebe-se que o entendimento de hospitalidade está intimamente ligado à análise das relações sociais, uma vez que a mesma auxilia, nutre e possibilita a sociabilidade: a hospitalidade é “o ritual básico do vínculo humano”. (CAMARGO, 2004, p.16)

Buscando uma melhor compreensão dos princípios de hospitalidade, inclusive os presentes na Bíblia, foram estabelecidas, neste estudo, categorias de significação do conceito, as quais seriam: acolhimento, proposição de ligações, acordo de apaziguamento, estabelecimento de vínculos, partilha e abertura para a relação com o outro.

Abordando a questão da hospitalidade enquanto acolhimento, implica-se pensar em alguém que acolhe e em um “outro” a ser acolhido: “a hospitalidade é uma relação especializada entre dois protagonistas, aquele que recebe e aquele que é recebido (GOTMAN, 2001 apud GRINOVER, 2002, p.26).

Neste sentido, Derrida (2003) faz importantes considerações refletindo sobre a vinda do outro, sendo este um estrangeiro. Para o autor o estrangeiro se encontra muitas vezes em uma situação vulnerável, uma vez que “é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc.” (DERRIDA, 2003, p.15). O estrangeiro se encontra em uma situação em que pede hospitalidade “em uma língua que não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc.” (DERRIDA, 2003, p.15).

O autor ainda fala sobre o conceito da hospitalidade incondicional, a qual

Exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc) mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele , sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto) nem mesmo seu nome. (DERRIDA, 2003, p.25)

Sobre a hospitalidade incondicional, Bueno et al (2010) afirma ser a mesma de origem mítica: “ na mitologia grega os mortais receavam não receber bem ao hóspede, visto que poderia ser um deus disfarçado. Na habitação reina Héstia: personifica o interior, deusa do lar, preside as refeições, representa a vigilância e o princípio da permanência.”

Há ainda outro aspecto a ser considerado na hospitalidade entendida enquanto acolhimento: a noção de território. Este é o local onde será oferecido o acolhimento, onde ocorrerá a relação de dois protagonistas. “Acolher o outro como hóspede significa que aceitamos recebê-lo em nosso território, em nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que somos e possuímos.” (BAPTISTA, 2002, p.162). Neste sentido, abrimos espaço para o outro e esta abertura é também relacionada a um espaço físico.

Ainda neste prisma, temos Raffestin (1997) abordando a questão espacial da hospitalidade. Seu pensamento é desenvolvido utilizando o processo da construção de “cidades”, uma vez que na formação destas temos delimitações espaciais, mas também culturais. A noção de territorialidade define as relações que uma sociedade mantém consigo mesma e com a exterioridade: “o limite da cidade é objeto de um ritual em cuja origem se descobre a intencionalidade daquele que exerce a autoridade, o poder: é o *regere finis* que significa, literalmente, traçar em linha reta as fronteiras”. (RAFFESTIN, 1997)

Tais fronteiras referem-se não apenas ao limite material, mas também ao imaterial: no traçado físico de um limite de cidade, marca-se o fator material; porém, ao mesmo tempo, instala-se uma ordem moral – fator imaterial. “A noção, é, portanto, dupla, pois ela se refere a uma materialidade – o limite – e uma regra moral – a norma que define com grande precisão uma interioridade e uma exterioridade.” (RAFFESTIN, 1997)

Para o autor, a hospitalidade consiste em um mecanismo de autorização para transpor o limite. Assim, temos mais uma expressão de sua capacidade de incentivar e promover a sociabilidade: “ela é um “mecanismo” característico dos limites sejam materiais ou não, desses limites que se traduzem a contraposição da violência e da convivialidade, da paz e da guerra, da vida e da morte.” (RAFFESTIN, 1997)

Montandon nos diz que a ultrapassagem de uma fronteira – material ou imaterial – “implica tacitamente para o convidado a aceitação das regras do outro” (MONTANDON, 2003, p.133)

Grassi corrobora com tais pensamentos ao dizer que “a hospitalidade é rito de passagem, o dom temporário de um espaço.” (GRASSI, 2004, p.37, tradução livre). Em suas reflexões a autora traz uma importante contribuição, abordando algo que considera imprescindível: o tempo da hospitalidade. Pois “a hospitalidade é somente uma etapa, ela não pode expressar uma disposição constante dos seres, mas ela se endereça sempre a novos parceiros temporários, é um rito de passagem ou de iniciação aos laços sociais”. (Le Brás, 145 apud Grassi, 2004, p.36, tradução livre). Afinal, segundo ela, o “próprio do hóspede é não ficar, sem o que ele se torna membro e se instala no espaço.” (GRASSI, 2004, p.36, tradução livre)

Em outra perspectiva, adotando a capacidade da hospitalidade de estabelecer vínculo, aponta-se Montandon (2003, p.141) para quem a hospitalidade “é uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis [...] é concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas como uma forma própria de hominização.” Também Anne Gotman (2001, p.493) que afirma ser a hospitalidade “um processo de agregação do outro à comunidade e a inospitalidade é o processo inverso.”

Reforçando a importância da hospitalidade, Baptista (2002, p.162) afirma que entende ser sua prática uma questão de civilidade que, portanto, deve marcar todas as situações da vida:

A hospitalidade não deverá ficar circunscrita à disponibilidade para receber o turista, o visitante que chega de fora e está provisoriamente na cidade. Pelas razões de ordem ética enunciadas anteriormente, é necessário alargar a atitude de acolhimento e de cortesia a todo o próximo, seja ele o vizinho, o colega de trabalho ou qualquer outro que no dia-a-dia cruza o nosso caminho. (BAPTISTA, 2002, p.162)

Em Champlin (2002, p. 166) encontramos hospitalidade definida como “uma cortesia que oferecemos a algum hóspede ou convidado”, diz respeito ao ser gentil e generoso para com visitantes e para com qualquer outra pessoa.

Frisa-se que todas as definições tratam, no seu cerne, da hospitalidade enquanto princípio relacionado ao vínculo social. Buscou-se com as definições e concepções abordadas evidenciar sua forte e marcante característica de interação entre indivíduos, uma vez que é também assim que a hospitalidade aparece no objeto de reflexão deste trabalho: a Bíblia.



Porém é importante apontar que a hospitalidade é um ritual e, como tal, inclui, mas também exclui e, quando assim faz, mostra sua opositora: a hostilidade. Neste sentido, Camargo (2004, p.18) afirma que a hospitalidade seria um conjunto “de leis não escritas, cuja observância coloca em marcha o vínculo humano e cuja violação remete os indivíduos e as sociedades ao campo oposto, da hostilidade”. Para Cutti (2007, p.3) “a hospitalidade vive em permanente tensão com a hostilidade”.

O termo hospitalidade, em sua própria raiz tem sentidos que oscilam entre opostos - *hospes e hostes* – os quais carregam o sentido de acolhimento (hospedagem, hospício, hóspede, hospedeiro) e, ao mesmo tempo o de hostilidade (da raiz *hostes*, hostil, hostilidade). (CORACINI, 2010, p.8) Assim, segundo um neologismo derrideano, se ofereceria a “hostipitalidade”, onde se une, sem unir, hospitalidade e hostilidade: “ao mesmo tempo que se acolhe, se hostiliza o diferente, o estranho, o estrangeiro.” (CORACINI, 2010, p.8)

Poder-se-ia afirmar que esta hostipitalidade representa bem o fato de que, nos dias atuais e também nas situações relatadas nos textos bíblicos, encontra-se uma hospitalidade que, para ser praticada tem regras e condições. E, fora destas, a vertente da hostilidade fica evidente. “Seja como for, a hospitalidade se imbrica sempre e inevitavelmente com a hostilidade, mais fortemente ainda se as diferenças forem mais flagrantes, tornando-se insuportáveis.” (CORACINI, 2010, p.8)

### **1.3 – Dádiva, hospitalidade e modernidade**

A sociedade atual é caracterizada pela valorização e estímulo da máxima satisfação individual e fortemente marcada por trocas baseadas no interesse. Para Baptista (2002, 161), na contemporaneidade, a concepção de prazer ignora princípios de moderação: “inspirada nos princípios do utilitarismo, exalta a procura pelo máximo de felicidade com o menos custo para o maior número de pessoas. Não admira, pois, que o preço a pagar seja a permanente insatisfação dos indivíduos.” (BAPTISTA, 2002, p.161) A insatisfação gerada nas pessoas leva a uma fragilidade dessas em campos de segurança, proteção e justiça e o reverter de tal fragilidade aconteceria justamente com um reforço dos laços sociais.

Na busca de uma alternativa ao utilitarismo das relações, é que inúmeros autores têm estudado tais relações a partir da teoria do dom, onde a hospitalidade se manifestaria em sua essência.

Essa fragilidade das relações pode ser revertida, reexaminada e discutida a partir do momento em que se fortalecem as relações sociais, as quais são caracterizadas pela interação

com o outro. Este sujeito, o “outro”, pode não estar necessariamente dentro de seu convívio social ou de *hall* de conhecidos. Esse outro é apontado por Baptista (2006, p.3) como “qualquer outro [...] detentor de uma vida interior e de uma história radicalmente singular”. Portanto, o outro pode ser qualquer indivíduo dotado de vida. “[...] o outro é outra liberdade, outro modo único de ser”. “[...] a presença em sociedade de uma multiplicidade de outros não vem limitar, mas sim abrir o espaço de liberdade de cada um”.

Outrossim, Dencker (2007, p. 12) afirma que o acolher e abrir-se para “o outro, o diferente, possibilita o estabelecimento de redes espontâneas de relações que os indivíduos mantêm uns com os outros, circulando informações assegurando a coerência e a coesão, por meio do desenvolvimento da sociabilidade”.

Outro traço marcante da sociedade contemporânea seria as relações mercantis. Godbout (1992, p. 305) diz que tais relações consistem em “uma objectivação do mundo e das relações entre os homens, e entre os homens e os outros seres que os rodeiam.”

Existe, atualmente, um paradigma dominante, o neoliberalismo. Nas ciências humanas, ele possui diversos nomes: teoria das escolhas racionais, racionalidade instrumental, individualismo metodológico, utilitarismo, *homo oeconomicus*, teoria econômica neoclássica. Esses diversos nomes designam aspectos diferentes do paradigma. No entanto, essas teorias têm um núcleo maciço comum: visam explicar o sistema de produção - e, sobretudo, de circulação - dos bens e serviços na sociedade a partir das noções de interesse, de racionalidade e de utilidade. (GODBOUT, 2002, p.63)

Godbout (1992, p. 35) aponta que, na sociedade moderna, o laço social se manifesta em três esferas: mercado, Estado e na esfera doméstica ou privada. Para ele, tais esferas se adequam à distinção conceitual feita por Hirschman (1970) entre *exit, voice and loyalty*. Assim, “o princípio que define a esfera do mercado é a possibilidade e a facilidade de sair da relação social (*exit*, defecção) em relação à qual um agente não está satisfeito, a esfera política é, sobretudo regulada pela discussão e pelo debate (*voice*). E é a lealdade que constitui o princípio de base da esfera doméstica”. (GODBOUT, 1992, p. 35). O autor ainda afirma que, “geralmente, a esfera doméstica é considerada como o lugar natural do dom na sociedade moderna”. (GODBOUT, 1992, p. 35)

Mas, será que dentro deste paradigma dominante haveria espaço para relações fundamentadas não no interesse e na individualidade, mas em preceitos de dádiva? O próprio Godbout (1992, p. 20) afirma estar o dom presente nos dias atuais quando postula:

A começar pelo princípio, ou dizendo de outra forma, pela própria vida, que ao menos por algum tempo, não é comprada nem conquistada, mas pura e simplesmente dada, e dada, geralmente, no seio de uma família, legítima ou ilegítima.

Mauss (apud LÉVI-STRAUSS, 2001, p.175) reforça a presença da dádiva em todos os tempos ao afirmar:

Felizmente, nem tudo está ainda classificado exclusivamente em termos de compra e venda. As coisas têm ainda um valor de sentimento para além do seu valor venal, supondo a existência de valores que sejam apenas deste gênero. [...] Restam-nos pessoas e classes que mantêm ainda os costumes de antigamente e quase todos nós nos sujeitamos a eles, pelo menos em certas épocas do ano ou em certas ocasiões.

Festividades valorizadas pelas famílias modernas como Natal e aniversários podem ser apontados como ocasiões as quais o autor se refere. Reforçando este pensamento, Godbout (1992, p.36) exemplifica as manifestações do dom na atualidade, apontando seus lugares: presentes trocados, serviços prestados, o voluntariado, convites das mais diversas ordens, doações de órgãos, de sangue, heranças, hospitalidade, o dom da vida, a relação com filhos. (GODBOUT, 1992, p.36)

Apona-se ainda que as diversas manifestações de religiosidade presentes no mundo também reforçam a presença da dádiva e da hospitalidade na atualidade. “As religiões vinculam-se à forma primitiva de troca, de caráter voluntário, aparentemente livre e gratuita, na base do dar, receber e retribuir”. (MENEZES, 2005, p.11). “As religiões são, assim, a maior fonte de mitos sobre a hospitalidade que de alguma forma tentam contrapor-se eticamente aos mitos profanos sobre a hostilidade latente nos ritos da hospitalidade.” (CAMARGO, 2004, p.32)

Ao refletir sobre questões religiosas, facilmente encontramos uma hospitalidade tida como dever sagrado: “encontramos em numerosas religiões a idéia de que a hospitalidade é o fruto de uma aliança entre o homem e Deus. A Bíblia estabelece e legitima essa reciprocidade” (POTTIER, 2004, p.112, tradução livre)

Daí decorre a presente abordagem, de que hospitalidade e religiosidade têm estreita relação e de que a presença daquela na Bíblia contribui para a expressão de sua contemporaneidade, uma vez que, aqueles que crêem na Bíblia como uma obra de inspiração divina, são motivados a seguirem as ordenanças e preceitos ali descritos.

## 1.4 – Hospitalidade e religiosidade

*“A hospitalidade era um dever que recaía sobre todos os cristãos [...] com base em leis da natureza, das escrituras e dos exemplos de homens justos”*  
Cornwallis

Preceitos de hospitalidade presentes nas doutrinas das diferentes religiões a reforçam enquanto conceito a ser praticado, uma vez que a religiosidade é um fator que permeia a vivência humana e é traço cultural marcante da sociedade: “a grande maioria dos “sem-religião” não está, propriamente falando, livre dos comportamentos religiosos, das teologias e mitologias.” (ELIADE, 1992, p.167)

Eliade (1992, p. 164, 165) nos fala de dois tipos de homens: o *homo religiosus*, que acredita existir uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo e se manifesta nele, santificando-o e tornando-o real. Este crê na origem sagrada da vida; e o homem a-religioso, o qual nega a transcendência e assume uma situação existencial em que é o único sujeito e agente da História, não aceitando “nenhum modelo de humanidade fora da condição humana tal como ela se revela nas diversas situações históricas.” (ELIADE, 1992, p.165). Para este homem, o sagrado consiste em um empecilho à sua liberdade e o mesmo só consegue se sentir completo na medida em que “se dessacraliza e dessacraliza o mundo”.

Respalhando a influência da religiosidade no mundo, o autor afirma que o homem a-religioso descende do *homo religiosus*: “o homem a-religioso, queira ou não, é também obra desse, constitui-se a partir das situações assumidas por seus antepassados” (ELIADE, 1992, p. 165).

O homem a-religioso *no estado puro* é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas. A maioria dos “sem religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. Não se trata somente da massa das “superstições” ou dos “tabus” do homem moderno, que têm todos uma estrutura e uma origem mágico-religiosas. O homem moderno que se sente e se pretende a-religioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados. (ELIADE, 1992, p.166)

Dentre inúmeras religiões existentes na sociedade contemporânea, o cristianismo tem destaque, especialmente no Ocidente. Ele é um componente da nossa cultura, normas e leis, exercendo forte influência na sociedade: “O cristianismo impregna, com maior ou menor evidência, a vida cotidiana, os valores e as opções estéticas até mesmo dos que o ignoram.” (CORBIN, et. al, 2009, XIII).

Para a compreensão da relevância adquirida pelo cristianismo na sociedade ocidental, segue-se um breve histórico da trajetória desta crença. Thelamon (2009, p.3) afirma que “o cristianismo nasceu numa época precisa da história do mundo mediterrâneo e próximo-oriental, a Antiguidade, num país, a Judéia, que então fazia parte do Império Romano.” Segundo a autora, sua origem “está na pregação do profeta judeu Jesus de Nazaré, que os cristãos reconhecem como filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado para a salvação dos homens. A fé cristã se baseia no testemunho dos primeiros discípulos.” (THELAMON, 2009, p.3)

Neste sentido, Baslez (2009, p.30,31) aponta que “o ato de nascimento do cristianismo se baseia no ato de fé de um pequeno grupo de galileus diante de um túmulo vazio. A Ressurreição é o cerne da nova fé: era uma esperança já viva em certas correntes judaicas, farisaicas e essênias.[...]” Segundo a autora, “o cristianismo conserva a concepção bíblica da ressurreição dos corpos, sem entrar nas idéias gregas de renascimento ou transmigração das almas[...]”. (BASLEZ, 2009, P.31)

Os primeiros discípulos “reconheceram em Jesus o Messias ou Cristo (donde o nome de cristãos que lhes foi dado) anunciado pelos profetas.” (THELAMON, 2009, p.3). Esses proclamaram que Jesus havia sido morto por homens, porém fora ressuscitado por Deus e ainda disseram que o tocaram após tal feito. Segundo os discípulos, após Jesus desaparecer, “lhes enviara o Espírito Santo, que os animava para anunciar essa Boa Nova (Evangelho) “até os confins da Terra”, conforme a missão que Jesus lhes confiara” (THELAMON, 2009, p.3). Esses relatos citados pela autora são encontrados nos Evangelhos de Mateus (capítulo 28), Marcos (capítulo 16), Lucas (capítulo 24) e João (capítulos 20 e 21), como também no livro dos Atos dos Apóstolos (capítulos 2, 3).

Ainda conforme indicações de Thelamon (2009), nos séculos IV e V:

Pequenas comunidades de crentes se formaram entre judeus e não-judeus (ou “gentios”), na Palestina, depois na parte oriental do Império Romano e em Roma, em seguida em sua parte ocidental, mas também em regiões externas – Mesopotâmia e talvez Índia, a partir da época apostólica, Armênia, Geórgia, Etiópia – e entre os povos bárbaros: visigodos, ostrogodos, vândalos. (THELAMON, 2009, p.3,4)

A Diogneto (2009, p.34) afirma que os cristãos “foram perseguidos tão logo que, identificados como tais, não gozaram mais do estatuto privilegiado dos judeus. A perseguição, de início pontual, local e esporádica, foi sistemática em meados do século III”.

Porém, o cristianismo continuava a expandir-se e “o reconhecimento da liberdade religiosa em face do fracasso das perseguições e a adesão à fé cristã pessoal do imperador Constantino (a partir de 312) e de seus sucessores, com exceção de Juliano, criam condições radicalmente novas.” (THELAMON, 2009, p.5). Com sua adesão a tal fé, Constantino concede favores aos cristãos, intervém em assuntos da Igreja, reprime pouco a pouco cultos tradicionais.

Uma série de leis foi emitida de 391 a 394 vetando quaisquer manifestações de cultos pagãos. Nesta época o imperador era Teodósio. Uma lei em 8 de novembro de 392, promulgada para todo o Império Romano, desautorizava “todos os sacrifícios, inclusive os modestos sacrifícios do culto doméstico[...], seja em público, seja em particular, seja qual for o nível social, sob pena de multas pesadíssimas e até de punições mais graves.” (MARAVAL, 2009, p.53). Segundo o autor, tal lei fez do cristianismo a religião do Império Romano, pois a religião tradicional havia perdido qualquer direito legal de expressão. (MARAVAL, 2009, p.53)

A partir daí, “havia que pensar o Estado romano no plano divino, na economia da salvação, pensar a relação do soberano cristão com Deus e com seu lugar na Igreja.” (THELAMON, 2009, p.54). Segundo a autora “nos Estados antigos, a realeza humana era pensada como imagem terrestre da realeza divina, e aquele que era investido dela, como representante na terra do soberano celeste; o exercício do poder era uma imitação sacralizante da ação divina.” (THELAMON, 2009, p. 54)

Em relação ao cristianismo ocidental latino, Lepelley (2009, p.113) afirma que o mesmo nasceu na África do Norte, região em que hoje predomina o islamismo.

Surgida no Oriente num meio judeu, que não demorou a ser impregnado de helenismo, a nova religião por muito tempo só teve, em Roma e no resto da Europa ocidental, pouquíssimos membros de colônias orientais. Na África do Norte, desde a segunda metade do século II, desenvolveu-se em todos os meios oficiais a comunidade cristã mais abundante e mais dinâmica, logo de início de língua latina. É lá também, que no século V, o cristianismo ocidental encontrou sua personalidade própria, intelectual e espiritual, graças à marca indelével que o pensamento e a obra de santo Agostinho iriam lhe imprimir. (LEPELLEY, 2009, p.113)

Segundo o autor, antes de Agostinho, todo o pensamento teológico e filosófico do cristianismo era em língua grega, quase exclusivamente.

Na Idade Média segue-se uma obra missionária, ampliando espaços cristianizados. Constantinopla e Roma, duas metrópoles possuem duas formas de cristianismo “que não eram

denominados “ortodoxo” e “católico”, mas “grego” e “latino”. No Ocidente, para aprofundar a cristianização da sociedade e dissociar o espiritual do temporal, o papado se erigiu em potência religiosa soberana.” (VINCENT, 2009, p.143). Porém, segundo a autora, na Idade Média não havia uma submissão cega à Igreja. “A penetração da mensagem cristã suscitou, depois do ano mil, fortes correntes de afirmação (cruzada) e de contestação (heresia).” (VINCENT, 2009, p.143)

A partir do século XI, a “cidade de Roma se transformou numa predominância institucional sobre o mundo cristão, fazendo do papa muito mais do que o bispo de Roma[...] assume seu papel de chefe da parte ocidental do mundo cristão.” (PARISSE, 2009, p.163). Porém, no século XII surgem as denominadas heresias, que seriam uma manifestação de rejeição às normas eclesiásticas. (BIGET, 2009, p.187).

A resposta da Igreja às manifestação contrárias vem com a Inquisição, no século XIII:

Toda uma série de concílios regionais, coroados pelo de Latrão III(1179) e, sucessivamente, pela bula *Ab abolendam* (1184), começa a organizar perseguições aos heréticos. Passa-se, assim, com o apoio dos príncipes temporais, cujo poder judiciário acompanha a mesma evolução, da justiça acusatória à justiça inquisitória no domínio da fé. Em seguida, o papa Inocêncio III, pela Constituição *Vergentis in senium*(1199), assimila a heresia a um crime de lesa- majestade divina, exposto às mesmas penas que os atentados à majestade imperial romana. (BIGET, 2009, p.192).

E é por volta do ano de 1520 que ocorre a chamada Reforma Protestante. Ocorre em um contexto que, segundo Lemaitre (2009, p.271):

A religião estabelecida adquiria um caráter negativo que justificava seu questionamento por poderosos movimentos: reforma das instituições políticas, clericais e monásticas, do papado ou do clero, mas também reforma da leitura da Bíblia, da pregação, da oração pessoal e, principalmente, dos costumes.

Nos séculos XIX e XX as missões têm seu segundo grande impulso, tendo sido o primeiro nos séculos XVI e XVII. São elas que garantem a propagação e a vitalidade da fé cristã. “Católicas ou protestantes, as missões têm em comum funcionar como redes mundiais que se apóiam nos fiéis, arrecadam fundos, fazem surgir vocações, racionalizam os investimentos. (PRUDHOMME, 2009, p.436).

Os resultados obtidos por meio de missões, ainda segundo o autor:

Após um período de latência, que pode ser breve ou durar várias gerações, certas populações aderem em massa ao cristianismo. Este se torna assim a religião majoritária na África subsaariana equatorial, oriental e austral. O Pacífico é outro grande espaço que se tornou majoritariamente cristão. Já a Ásia permanece amplamente impermeável à evangelização, com exceção da Coreia do Sul. [...] O cristianismo continua sendo ultraminoritário nos mundos asiáticos, salvo em alguns países: Filipinas (90%), Timor oriental (95%), Coreia (25%), Vietnã (9%), Indonésia (10%), Cingapura (13%) e Sri Lanka (8%).

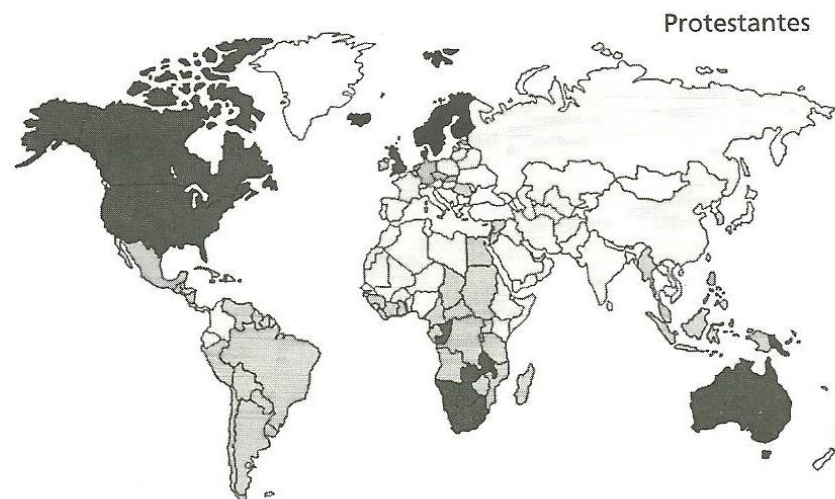
Nesse breve relato da história do cristianismo, chegamos aos dias atuais, onde o mesmo “é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental. Há 2 mil anos permeia a história, a literatura, a filosofia, a arte e a arquitetura da Europa. Assim, conhecer o cristianismo é pré-requisito para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos.” (GAARDER et al, 2000, p.137)

Para Feuerbach (2002, p.158), uma das razões para a boa aceitação do cristianismo reside no fato de seu livro sagrado ter sido escrito por homens comuns: “os apóstolos e evangelistas não eram homens cientificamente cultivados. [...] Os apóstolos eram homens do povo, e o povo vive apenas em si, no ânimo; por isso o cristianismo triunfou sobre os povos.”

Porém, independentemente das razões de sua propagação, o fato é que, hoje, tal crença tem presença em todos os continentes, em maior ou menor grau, conforme ilustrado a seguir (CORBIN, 2009, p. 449):



## O CRISTIANISMO HOJE



Forte impregnação  
 Impregnação média

Fraca impregnação  
 Fraquíssima presença

A Bíblia, independentemente de sua faceta sagrada, é um livro muito estudado. Sua influência na vida das pessoas leva à realização de muitos estudos por religiosos e historiadores, quanto à sua formação, concepção e autenticidade:

Os motivos dos estudiosos, cristãos, judeus e seculares, são compreensíveis: um pequeno corpo de escritos, primeiro em hebraico, depois em grego, produzidos numa estreita faixa do litoral leste do Mediterrâneo durante um período de mais ou menos uma dúzia de séculos, continuou a ter conseqüências do maior alcance porque esses escritos foram aceitos como verdade revelada; e no interesse da verdade *histórica* tornou-se obrigatório tentar compreender o processo pelo qual essa literatura emergiu de sua situação histórica original. (ALTER; KERMODE, 1997, p.12)

Contudo, justamente a sacralidade atribuída à Bíblia reforça seu poder de legitimidade:

A hierarquia é sagrada – como diz a etimologia – e o soberano depende da ordem divina, dela fazendo parte ou recebendo o seu mandato. Logo o passado coletivo, elaborado em uma tradição, em costume, é a origem da legitimação. É uma reserva de imagens, de símbolos, de modelos de ação; permite empregar uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades, a serviço do poder presente. Este gere e assegura seus privilégios colocando em cena uma herança. (BALANDIER, 1982)

Sendo assim, identificar as manifestações de hospitalidade presentes na Bíblia torna-se relevante, considerando que uma massa de bilhões de pessoas, que se professam cristãs, têm no livro, um manual sagrado. Tal sacralidade ressalta o poder de legitimidade da religiosidade que, nessa reflexão, está ligada à legitimação da hospitalidade no mundo moderno.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Metodologia

A base de uma pesquisa é a observação de fatos. (DENCKER, 1998, p. 63). Buscou-se neste trabalho uma verificação da presença do conceito de hospitalidade e de suas dimensões na Bíblia, no intuito de verificar como a mesma aparece e se é uma prática recomendada aos cristãos.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, a qual valoriza a subjetividade e se caracteriza por buscar compreender detalhadamente os significados e características situacionais do objeto pesquisado, em lugar de produzir medidas quantitativas de características ou comportamentos. (RICHARDSON, 2007, p.90)

A finalidade do estudo caracteriza-o como uma pesquisa exploratória, que se traduz pela busca em “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.” (SEVERINO, 2007, p.123).

Em relação aos procedimentos adotados, trata-se de uma pesquisa documental, que utiliza documentos que não receberam um tratamento analítico. (GIL, 2007, p.66).

Na coleta de informações uma pesquisa se utiliza de várias fontes, de forma direta ou indireta. Segundo Medeiros (2006, p. 49), na forma direta os dados são levantados no local de ocorrência dos fenômenos; já na maneira indireta, a coleta de dados se dá por documentação. Assim, o estudo aqui realizado ocorreu de maneira indireta, entendendo a Bíblia como um documento, por não ter caráter científico.

A técnica de busca e análise das informações foi realizada com inspiração na Análise de Conteúdo, que “é uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos.” (SEVERINO, 2007, P.121). Segundo o autor, trata-se de “compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações, envolvendo a análise do conteúdo das mensagens, enunciados dos discursos e a busca do significado das mensagens” (SEVERINO, 2007, P.121).

Nesta técnica interessa mais o estudo das idéias e não das palavras com que são expressas. O objeto de análise pode ser um texto escrito, mas pode estar também em expressões não escritas. A técnica é composta basicamente pelos passos: estabelecimento de

unidades de análise; determinação das categorias de análise; e seleção da amostra do material a analisar. (ANDER-EGG apud SCHLUTER, 2003 p.110).

O estudo se desenvolveu com um embasamento conceitual da hospitalidade e demonstração das definições dadas por autores que a entendem como conceito relacionado à dádiva. Também se objetivou uma reflexão da presença da hospitalidade como preceito na sociedade contemporânea, focando principalmente em sua manifestação pela religiosidade, especificamente manifesta na religião cristã, por sua forte presença no mundo.

A Bíblia é utilizada como objeto de pesquisa por se tratar do livro-referência nas religiões cristãs.

## **2.2 Bíblia: objeto de análise**

O conhecimento teológico (do grego *theos*, que significa Deus, e *logos* que significa discurso/tratado) trata-se de uma investigação de tudo o que diz respeito a Deus e à fé. (RODRIGUES, 2006, p. 120).

O fundamento da religião é a fé. Por isto, as verdades religiosas são inquestionáveis para os que nelas crêem, por se tratarem da revelação de uma vontade sobrenatural de uma entidade superior e fora deste mundo. Uma de suas principais características é o fato de serem valorativas, isto é, propõem de antemão uma série de valores que devem ser seguidos. As verdades da fé estão registradas em livros sagrados, na palavra de iluminados, apóstolos, discípulos ou profetas e também nas doutrinas orientadoras de um determinado credo religioso.

Este tipo de conhecimento se trata de um conjunto de verdades aceitas por – alguns – homens a partir da revelação divina, e o que se revela é a vontade do Deus em que o crente confia e cujos desígnios deve cumprir. O conhecimento teológico fornece respostas para questões não elucidadas por outras modalidades de conhecimento. Apóia-se em doutrinas, cujas proposições são tidas como sagradas por terem sido reveladas de maneira sobrenatural. As verdades ditadas por este conhecimento são consideradas infalíveis, evidências nunca postas em dúvida pelos que têm fé. (RODRIGUES, 2006, p.120).

A Bíblia é um livro legitimado pela fé. “A Bíblia é um livro singular. Por um lado, ela é uma extraordinária peça de literatura humana; por outro lado, atribui sua origem a Deus.” (LASOR et al., 1999, p.644). Segundo os autores, os termos teológicos que vão expressar tal singularidade são revelação e inspiração: “revelação refere-se à manifestação da verdade por

Deus nas Escrituras; inspiração relaciona-se à recepção inicial, pelo homem, dessa verdade mostrada pelo Espírito divino.” (LASOR et al., 1999, p644).

Nos tempos do chamado Antigo Testamento, para entendimento do que seria a revelação, havia três grupos aceitos como mediadores da vontade de Deus para a comunidade dos crentes: os sacerdotes, que davam ao povo instrução sobre assuntos religiosos e éticos; os sábios, que ofereciam conselhos acerca dos problemas da vida aos reis e ao povo comum; e os profetas, que proferiam instruções que expressavam mensagens de Deus para o povo. Para os que criam, esses eram agentes da comunicação da verdade divina. (LASOR et al, 1999, p.645)

Já a inspiração seria basicamente uma qualidade relacionada a pessoas, mas pode também ser uma característica dos livros, como produtos de pessoas inspiradas. “ A voz dos mediadores humanos escolhidos foi usada para transmitir as verdades que Deus pretendia revelar a Israel. A interação positiva entre o revelador divino e os porta-vozes humanos exigiu inspiração.” (LASOR et al.,1999,p645). Unger (2006) afirma ser inspiração no caso da Bíblia “a influência de Deus sobre os autores humanos das Escrituras.” (UNGER, 2006, p.14).

A palavra “bíblia” vem do termo grego biblia (livros), forma diminutiva de biblos (livro), denotando a parte interna da casca da cana do papiro<sup>2</sup> (papel da antiguidade), da qual eram feitos os livros antigos (rolos). (UNGER, 2006, p. 10)

Segundo Lasor et al. (1999, p.651), a frase muitas vezes empregada para descrever judeus, cristãos e muçulmanos é: povo do livro. Os dois últimos grupos teriam seguido os judeus, para quem as chamadas escrituras eram o registro da sua história, os documentos de sua lei, o testemunho de sua singularidade, o guia para o culto e, acima de tudo, “a revelação do único Deus vivo e verdadeiro” (LASOR et al.,1999, p.651).

A Bíblia diz respeito aos livros que são reconhecidos como canônicos pela igreja cristã. (BRUCE, 1998, p.13). Inicialmente foi o nome dado à casca de um papiro do século XI a.C. Por volta do século II d.C, os cristãos passaram a usar a palavra para designar seus escritos sagrados. (GEISLER;NIX, 1997, p. 5). “A igreja cristã nasceu com um livro nas mãos; o livro que Jesus e seus primeiros seguidores reverenciaram era o Antigo Testamento hebraico. Seus documentos compreendem a primeira metade do cânon cristão.” (LASOR et al., 1999, p.651). Armstrong (2008, p.69) afirma que “as escrituras cristãs foram redigidas em momentos diferentes, em regiões diversas e para audiências muito díspares, mas

---

<sup>2</sup> Casca interna ou casca de papiro, que era usada antigamente no lugar de papel; portanto, volume escrito, rolo, livro, catálogo, relato. (MOULTON, 2007, P.76)

compartilhavam uma linguagem e um conjunto de símbolos, derivados da Lei e dos Profetas, bem como de textos do final do Segundo Templo.”

A reunião dos livros que compõem a Bíblia em um só volume ocorreu através do processo de canonização. “A palavra *cânon* deriva do grego *kanon* (regra, lista) que, por sua vez, se origina do hebraico *kaneh*. [...] mesmo em época anterior ao cristianismo, essa palavra era usada de modo mais amplo, com o sentido de padrão ou norma, além de cana ou unidade de medida.” (GEISLER; NIX, 1997, p.61).

Ao se falar sobre cânon das Escrituras, entende-se a lista de livros que são aceitos pela igreja em geral como aqueles que foram escritos sob uma inspiração divina e, por isso, são usados como regra de fé e da experiência prática da religião cristã. (CHAMPLIN, 2002, p. 633). Segundo Beckwith (1998, p.69) “desde o século IV o vocábulo *kanon* é usado pelos cristãos para indicar uma lista autoritária de livros que pertencem ao Antigo ou ao Novo Testamento”. Tal questão é reforçada por Lasor et al.(1999, p.651): “desde o século IV d.C, o termo cânon tem sido empregado em círculos cristãos para designar a lista regulamentar ou oficial dos livros que formam a Bíblia como regra de fé e prática para o povo de Deus.”

Segundo Champlin (2002, p. 527), o processo de canonização levou vários séculos. Muitas autoridades antigas rejeitaram livros atualmente aceitos. Porém, os cristãos acreditam que este processo foi controlado pelo “Espírito de Deus”, aceitando assim a autoridade divina da coletânea atual. O autor ainda aponta que os concílios realizados pela igreja ao longo da história tiveram influência na formação do cânon. Tais concílios não teriam formado o cânon, mas tiveram a função de declarar a opinião geral da igreja em diversas partes do mundo, consolidando e oficializando assim essas opiniões. (CHAMPLIN, 2002, p. 635).

Champlin (2002, p.636) aponta os seguintes princípios como tendo sido usados para a formação do cânon: circulação universal, autoria dos apóstolos ou dos discípulos dos apóstolos, livros segundo a tradição e a doutrina dos apóstolos, rejeição de livros escritos após o tempo dos apóstolos, rejeição a escritos fabulosos, e uso universal por parte de toda a igreja.

Os livros que ficaram fora do texto sagrado são chamados apócrifos: “do grego *apokryphos*, do latim *apokryphu*”, significa, literalmente, algo “secreto”. Com o tempo, passou a significar obra ou fato sem autenticidade, ou cuja autenticidade não se provou.” (MERCURYO, 1995, p.9).

Tal como conhecida e usada hoje por cristãos, a Bíblia é composta por duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. A palavra *testamento* tradução de palavras hebraicas e gregas que significam pacto ou acordo. Acredita-se que o Antigo Testamento foi escrito pela comunidade judaica e por ela preservado um milênio ou mais

antes da era de Jesus Cristo. O Novo Testamento é atribuído aos discípulos de Jesus Cristo. (GEISLER;NIX, 1997, p. 5).

Unger (2006) aponta que a coleção formal de escritos cristãos feita na segunda metade do século II foi chamada Novo Testamento e foi colocada junto aos livros canônicos hebreus, em condições de igualdade quanto à inspiração e autoridade. As Escrituras hebraicas foram então denominadas Antigo Testamento. (UNGER, 2006, p.11).

Ainda segundo o autor, o Antigo Testamento foi escrito quase totalmente em hebraico, com alguns trechos em aramaico. Já o Novo Testamento em grego. “A arqueologia demonstra que essa era a língua cotidiana (*koine*) do mundo greco- romano da época. (UNGER, 2006, p.12)

As Escrituras do Antigo Testamento foram escritas ao longo de um período que abarca mais de um milênio, de cerca de 1450 a.C a cerca de 400 a.C. As partes mais antigas foram escritas sobre couro ou papiro, em hebraico antigo.

No Antigo Testamento, tem-se a narração do pacto de Aliança que Deus fez com o povo de Israel. No Novo Testamento é encontrado o pacto feito por Deus com toda a humanidade por intermédio de Jesus Cristo. Nele há relatos da vida e morte de Jesus, como também fatos da igreja cristã primitiva e cartas de aconselhamento sobre o sentido da fé cristã. (GAARDER et al, 2000, p.217)

## O Cânon do Antigo Testamento

Bíblia Hebraica (24)	Bíblia Protestante (39)	Bíblia Católica (46)
TORÁ (5)	LEI (5)	LEI (5)
Gênesis	Gênesis	Gênesis
Êxodo	Êxodo	Êxodo
Levítico	Levítico	Levítico
Números	Números	Números
Deuteronômio	Deuteronômio	Deuteronômio
PROFETAS (8)	HISTÓRIA (12)	HISTÓRIA (14)
<i>Profetas Anteriores</i> (4)	Josué	Josué
Josué	Juizes	Juizes
Juizes	Rute	Rute
1-2Samuel	1Samuel	1Reis (ou 1Samuel)
1-2Reis	2Samuel	2Reis (ou 2Samuel)
<i>Profetas Posteriores</i>	1Reis	3Reis (ou 1Reis)
Isaías	2Reis	4Reis (ou 2Reis)
Jeremias	1Crônicas	1Paralipômene (ou 1Crônicas)
Ezequiel	2Crônicas	2Paralipômene (ou 2Crônicas)
Os Doze	Esdras	Esdras—Neemias (ou Ed, Ne)
Oséias	Neemias	Tobias (Tobit)
Joel	Ester	Judite
Amós		Ester
Obadias	POESIA (5)	
Jonas	Jó	POESIA E SABEDORIA (7)
Miquéias	Salmos	Jó
Naum	Provérbios	Salmos
Habacuque	Eclesiastes	Provérbios
Sofonias	Cântico dos Cânticos	Eclesiastes
Ageu		Cântico dos Cânticos
Zacarias	PROFETAS MAIORES (5)	Sabedoria de Salomão
Malaquias	Isaías	Eclesiástico (Siraque)
	Jeremias	
ESCRITOS (11)	Lamentações	LITERATURA PROFÉTICA (20)
<i>Emeth (Verdade)</i> (3)	Ezequiel	Isaías
Salmos	Daniel	Jeremias
Provérbios		Lamentações
Jó	PROFETAS MENORES (12)	Baruc
<i>Megilloth (Rolos)</i> (5)	Oséias	Ezequiel
Cântico dos Cânticos	Joel	Daniel
Rute	Amós	Oséias
Lamentações	Obadias	Joel
Eclesiastes	Jonas	Amós
Ester	Miquéias	Abdias (Obadias)
Daniel	Naum	Jonas
Esdras—Neemias	Habacuque	Miquéias
1-2Crônicas	Sofonias	Naum
	Ageu	Habacuc (Habacuque)
	Zacarias	Sofonias
	Malaquias	Ageu
		Zacarias
		Malaquias
		1Macabeus
		2Macabeus

(Fonte: LASOR, 1999, p.658)



A Bíblia é composta por 66 (sessenta e seis) livros, escritos ao longo de um período de mais de mil anos, os quais trazem “lenda e história, poesia e narrativa, discursos, leis, teses, cartas e, no Novo Testamento, os quatro relatos sobre a vida de Jesus.” (GAARDER et al, 2000, p.217)

Na igreja cristã, o Antigo Testamento é dividido em “39 livros distintos, em vez de 24, como no judaísmo. Este é um arranjo puramente prático, que se deve em parte à concepção judaica de que os doze “profetas menores” formam um único livro.” (GAARDER et al, 2000, p.217)

Há três grandes ramos do cristianismo: “o ortodoxo, que tradicionalmente acentua a importância do culto; o protestante, que se centra na Bíblia; e o católico que tem sido teoricamente a igreja do sacramento baseado na Bíblia.” (SALEMA; GARCIA, 1980, p. 50)

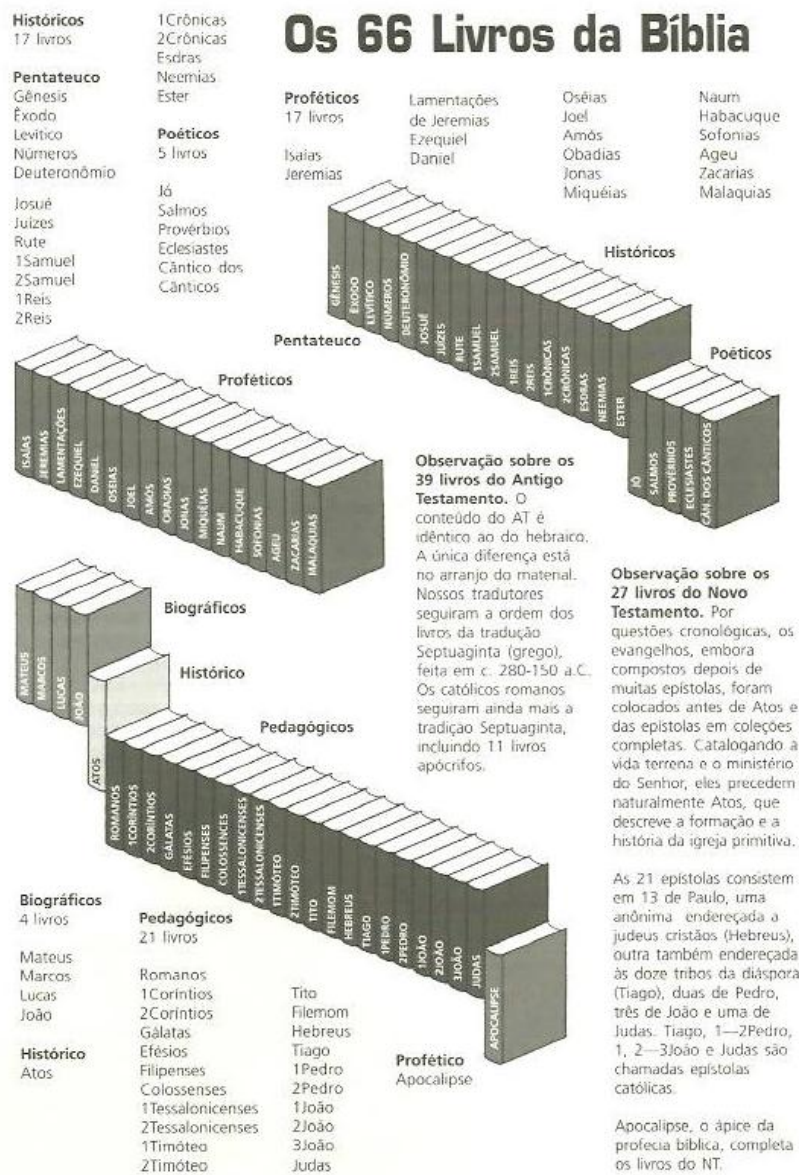
Dentre os cristãos, existe uma diferença nas Bíblias usadas por católicos e protestantes: a inclusão pela Igreja Católica de sete livros considerados apócrifos pelos protestantes. Tais livros encontram-se todos no Antigo Testamento. A inclusão de tais livros pela Igreja Católica deu-se no Concílio de Trento (1545-1563), décimo nono concílio realizado pela Igreja Católica Romana, convocado para formular resposta às perturbações causadas pela Reforma Protestante. (CHAMPLIN, 2002, p. 485)

Para os relatos bíblicos deste estudo, se usou a Bíblia adotada por protestantes por que, além de ser a de conhecimento prévio da autora da pesquisa, ela, “é [...] o livro isolado que mais facilmente vem à mente quando falamos da Bíblia. [...] ela inclui todos os livros reconhecidos pelos judeus modernos como constituintes de sua Bíblia e todos os livros que os cristãos concordam serem partes das suas.” (ALTER; KERMODE, 1997, p. 17)

Na referida Bíblia, no Antigo Testamento, os livros estão dispostos em três divisões: a Lei; os Profetas; os Escritos. A razão desta divisão é encontrada na história judaica. O Novo Testamento tem sido aceito pela maioria dos cristãos como tendo 27 livros, dispostos em quatro divisões: 4 evangelhos; atos dos apóstolos; 21 cartas escritas pelos apóstolos e “homens apostólicos”; e o livro de apocalipse. (BRUCE, 1998, p.16,19).

Outra divisão possível dada ao livro é em seções: quatro no Antigo Testamento (Lei, Poesia, História e Profetas); e quatro no Novo Testamento ( Evangelhos, História, Epístolas e Profecia). A divisão do Antigo Testamento em quatro seções é baseada na disposição dos livros por tópicos, com origem na tradução da chamada Escrituras Sagradas para o grego. Esta tradução é conhecida como Septuaginta e se iniciou no século III a.C. (GEISLER; NIX, 1997, p. 7)

Segundo Geisler; Nix (1997, p.9) as bíblias mais antigas não eram divididas em capítulos e versículos, como hoje. Para os autores estas divisões foram feitas para facilitar a tarefa de citar as Escrituras. Stephen Langton, professor da Universidade de Paris teria dividido a Bíblia em capítulos no ano de 1227. E Robert Stephanus, impressor parisiense, teria acrescentado a divisão em versículos em 1551 e 1555.



(Fonte: UNGER, 2006, p.13)

O fato é que, mesmo sendo questionada por muitos, a Bíblia é um dos livros mais lidos no mundo. Neste prisma, Gaarder (et. al, 2000, p. 216) afirma:

Primeiro livro a ser publicado logo que se desenvolveu a arte da impressão, já foi traduzido para 270 línguas; na verdade, trechos da Bíblia podem ser encontrados em mais de 1600 línguas. E continua vendendo aos milhões. Nenhum outro livro na literatura mundial teve tal disseminação.

E “continua sendo o livro mais extensivamente impresso, o mais largamente traduzido e o mais frequentemente lido em todo o mundo.” (HENRY, 1998, p.40). Apesar de ser um dos livros mais antigos do mundo, ainda é *bestseller* mundial por excelência. “É produto do mundo oriental antigo; moldou, porém, o mundo ocidental moderno.[...] É o livro mais traduzido, mais citado, mais publicado e que mais influência tem exercido em toda a história da humanidade.”(GEISLER; NIX, 1997, p.6)

### **2.3 Desenvolvimento da pesquisa**

Para Dencker (1998, p. 25) “toda pesquisa possui uma intencionalidade, um objetivo, que é a busca de conhecimento para compreender determinada realidade, e está ligada ao contexto histórico-sociológico (valores, ideologias, concepções de mundo) do pesquisador.”

A realização do primeiro contato com a Bíblia era uma realidade precedente ao trabalho aqui desenvolvido, uma vez que a autora estuda regularmente o livro, tendo um conhecimento prévio do mesmo. Este fator pode ser considerado relevante para o bom andamento do estudo, uma vez que Medeiros (2006, p.50) afirma que para a pesquisa bibliográfica é importante “que seja escolhido assunto condizente com a capacidade do pesquisador, de acordo com suas inclinações e gostos pessoais.”

De maneira prática, seguiram-se os seguintes passos: pesquisa *on line* tendo como palavra-chave “hospitalidade”; e posteriormente as palavras: hospitaleiro; acolhimento, acolher, acolhida; estrangeiro, hóspede, hospedar. Nesta busca foram encontrados cerca de 403 trechos, sendo alguns diretamente relacionados ao sentido da hospitalidade e outros não. O vocábulo em que mais trechos foram encontrados, 343, foi “estrangeiro”.

Esta busca foi realizada primeiramente no site da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), entidade associada às Sociedades Bíblicas Unidas, com sede na Inglaterra, que foi fundada no século XIX com o objetivo de facilitar o processo de tradução, produção e distribuição da Bíblia por meio de estratégias de cooperação mútua. Hoje compõe 145 entidades que atuam

em mais de 200 países. A SBB foi criada em 10 de junho de 1948, na cidade do Rio de Janeiro. Desde sua criação, tendo como lema “Dar a Bíblia à Pátria”, assumiu as atividades de tradução, produção e distribuição da Bíblia no território brasileiro. “Sua natureza é filantrópica, social e cultural, sendo amplamente reconhecida pelos órgãos oficiais brasileiros. (SBB, 2010).

Também foi realizada uma pesquisa *on line* na Bíblia publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entidade brasileira ligada ao Vaticano, órgão máximo de representação da Igreja Católica mundial. A CNBB tem a competência de colaborar com a Sé Apostólica, favorecendo e articulando as relações entre as igrejas particulares do Brasil e a Santa Sé, além de se relacionar com outras Conferências Episcopais, particularmente da América. (CNBB, 2010)

A realização da pesquisa *on line* nas duas fontes citadas deve-se ao fato de uma diferenciação em relação à Bíblia utilizada por cristãos católicos e protestantes. A Bíblia católica possui seis livros a mais, todos constantes do chamado Antigo Testamento: Tobias, Judite, I e II Macabeus, Eclesiástico, Sabedoria, Baruc. Diferença esta explicada anteriormente.

Posteriormente, realizou-se a mesma busca por vocábulos através da parte “concordância bíblica” na Bíblia publicada pela SBB, de autoria de João Ferreira de Almeida, versão de estudo, revista e atualizada; e no índice doutrinal de uma das publicações recomendadas pela CNBB. Além de consulta a dicionários e enciclopédias bíblicas. Outros relatos foram identificados por meio do conhecimento prévio da autora, através de leituras da Bíblia.

Ressalta-se a existência de publicações, tanto pela SBB como por instituições católicas, que usam outras formas de linguagem, como por exemplo, “linguagem de hoje” e “corrigida”. Assim, em se tratando da pesquisa por palavras, uma busca em outras versões poderia alterar os dados aqui apresentados. Portanto, as informações que seguem são dadas com base nas versões utilizadas para o estudo, as quais foram escolhidas por pertencerem a órgãos reconhecidos.

Frisa-se também o uso das publicações no intuito de restringir e tornar possível o trabalho. Outrossim, são relatadas situações que evocam hospitalidade, sendo os vocábulos utilizados, portanto, apenas uma das etapas da pesquisa. A maior precisão perseguida foi em relação às situações que demonstram hospitalidade, sendo o uso de vocábulos, questão secundária e apenas facilitadora da pesquisa.

### 3 HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE: DUAS VERTENTES NA BÍBLIA

O vocábulo “hospitalidade”, nas traduções utilizadas neste estudo, aparece três vezes na Bíblia de Estudo Almeida, publicação da SBB, apenas no chamado Novo Testamento: no livro de Romanos (12:13)<sup>3</sup>, na Primeira carta de Paulo a Timóteo (5:10) e no livro de Hebreus (13:2). Na publicação da CNBB, aparece as mesmas três vezes, com a seguinte diferença: não aparece na Primeira Carta a Timóteo e aparece no livro Sabedoria (19:13), constante do Antigo Testamento na Bíblia utilizada pela Igreja Católica.

Champlin (2002, p. 166) aponta que o Novo Testamento grego, para indicar a idéia de gentileza e generosidade com visitantes, utiliza o vocábulo *philoxenia*, que significa “amor aos estranhos”. Segundo o autor, na forma nominal, hospitalidade é usada apenas duas vezes: no livro de Romanos (12:13) e no livro de Hebreus (13:2). E, em sua forma adjetivada, com o sentido de hospitaleiro, três vezes: nas epístolas Primeira Timóteo (3:2), Tito (1:8) e Primeira Pedro (4:9).

Percebemos assim que o vocábulo hospitalidade é presente no Novo Testamento e tem apenas uma aparição no Antigo. Porém, o Antigo Testamento é recheado de recomendações sobre a prática de se acolher o outro, tido como estrangeiro. Contudo, no Antigo Testamento encontram-se também ressalvas em relação aos estrangeiros, que levam a atitudes não apenas hostis, mas de conflitos com os mesmos. As restrições dizem respeito principalmente, pelo relato bíblico, ao fato dos estrangeiros cultuarem outros deuses, não o deus de Israel, o que poderia levar os israelitas a serem mal influenciados, segundo a perspectiva bíblica.

#### 3.1 Um povo escolhido?

A Bíblia traz, no Antigo Testamento, após o relato da criação do homem e dos chamados patriarcas, a história dos israelitas, que, segundo o Livro Sagrado seriam o povo escolhido de Deus.

É a este povo que Deus estabelece leis civis e religiosas retratadas na Bíblia. Segundo Parise (2007, p. 5):

---

<sup>3</sup> Os livros da Bíblia são divididos em capítulos e, dentro destes, há uma divisão em versículos. Sendo assim, o primeiro número da referência diz respeito ao livro e o segundo, aos versículos.

No passado, Israel foi concebido como um povo tão diferente dos demais que quase parecia alheio ao contexto cultural em que formou sua identidade, e isso só pelo fato de ter sido o povo da Bíblia, escolhido por Deus.

Esta condição de povo escolhido poderia aqui já ser apontada como uma manifestação de exclusão da parte de Deus, pois afinal, porque há um povo escolhido? E os demais, por que não o são?

O que os autores bíblicos relatam é que tal povo é descendente de Abraão, homem a quem Deus escolheu para ser “pai de nações” e os israelitas seriam seus descendentes. O nome de Abraão aparece na Bíblia no capítulo 11 do livro de Gênesis onde há o relato de que era filho de Tera, filho de Sem, filho de Noé. No capítulo seguinte tem-se o relato do chamado de Deus a Abraão, até então chamado Abrão. Seu nome teria sido mudado pelo próprio Deus: *“Abrão já não será o seu nome e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí.”* (Gênesis 17:5).

Segundo o demonstrado na Bíblia, a chamada de Deus a Abraão faz com que “o mundo entre em uma nova etapa.[...] Deus irá formar um novo povo que começa com Abraão.” (ALMEIDA, 2006, 32).

Para Armstrong (2008, p.25) o relato bíblico encontrado no livro de Gênesis sobre a história de Abraão e seus descendentes imediatos sugere “que a instalação dos hebreus em Canaã, o moderno Israel, ocorreu em três etapas”:

A primeira, associada a Abraão e Hebron, teve lugar por volta de 1850 AEC<sup>4</sup>. A segunda relaciona-se com o neto de Abraão, Jacó, que recebeu o nome de Israel (“Que Deus mostre sua força “); ele se estabeleceu em Siquém, hoje a cidade árabe de Nablus, na Cisjordânia. A Bíblia nos informa que os filhos de Jacó, que se tornaram os ancestrais das doze tribos de Israel, emigraram para o Egito durante uma grande fome em Canaã. A terceira etapa remonta a aproximadamente 1200 AEC, quando tribos que se diziam descendentes de Abrão partiram do Egito para Canaã. (ARMSTRONG, 2008, p.25)

Ainda conforme a autora, “contavam que os egípcios as escravizaram e uma divindade chamada Javé, deus de seu chefe Moisés, as libertara. Depois de entrar à força em Canaã, aliaram-se aos hebreus locais e passaram a ser chamados de o povo de Israel.” (ARMSTRONG, 2008, p.25,26)

---

<sup>4</sup> AEC: denominação dada pela autora em sua obra, designando Antes da Era Comum.

Segundo Parise (2007, p.5) é aproximadamente em 1200 a.C que a nação de Israel começa a se formar e viver na Palestina, “num contexto geográfico caracterizado por muitos deslocamentos de povos, êxodos e migrações freqüentes. A Palestina é um lugar de passagem [...] um lugar onde a experiência do estrangeiro é um fato cotidiano.”

Parise (2007, p.6) ainda ressalta as etapas da história de Israel: “nomadismo, sedentarização, monarquia, escravidão no Egito, profetismo, deportação na Babilônia, volta para Israel, período helenista. Em cada uma dessas etapas Israel desenvolve, modifica e altera a concepção de acolhida.”

## **3.2 O estrangeiro no Antigo Testamento**

### **3.2.1 A hospitalidade que acolhe**

Alusões ao tratamento que deve ser dado ao estrangeiro são encontradas principalmente nos livros que compõem o chamado Pentateuco<sup>5</sup>. Ainda que este seja dividido em cinco livros, constitui uma unidade. A divisão corresponde à tradução grega do Antigo Testamento, a chamada Septuaginta ou Versão dos Setenta. (ALMEIDA, 2006, p.15).

Os cinco livros componentes do Pentateuco são: Gênesis, que teria como objetivo registrar o momento em que Deus criou o mundo e seu desejo de ter um povo separado para adorá-lo; Êxodo, que registra os acontecimentos da libertação de Israel da escravidão do Egito e seu desenvolvimento como nação; Levítico, que seria um manual para os sacerdotes e levitas traçarem suas responsabilidades quanto à adoração e um guia de vida santa para os hebreus; Números, onde se busca contar como Israel se preparou para entrar na Terra Prometida, como os israelitas pecaram, foram punidos e prepararam-se para uma nova etapa em seu relacionamento com Deus; e, por fim, Deuteronômio, que serviria para lembrar aos israelitas o que Deus havia realizado. Sua escrita é um encorajamento à dedicação da vida a Deus. (ALMEIDA, 1995, p.2, 82, 138, 176, 230)

É importante compreender que o “estrangeiro”, no Antigo Testamento, seria todo aquele que não faz parte do povo de Israel. “O Antigo Testamento dá especial atenção ao relacionamento de Deus com Israel, o povo escolhido”. (ALMEIDA, 2006, p.9). “Estrangeiro é denominado gentio, aquele que não é israelita”. (ALMEIDA, 2006, p.50 – apêndice). Tais denominações demonstram a presença de uma hostilidade, pois o não israelita era

---

<sup>5</sup> Pentateuco é o nome pelo qual, tradicionalmente, se conhece o grupo dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento.

denominado como aquele não pertencente ao grupo de pessoas teoricamente escolhidas pelo “único Deus Todo Poderoso”.

Mas, ao tratar do estrangeiro, a Bíblia ainda distingue alguns tipos: o estranho em geral, que consiste no que vem de fora, não pertencendo ao povo eleito. É o imigrado que vem morar em Israel e é definido pelo termo *gher*; também existe o estrangeiro de passagem, cujo termo é *nokri*, e é aquele que não pretende se estabelecer. (PARISE, 2007, p.6). O livro de Sabedoria, faz menção ao caráter passageiro de um hóspede: “*De fato, a esperança do ímpio é como penugem levada pelo vento, como espuma frágil que a tempestade espalha; ela se dissipa como fumaça ao vento, **apaga-se como a lembrança do hóspede de um dia!***” (Sabedoria 5:14)

Segundo Bentoglio (2007, p.59 e 62 apud PARISE, 2007, p.6), o estrangeiro residente, em geral, usufrui de certos direitos nos povos do antigo Oriente Médio e também em outras culturas. “Em geral, do ponto de vista social, esses estrangeiros residentes são homens livres, e se opõem, portanto, aos escravos, apesar de não terem todos os direitos reconhecidos.” (VAUX, 2003, p.98-100 apud PARISE, 2007, p.6)

No livro de Êxodo, a menção que se tem do tratamento a ser dado ao estrangeiro diz respeito ao direito desse em participar da Páscoa a ser celebrada pelos israelitas, desde que seja circuncidado:

Porém, se **algum estrangeiro se hospedar contigo** e quiser celebrar a Páscoa do SENHOR, seja-lhe circuncidado todo macho; e, então, se chegará, e a observará, **e será como o natural da terra**; mas nenhum incircunciso comerá dela. (Êxodo 12:48)

A Páscoa foi a comemoração instituída no capítulo 12 do livro de Êxodo, que deveria ser celebrada pelos israelitas como lembrança da libertação de seus antepassados da escravidão no Egito. (ALMEIDA, 2006, p.83). No hebraico, “a palavra é “*pasach*”, que significa saltar por cima. O nome surgiu em face da última praga dada ao Egito, quando o anjo da morte passou por sobre as casas assinaladas com sangue do cordeiro pascal, matando apenas os primogênitos dos egípcios.” (CHAMPLIN, 2002, P.99).

Portanto, a Páscoa era uma festa que teria sentido apenas para os israelitas, mas, caso algum estrangeiro quisesse participar, poderia, desde que se circuncidasse, o que, simbolicamente, o tornaria um israelita. A circuncisão “é interpretada como sinal de pacto entre Deus e a nação de Israel, e, por conseguinte, indispensável como sinal característico de que alguém pertence à mesma”. (CHAMPLIN, 2002, p. 746)



Assim, conclui-se que, na verdade, um estrangeiro apenas participaria da festa se deixasse a condição de estrangeiro. O mesmo era acolhido a ponto de participar de uma celebração de grande significado para Israel, mas tal acolhimento e participação eram condicionais.

O livro de Levítico, também chamado livro das leis, traz ordenanças para o povo de Israel como um todo e para os levitas – os que cuidariam da adoração a Deus – em particular. As passagens que trazem o vocábulo estrangeiro demonstram que ao mesmo é dado o direito de participar das celebrações realizadas pelo povo a Deus, mas também o dever de cumprir os estatutos ordenados.

Tal direito, normalmente dizia respeito não apenas ao *gher*, ou seja, o estrangeiro residente, migrado. Em muitas situações, como demonstrado no versículo a seguir, incluía o estrangeiro de passagem (*nokri*), hospedado em Israel: *Isso vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, aos dez dias do mês, afligireis a vossa alma e **nenhuma obra fareis, nem o natural nem o estrangeiro que peregrina entre vós.*** (Levítico 16:29). A inclusão do estrangeiro peregrino reforça que, se em paz, o mesmo seria acolhido, mas mesmo de passagem, deveria cumprir as leis daquele lugar, ordenadas pelo Deus em que criam os israelitas.

Outras passagens são encontradas no livro no que diz respeito à alimentação do povo, onde o estrangeiro residente é citado como devendo também cumprir as ordenanças (Levítico 17:12, 13; 17:15; 25:6)

Números, um livro que “narra a partida de Israel do Monte Sinai e sua jornada no deserto por uma geração inteira até alcançar a fronteira da Terra Prometida” (ACKERMAN, 1997, p.91) traz uma passagem em que é demonstrada a possibilidade de aceitação de uma oferta feita pelo estrangeiro residente a Deus, desde que tal oferenda seja feita nos moldes estabelecidos ao povo de Israel:

Se também **morar convosco algum estrangeiro** ou quem quer que estiver entre vós durante as vossas gerações, **e trazer uma oferta queimada de aroma agradável ao SENHOR, como vós fizerdes, assim fará ele.** (Números 15:14)

O livro de Deuteronômio traz ordenanças referentes ao reconhecimento que o povo deveria ter para com Deus e, tais ordens expressam que o estrangeiro também deveria compartilhar de tal gratidão:

**Alegrar-te-ás perante o Senhor, teu Deus, tu, e o teu filho, e a tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita que está dentro da cidade, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva que estão no meio de ti, no lugar que o Senhor, teu Deus, escolher para ali fazer habitar Seu nome. (Deuteronômio 16:11).**

**Alegrar-te-ás, na tua festa, tu, e o teu filho, e a tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita e o estrangeiro, e o órfão e a viúva que estão dentro das suas cidades. (Deuteronômio 16:14)**

Também se encontra tal ordenança nos capítulos 26 e 31 do mesmo livro: “alegrar-te-ás por todo o bem que o Senhor, teu Deus, te tem dado a ti e a tua casa, tu, e o levita, e o estrangeiro que está no meio de ti. (Deuteronômio 26:11) e:

Ajuntai o povo, os homens, as mulheres, os meninos e o estrangeiro que está dentro da vossa cidade, para que ouçam, e aprendam, e temam o Senhor, vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei. (Deuteronômio 31:12)

O contexto do capítulo 31, onde se encontra o versículo acima, trata das últimas recomendações de Moisés, antes de passar sua liderança a Josué, seu sucessor. Demonstra a preocupação de que o estrangeiro também aprenda sobre os preceitos e estatutos do Deus de Israel e os siga, para não influenciar os israelitas com suas crenças.

O estrangeiro estaria sujeito às mesmas leis do povo de Israel: *Uma e a mesma lei havereis, tanto para o estrangeiro como para o natural; pois eu sou o SENHOR, vosso Deus.* (Levítico 24:22). Questão expressa também em Números 9:14; 15:15,16; 15: 25b, 26; 15: 29, 30; 19: 10; 35:15; e Deuteronômio 5:14)

O estrangeiro migrado sofreria as mesmas conseqüências do povo de Israel em relação aos erros cometidos:

Dize-lhes, pois: **Qualquer homem da casa de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós que oferecer holocausto ou sacrifício e não o trazer à porta da tenda da consagração, para oferecê-la ao Senhor, esse homem será eliminado do seu povo. Qualquer homem da casa de Israel ou dos estrangeiros que peregrinam entre vós que comer algum sangue, contra ele me voltarei e o eliminarei do seu povo.** (Levítico 17:8-10).

Também dirás aos filhos de Israel: Qualquer dos filhos de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinam em Israel, que der seus filhos a Moloque<sup>6</sup> será morto; o povo da terra o apedrejará. (Levítico 20:2)

---

<sup>6</sup> Moloque era o Deus supremo dos amonitas. Seu culto incluía o sacrifício de crianças. (ALMEIDA, 2006, p.76)

Aquele que blasfemar o nome do Senhor será morto; toda a congregação o apedrejará; **tanto o estrangeiro como o natural**, blasfemando o nome do Senhor será morto. (Levítico 24:16)

Os relatos expressos demonstram que “a legislação sobre a relação com os estrangeiros, em particular os migrantes (*gher*), ocupa um lugar fundamental, pela firmeza com que são lembrados e defendidos os seus direitos” (DORNELAS, 2007, p.10).

A acolhida dada pelo povo de Israel aos estrangeiros era um fato comum à época e à região em que se encontravam no momento de sua formação enquanto nação “escolhida”. “No deserto, a hospitalidade é uma necessidade de vida. O hóspede é sagrado entre as tribos nômades. [...] Sendo uma necessidade de sobrevivência comum, todos têm direito a ela por parte de todos.” (PARISE, 2007, p.7). O autor refere-se à primeira fase do povo israelita, onde os mesmos eram nômades ou seminômades. Para Parise (2007, p.7), no deserto a tribo é a unidade social mais importante. O indivíduo quando separado do seu grupo contaria com a acolhida de grupos que estão em seu caminho ou aos quais se agrega. “Qualquer um pode ter necessidade de tal ajuda, e todos devem prestá-la: este é o fundamento das leis de hospitalidade e asilo.” (BENTOGLIO, 2007, p.22 apud PARISE, 2007, p.7)

Mas no caso dos israelitas, pelo relato bíblico, a questão principal que está no cerne de tal acolhida tem a ver com o tempo em que Israel esteve na condição de estrangeiro na terra do Egito:

Como o natural, será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; **amá-lo-eis como a vós mesmos, pois estrangeiros fostes na terra do Egito**. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. (Levítico 19:34)

Tal questão pode ser confirmada em inúmeras situações em que é afirmada a defesa dos direitos do estrangeiro, pela presença da frase “porque estrangeiro fostes na terra do Egito.”: ***Amai, pois, o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito.*** (Deuteronômio 10;19).

O estrangeiro não deveria ser oprimido: ***Se o estrangeiro peregrinar na vossa terra, não o oprimireis.*** (Levítico 19:33), pois seu *status* lembra ao israelita “sua própria condição de estrangeiro escravizado no Egito, quando não tinha quem o resgatasse, a não ser o próprio Deus.” (DORNELAS, 2007, p.10)

Frequentemente, o estrangeiro é colocado na mesma condição de outros grupos fragilizados, como órfãos e viúvas:

Assim diz o SENHOR: Executai o direito e a justiça e livrai o oprimido das mãos do opressor; **não oprimaís ao estrangeiro**, nem ao órfão, nem à viúva; não façais violência, nem derrameis sangue inocente neste lugar. (Jeremias 22:3); **Não oprimaís** a viúva, nem o órfão, **nem o estrangeiro**, nem o pobre, nem intente cada um, em seu coração, o mal contra o seu próximo. (Zacarias 7:10).

Passagens assim ativam a memória do israelita lhe “re-enviando ao significado originário de sua relação com Deus, pois ele é o Deus dos imigrantes em terra estrangeira, dos marginalizados, dos sem direitos” (BIANCHI, 1996, p.16-17 apud DORNELAS, 2007, p.10)

Com o estrangeiro deveria se usar de caridade: *Não rebuscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; **deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro**. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.* (Levítico 19:10). Deus se apresenta desempenhando misericórdia e justiça para com o estrangeiro na terra de Israel. “Isto implica para os israelitas desenvolver uma prática de solidariedade para com os estrangeiros a fim de honrar o Deus misericordioso e justo.” (DORNELAS, 2007, p.10)

Na sequência dos livros presentes na Bíblia, no Antigo Testamento, tem-se Josué, um livro que conta a história da conquista pelo povo de Israel da terra prometida por Deus. Nele, mais uma vez é dado um direito de igualdade ao estrangeiro em uma passagem em que são estabelecidas terras de refúgio para que a elas recorra o homicida que matar alguém sem querer, inclusive o estrangeiro:

**São estas as cidades que foram designadas para todos os filhos de Israel e para o estrangeiro que habitava entre eles;** para que se refugiasse nelas todo aquele que, por engano, matasse alguma pessoa, para que não morresse às mãos do vingador do sangue, até comparecer perante a congregação. (Josué 20:9)

No livro de Primeiro Reis, que trata de acontecimentos relativos ao reinado de Salomão, tem-se uma passagem em que o rei Salomão, apontado na Bíblia como “o homem mais sábio que já viveu em Israel, com exceção de Jesus” (ALMEIDA, 1995, p.467) desejou que o estrangeiro tivesse um tratamento igualitário na oração que fizesse no templo construído por ele para a realização da adoração e de sacrifícios a Deus. Intercedendo, disse o rei Salomão:

**Também ao estrangeiro**, que não for do teu povo de Israel, porém vier de terras remotas, por amor do teu nome [...]e orar, voltado para esta casa, ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, **e faze tudo o que o estrangeiro te pedir**[...].(1 Reis 8:41-43a).

Tal intercessão é também registrada no livro de Segundo Crônicas 6:32,33.

A importância apontada na Bíblia de se acolher o estrangeiro é também evidenciada no livro de Jó onde este, em um contexto de defesa, ao declarar sua integridade, diz no capítulo 31:32: “o estrangeiro não pernoitava na rua; as minhas portas abria ao viandante”. Este capítulo é um relato em que Jó estaria expondo que sempre seguiu os preceitos de Deus e não merecia passar pelas dificuldades em que se encontrava. O que se frisa é que a acolhida ao outro é colocada na lista de Jó como uma ordenança importante cumprida por ele.

O reforço ao dever de acolher e cuidar de um estrangeiro aparece também no livro de Salmos, onde, em um dos capítulos, o autor realiza um apelo a Deus para que intervenha a favor das vítimas de injustiça e violência, apontando como erro dos que tais coisas praticam, denominados perversos a violência contra o estrangeiro: *Matam a viúva e o estrangeiro e aos órfãos assassinam.* (Salmos 94:6);

No livro do profeta Ezequiel, o qual é destinado aos judeus cativos na Babilônia, em uma passagem onde são demonstrados os erros praticados em uma determinada época pelos israelitas, é relatada a não concordância de Deus ao que pratica injustiça com o estrangeiro: *No meio de ti, desprezam o pai e a mãe, praticam extorsões contra o estrangeiro e são injustos para com o órfão e a viúva.* (Ezequiel 22:7). Tal passagem encontra-se em um trecho em que são listadas práticas abomináveis a Deus e tais estariam sujeitas à ira do Todo Poderoso:

**Chegar-me-ei a vós outros para juízo; serei testemunha veloz contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o salário do jornaleiro, e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o SENHOR dos Exércitos.** (Malaquias 3:5)

Por fim, no livro do profeta Isaías, que tem como propósito “chamar a nação de Judá de volta para Deus e revelar a salvação divina através do Messias” (ALMEIDA, 2006, p.893), há um relato de que Deus está disposto a acolher plenamente o estrangeiro que O ama, que reconhece o Seu senhorio, dando-lhe também o direito a adorá-Lo:

**Aos estrangeiros que se chegam ao SENHOR, para o servirem e para amarem o nome do SENHOR, sendo deste modo servos seus, sim, todos os que guardam o sábado, não o profanando, e abraçam a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha Casa de Oração;** os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos. (Isaías 56:6,7)

Assim, tem-se que “a atitude frente ao estrangeiro como prática de hospitalidade representa uma manifestação da fidelidade a Deus, que diferencia o povo de Israel, desde suas origens, frente aos outros povos do mundo antigo.” (DORNELAS, 2007, p.9) “O amor ao estrangeiro se revela como um dos sinais da santidade de Israel” (BIANCHI, 1996, p.22,23 apud DORNELAS, 2007, p.11)

Portanto, o não só acolher o estrangeiro, mas também amá-lo tem relação direta com a memória “da libertação do Egito e a fidelidade à Aliança, em que se fundamentava sua identidade como “povo eleito”. [...] o pressuposto para a concepção e codificação de sua atitude para com o estrangeiro, é a sua estadia na “terra prometida”. (DORNELAS, 2007, p.9)

### 3.2.2 A hostilidade que aflige

Além dos termos *guer* e *nokri*, podemos encontrar outros termos nos relatos bíblicos para distinção de estrangeiros. “Cada termo representa uma atitude frente aos estrangeiros ou às nações estrangeiras, como resposta aos problemas que eles colocam à sua fidelidade à Aliança com Deus, e logo, à sua identidade como ‘povo eleito’”. (DORNELAS, 2007, p.9)

O termo *zar* indica os povos estrangeiros no sentido étnico e também político. Referia-se àqueles que eram inimigos de Israel. *Nokri* e suas variantes, indicavam as pessoas que passavam por Israel, pertencentes a outros povos, mas que traziam consigo outras divindades e, portanto, eram intrusos, dos quais dever-se-ia manter distância, pois eram suspeitos de carregarem malefícios, eram considerados “impuros”. E ainda *toshav*, o forasteiro que vive em território que não é seu, em uma situação não desejada, penosa, vista como sinal de maldição, como castigo por terem abandonado os mandamentos de Deus. (DORNELAS, 2007, p.7).

Tais definições apontam para atitudes hostis, pelo estranhamento e ameaça que o estrangeiro poderia representar.

O primeiro povo que receberia hostilidade por parte de Israel trata-se dos moradores da terra de Canaã, pois ocupavam um lugar que havia sido prometido ao “povo eleito de Deus”.

Segundo o relato bíblico, “durante o século VIII a.C., Jeová ordenara a Abraão que deixasse sua cidade natal de Ur, na Mesopotâmia, e se estabelecesse na região montanhosa Cananéia, onde fez uma aliança com ele, prometendo que seus descendentes herdariam toda a terra.” (ARMSTRONG, 2007, p.20).

Ora, disse o Senhor a Abrão<sup>7</sup>: **sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei e te engrandecerei o nome.** Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra. Partiu pois Abrão, como lho ordenara o Senhor, e Ló foi com ele.[...].(Gênesis 12: 1-4a)

Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência. **Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações , toda a terra de Canaã, em possessão perpétua,** e serei o seu Deus. (Gênesis 17:7,8)

A escolha de Canaã está associada a duas questões: o território era o mais fértil da época. A segunda é que tal terra era habitada por um povo que havia sido amaldiçoado: os descendentes de Canaã, filho de Cam, filho de Noé: *“os filhos de Noé, que saíram da arca, foram Sem, Cam e Jafé; Cam é o pai de Canaã. São eles os três filhos de Noé; e deles se povoou toda a terra.* (Gênesis 9:18,19)

Segue-se o relato bíblico da maldição a tal povo:

Sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha. Bebendo do vinho, embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã, vendo a nudez do pai, fê-lo saber , fora, a seus dois irmãos. Então, Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem. Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço e disse: **Maldito seja Canaã, seja servo dos servos a seus irmãos. E ajuntou: Bendito seja o Senhor, Deus de Sem; e Canaã lhe seja servo. Engrandeça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem; e Canaã lhe seja servo.** (Gênesis 9:20-27)

A atitude de Cam significava faltar com respeito ao seu pai, pois, além de vê-lo nu, contou aos seus irmãos. Por isso, o mesmo foi amaldiçoado.

Assim, os israelitas buscavam afirmar a consciência de sua identidade como povo eleito através da memória da aliança de Deus feita com o patriarca Abraão. O reforço de que tal terra pertencia à Israel é feito no chamado de Deus a Moisés, para que o mesmo livrasse os israelitas da escravidão no Egito:

---

<sup>7</sup> O nome Abraão só aparece no capítulo 17 do livro de Gênesis, onde há o relato da mudança – feita por Deus, segundo a Bíblia – do nome de Abrão para Abraão: “Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constitui”(Gênesis 17:5)

Disse ainda o Senhor: certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, **desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu.[...]vem, agora, e te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito.** (Êxodo 3:7,8,10)

Já no contexto da peregrinação rumo “à terra prometida”, no capítulo 23 do livro de Êxodo, encontramos mais um reforço de que os povos que habitavam Canaã não serviam para fazer aliança com Israel. Tais povos deveriam ser eliminados, pois adoravam a “deuses estranhos” e poderiam contaminar o “povo de Deus”:

[...] e fizeres tudo o que eu disser, então, serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. Porque o meu Anjo irá adiante de ti e te levará aos **amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus; e eu os destruirei.** Não adorarás os seus deuses, nem lhes darás culto, nem farás conforme as suas obras; antes, **os destruirás totalmente e despedaçarás de todo as suas colunas.** (Êxodo 23: 22-24)

E ainda:

Também enviarei vespas diante de ti, que **lancem os heveus, os cananeus e os heteus de diante de ti.[...] Pouco a pouco os lançarei de diante de ti, até que te multipliques e possuas a terra por herança.** Porei os teus limites desde o Mar Vermelho até ao mar dos filisteus e desde o deserto até o Eufrates; porque **darei nas tuas mãos os moradores da terra,** para que os lances de diante de ti. Não farás aliança nenhuma com eles, nem com os seus deuses. **Eles não habitarão na tua terra, para que te não façam pecar contra mim;** se servires aos seus deuses, isso te será cilada. (Êxodo 23: 28,30, 31-33)

Guarda o que eu te ordeno hoje: eis que lançarei fora da sua presença os amorreus, os cananeus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus. **Abstém-se de fazer aliança com os moradores da terra para onde vais, para que te não sejam por cilada.** Mas derribareis os seus altares, quebrareis as suas colunas e cortareis os seus postes-ídolos. (Êxodo 34:11-13)

Os cananeus eram os habitantes da terra de Canaã, o nome mais antigo da Palestina. Descobertas arqueológicas mostram que eram bem desenvolvidos nas artes e nas ciências. Suas construções eram superiores às que Israel edificava na terra de Canaã, após tê-la conquistado. Destacavam-se na cerâmica, música, em instrumentos musicais e na arquitetura. Seus artesãos e operários executaram grande parte do projeto e da construção do templo de Salomão, em Jerusalém. Os descendentes de Canaã estavam divididos em seis ou sete nações



distintas quando Israel ali entrou: os heteus, os gírgaseus, os amorreus – aparentemente a mais poderosa das tribos cananéias - os cananeus, os perezeus, os heveus e os jebuseus. O termo geral “cananeu” era usado para incluir todas essas nações. (CHAMPLIN, vol1, 2002, p.620)

A divindade principal dos cananeus era *El*, a quem outros deuses precisavam consultar. Porém, *Baal*, filho de *El*, tornou-se mais significativo. Havia muitas manifestações sobre *Baal*, como deus da fertilidade, deus da tempestade, etc. Ainda havia *Dagom* que, como *Baal*, tinha um templo em Ugarite<sup>8</sup>. *Atar* era a divindade que substituía *Baal*, quando o mesmo se encontrava no submundo dos espíritos. *Atar* era filha de *Aterate*, consorte de *El*. Havia muitas deusas, como *Anate*, *Aserá* e *Astarte* (ou *Astarote*), deusas do sexo, da fertilidade e da guerra. *Anate* era uma importante deusa para a agricultura. Os deuses *Shahru* (estrela matutina) e *Yarbu* (deus-lua), bem como *Resebe*, deus da pestilência e da morte, também eram adorados em Canaã. (CHAMPLIN, vol.1, 2002, p.621)

Especialmente na chamada fase sedentária, que seria quando o povo chega à sua terra prometida, desafios surgem para a nação israelita. “As conquistas alcançadas na dimensão da hospitalidade correm o risco de dar lugar à hostilidade. A posse e defesa da terra levam a enxergar o estrangeiro como ameaça. (PARISE, 2007, p.7)

Porém, anteriormente à esta fase, rumo à Canaã, o povo israelita precisou passar por terras pertencentes a outros povos e, nesse contexto, já se encontram manifestações hostis frente a povos que se colocavam em uma posição que poderia impedi-los de concluir sua jornada.

Povos que permitiam os israelitas passarem em suas terras eram considerados amigos, eram também descendentes de Abraão e seriam lembrados e preservados pelo Deus Todo Poderoso:

**Ordena o povo, dizendo: passareis pelos limites de vossos irmãos, os filhos de Esaú, que habitam em Seir; e eles terão medo de vós; portanto, guardai-vos bem. Não vos entremetais com eles, porque não vos darei da sua terra nem ainda a pisada da planta de um pé; pois a Esaú dei por possessão a montanha de Seir. (Deuteronômio 2: 4,5)**

Passamos, pois, flanqueando assim nossos irmãos, filhos de Esaú, que habitavam em Seir, como o caminho da Arabá, de élate e de Eziom-Geber, **viramo-nos e seguimos o caminho do deserto de Moabe. Então, o Senhor**

---

<sup>8</sup> Antiga localidade da Fenícia, importante porto do norte da Síria. (CHAMPLIN, 2002, 518)

**me disse: não molestes Moabe e não contendas com eles em peleja, porque te não darei possessão da sua terra; pois dei Ar em possessão aos filhos de Ló.** (Deuteronômio 2:8,9)

**Hoje, passarás por Ar, pelos limites de Moabe, e chegarás até defronte dos filhos de Amom; não os molestes e com eles não contendas, porque da terra dos filhos de Amom te não darei possessão, porquanto aos filhos de Ló a tenho dado por possessão.** (Deuteronômio 2: 18,19)

Os ancestrais citados nestas passagens são Esaú, que era filho de Isaque e Rebeca e irmão de Jacó, também chamado Israel; Moabe, trata-se dos moabitas que são descendentes de Ló, que, por sua vez, era sobrinho de Abraão. (CHAMPLIN, 2002, p.889). Tais relatos demonstram que, independente do que tenham feito no passado, como Esaú que vendeu seu direito de primogenitura, não foram amaldiçoados, portanto, teriam direito à terra, pois seriam povos que também adoravam ao Deus de Israel.

Porém, os povos que não permitiam que os israelitas passassem por suas terras e que, inclusive, serviam a outros deuses, sofriam ataques e eram aniquilados:

**Ouvindo o cananeu, rei de Arade, que habitava no Neguebe, que Israel vinha pelo caminho de Atarim, pelejou contra Israel e levou alguns deles cativos. Então, Israel fez voto ao Senhor, dizendo: se, de fato, entregares este povo nas minhas mãos, destruirei totalmente as suas cidades. Ouviu, pois, o Senhor a voz de Israel e lhe entregou os cananeus, Os israelitas os destruíram totalmente, a eles e a suas cidades; e aquele lugar se chamou Horma<sup>9</sup>.** (Números 21:1-3)

**Então, Israel mandou mensageiros a Seom, rei dos amorreus, dizendo: deixa-me passar pela tua terra; não nos desviaremos pelos campos nem pelas vinhas; as águas dos poços não beberemos; iremos pela estrada real até que passemos o teu país. Porém, Seom não deixou passar Israel pelo seu país; antes, reuniu todo o seu povo, e saiu ao encontro de Israel ao deserto, e veio a Jasa, e pelejou contra Israel. Mas Israel o feriu a fio de espada e tomou posse de sua terra, desde o Arnom até ao Jaboque, até aos filhos de Amom, cuja fronteira era fortificada.** (Êxodo 21-24)

Assim, Israel habitou na terra dos amorreus. [...] Então voltaram e subiram o caminho de Basã; e Ogue, rei de Basã, saiu contra eles, ele e todo o seu povo, à peleja em Edrei. Disse o Senhor a Moisés: não o temas, porque eu o dei na tua mão, a ele, e a todo o seu povo, e a sua terra; e far-lhe-ás como fizeste a Seom, rei dos amorreus, que habitava em Hesbom. De tal maneira que o feriram, a ele, e a seus filhos, e a todo o seu povo, que nenhum deles escapou, e lhe tomaram posse da terra. (Êxodo 21: 31, 33-35)

---

<sup>9</sup> Em hebraico horma e herem, que significa (consagrado à) destruição. (ALMEIDA, 2006, p.183)

Aqueles que se encontravam no caminho do povo israelita em sua peregrinação rumo a Canaã, como visto, recebiam um tratamento de guerra. A peleja era, por vezes brutal, impiedosa e sangrenta. Tal fato é reforçado por Moisés quando, em um discurso, relembra ao povo as vitórias conquistadas sobre esses povos:

**Mas Seom, rei de Hesbom, não nos quis deixar passar por sua terra [...] e o Senhor, nosso Deus, no-lo entregou, e o derrotamos, a ele, e a seus filhos, e a todo o seu povo. Naquele tempo, tomamos todas as suas cidades e a cada uma destruimos com os seus homens, mulheres e crianças; não deixamos sobrevivente algum.** (Deuteronômio 2: 30a,33,34)

Deu-nos o Senhor, nosso Deus, em nossas mãos também a Ogue, rei de Basã, e a todo o seu povo; e **ferimo-lo, até que lhe não ficou nenhum sobrevivente.** Nesse tempo, tomamos todas as suas cidades; nenhuma cidade houve que lhe não tomássemos: sessenta cidades, toda a região de Argobe, o reino de Ogue, em Basã. [...] Destruimo-las totalmente, como fizemos a Seom, rei de Hesbom, **fazendo perecer, por completo, cada uma das cidades, com os seus homens, suas mulheres e crianças.** (Deuteronômio 3: 3,4,6)

O capítulo 20 do livro de Deuteronômio traz recomendações de Deus para o povo sobre a guerra. Em tal capítulo há uma demonstração ao povo de que a força de Israel não vem de armas, mas da presença e do poder de Deus. (ALMEIDA, 2006, p.224). Tal capítulo reforça a brutalidade com que deveriam ser tratados os estrangeiros inimigos, o povo que habitava na terra prometida aos israelitas:

Quando te aproximares de alguma cidade para pelejar contra ela, oferecer-lhe-ás paz. [...] **Se ela não fizer paz contigo, mas te fizer guerra, então a sitiáráis.** E o Senhor, teu Deus, a tomará na tua mão; e **todos os do sexo masculino que houver nela passarás a fio de espada;** mas as mulheres, as crianças, e os animais, e tudo que houver na cidade, todo o seu despojo, tomarás para ti; e desfrutarás o despojo dos inimigos que o Senhor, teu Deus, te deu. Assim farás a todas as cidades que estiverem mui longe de ti, que não forem das cidades destes povos. **Porém, das cidades destas nações que o Senhor, teu Deus, te dá em herança, não deixarás com vida tudo o que tem fôlego. Antes, como te ordenou o Senhor, teu Deus, destruí-las-ás totalmente: os heteus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus, para que não vos ensinem a fazer segundo todas as suas abominações, que fizeram a seus deuses, pois pecaríeis contra o Senhor, vosso Deus.** (Deuteronômio 20: 10, 12-18)

Os trechos demonstram que tais estrangeiros, além de não terem aliança com os israelitas, deveriam ser destruídos, pois poderiam levá-los a uma adoração a outros deuses. Portanto, a hostilidade era ordenada apenas para que o Deus dos israelitas não sofresse a possibilidade de dividir a adoração de “seu povo” com outros deuses.

Neste mesmo capítulo encontra-se uma ordenança que demonstra a inferioridade do estrangeiro perante os israelitas; os povos que indicavam querer paz com os israelitas eram feitos escravos:

Quando te aproximares de alguma cidade para pelejar contra ela, oferecer-lhe-ás a paz. Se a sua resposta é de paz, e te abrir as portas, **todo o povo que nela se achar será sujeito a trabalhos forçados e te servirá.** (Deuteronômio 20:10,11)

Portanto, tais manifestações demonstravam que Israel era colocado como superior a outros povos e, com estes, não deveria se misturar. Todos os outros povos, os “não escolhidos”, ou serviam para serem escravos, ou deveriam ser destruídos. Nos relatos bíblicos em que consta a ordenança para que tal tratamento fosse dado aos estrangeiros, há um reforço que assim deveria ser, pois tais povos poderiam “contaminar” os israelitas com seus atos de adoração a outros deuses e práticas de rituais diferentes aos estabelecidos por Deus à Israel. “Nenhum dos outros deuses podia se igualar a Jeová na fidelidade a seu povo. Nisso ele não tinha pares, não tinha rivais.” (ARMSTRONG, 2007, p.22)

Segundo Armstrong (2007, p.22), “originalmente Jeová fora membro da Assembléia dos “santos”, que *El*, o poderoso deus de Canaã, havia presidido com sua consorte Aserá. Cada nação da região tinha sua própria divindade padroeira, e Jeová era “o santo de Israel”. Segundo este relato da autora, no “século VIII, Jeová havia expulsado *El* da Assembléia divina e reinava sozinho sobre uma multidão de “santos”, guerreiros do exército celeste.” (ARMSTRONG, 2007, p.22)

A autora defende a teoria de que existiriam outros deuses adorados e que a aliança estabelecida pelos israelitas com Deus, quando sob a liderança de Moisés, mostra que os mesmos eram politeístas e não ainda monoteístas, pois tal aliança só faria sentido em um cenário politeísta:

Eles não acreditavam que Javé, o Deus do Sinai, era o único Deus, mas prometeram, em sua aliança, ignorar todas as outras divindades e dedicar-lhe adoração exclusiva. [...] até os Dez Mandamentos entregues no Monte Sinai reconhecem a existência de outros deuses: “não terá outros deuses diante de mim.” (ARMSTRONG, 2008, p.38)

Os que crêem ser a Bíblia a palavra revelada de Deus, não considerarão tal afirmação, mas, independentemente, os textos bíblicos relatam a existência desta aliança e o dever dos israelitas de a cumprirem, sob pena de serem destruídos se quebrassem este acordo. Há

inúmeros relatos de momentos de dificuldade do povo israelita, antes e depois da conquista de Canaã, justamente quando os mesmos deixavam de cumprir as ordenanças de seu Deus e/ou adoravam outros deuses. Nestes momentos, ao invés de receberem dádivas divinas, proteção e vitórias, recebiam penalidades e um tratamento hostil.

Neste sentido, há inúmeros relatos de que o povo rompia a aliança, sofria conseqüências, se arrependia e a aliança era renovada.

Ainda com Moisés, na peregrinação pelo deserto:

**Mas vendo o povo que Moisés tardava em descer do monte, acercou-se de Arão<sup>10</sup> e lhe disse: levanta-te, faze-nos deuses que vão adiante de nós; pois, quanto a este Moisés, o homem que nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe terá sucedido. [...] Este, recebendo-as de suas mãos, trabalhou o ouro com buril e fez dele um bezerro fundido. Então, disseram, são estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito. [...] Então, disse o Senhor a Moisés: vai, desce; porque o teu povo, que fizeste sair do Egito se corrompeu e depressa saiu do caminho que lhe havia eu ordenado.[...] (Êxodo 32: 1,2,4,7,8)**

Até então, as manifestações de hostilidade haviam sido demonstradas apenas a estrangeiros, àqueles não pertencentes ao povo israelita. Porém, nas quedas, ou “desvios” do povo, há também a manifestação de atitudes hostis, entre iguais, ou seja, entre os “escolhidos”. A primeira manifestação neste sentido vem do próprio Moisés que, após interceder junto a Deus pelo povo e conseguir que não fossem castigados (Êxodo 32: 11-24), manda matar aqueles considerados idólatras:

Vendo Moisés que o povo estava desenfreado, pois Arão o deixara à solta para vergonha no meio dos seus inimigos, pôs-se em pé à entrada do arraial e disse: **quem é do Senhor venha até mim. Então, se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi, aos quais disse: assim diz o Senhor, o Deus de Israel: cada um cinja a espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, cada um, a seu amigo, e cada um, a seu vizinho. E fizeram os filhos de Levi segundo a palavra de Moisés; e caíram do povo, naquele dia, uns três mil homens.** Pois Moisés dissera: Consagrai-vos, hoje, ao Senhor; cada um contra o seu filho e contra o seu irmão, para que ele vos conceda, hoje, bênção. (Êxodo 32: 25-28)

Em relação ao processo de desvio do povo, castigo, arrependimento e retorno à boa relação com Deus, há relatos nos capítulos do livro de Números (14, 16, 25); livro de Deuteronômio (1); e livro de Josué (7). Posteriormente, nos chamados livros históricos, que

---

<sup>10</sup> Arão: irmão de Moisés. Durante toda a narrativa do Êxodo, é um auxiliar de Moisés. (GARDNER, 2008, p.68)

relatarão os períodos em que Israel possui juízes e no período dos reis, outros processos assim são relatados. Nestes, o povo israelita conta, segundo o relato bíblico, com profetas que procuram reconduzir o povo à aliança com o seu Deus. “A Bíblia mostra que os israelitas não foram fiéis à aliança. Lembravam-na em tempos de guerra, quando precisavam da especializada proteção de Javé, mas em tempos de bonança adoravam Baal, Anat e Asera.” (ARMSTRONG, 2008, p.40)

Segundo o relato bíblico expresso no capítulo 26 do livro de Levítico, a obediência às ordens do Deus de Israel era a chave para que este povo fosse abençoado, protegido, vitorioso, bem sucedido e retornasse á sua aliança com Deus. Tal questão também é descrita no capítulo 28 do livro de Deuteronômio. Em tais trechos se encontra a descrição de uma série de bênçãos decorrentes da obediência:

Não fareis para vós outros ídolos, nem vos levantareis imagem de escultura nem coluna, nem poreis pedra com figuras na vossa terra, para vos inclinardes a ela; **porque eu sou o Senhor, vosso Deus**. Guardareis os meus sábados e reverenciareis o meu santuário. **Eu sou o Senhor. Se andardes nos meus estatutos, guardares os meus mandamentos e os cumprirdes**, então, eu os darei as vossas chuvas a seu tempo; e a terra dará a sua messe, e a árvore do campo, o seu fruto. (Levítico 26:1-4)

Após esta passagem segue-se uma sequência de nove versículos que relatam as bênçãos que seriam dadas em decorrência da obediência. Posteriormente, porém, uma série de castigos decorrentes da desobediência:

Mas, se não ouvirdes e não cumprirdes todos estes mandamentos,; se rejeitardes os meus estatutos,e a vossa alma se aborrecer dos meus juízos, a ponto de não cumprir todos os meus mandamentos, e violardes a minha aliança, então eu vos farei isto[...].(Levítico 26: 14-16a)

Segue-se, então, uma série de vinte e quatro versículos com descrições das maldições decorrentes da desobediência. Sendo assim, claro está na Bíblia de que a boa relação de Deus com o “povo escolhido” está condicionada à obediência e submissão deste.

### 3.3 A hospitalidade como dever sagrado

#### 3.3.1 O Antigo Testamento

Embora houvesse algumas resistências contra povos estrangeiros, na essência, o rito da hospitalidade, no Antigo Testamento é revelado como algo sagrado. “O modelo exemplar, representação completa do rito antigo da hospitalidade, é Abraão, o primeiro grande emigrante da história da salvação, quando acolhe os três misteriosos personagens que lhe apareceram junto ao carvalho de Manre.” (CANDATEN, 2007, p.36)

Apareceu o SENHOR a Abraão nos carvalhais de Manre, quando ele estava assentado à entrada da tenda, no maior calor do dia. Levantou ele os olhos, olhou, e eis três homens de pé em frente dele. Vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro, prostrou-se em terra e disse: **Senhor meu, se acho mercê em tua presença, rogo-te que não passes do teu servo; traga-se um pouco de água, lavaí os pés e repousai debaixo desta árvore; trarei um bocado de pão; refazei as vossas forças, visto que chegastes até vosso servo; depois, seguireis avante.** Responderam: Faze como disseste. Apressou-se, pois, Abraão para a tenda de Sara e lhe disse: Amassa depressa três medidas de flor de farinha e faze pão assado ao borralho. Abraão, por sua vez, correu ao gado, tomou um novilho, tenro e bom, e deu-o ao criado, que se apressou em prepará-lo. Tomou também coalhada e leite e o novilho que mandara preparar e pôs tudo diante deles; e permaneceu de pé junto a eles debaixo da árvore; e eles comeram. Então, lhe perguntaram: Sara, tua mulher, onde está? Ele respondeu: Está aí na tenda. Disse um deles: **Certamente voltarei a ti, daqui a um ano; e Sara, tua mulher, dará à luz um filho.** Sara o estava escutando, à porta da tenda, atrás dele. Abraão e Sara eram já velhos, avançados em idade; e a Sara já lhe havia cessado o costume das mulheres. Riu-se, pois, Sara no seu íntimo, dizendo consigo mesma: Depois de velha, e velho também o meu senhor, terei ainda prazer? Disse o SENHOR a Abraão: Por que se riu Sara, dizendo: Será verdade que darei ainda à luz, sendo velha? Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil? Daqui a um ano, neste mesmo tempo, voltarei a ti, e Sara terá um filho. (Gênesis 18:1-14)

Tal relato contém uma marcante atitude de cortesia. Os estranhos são recebidos como hóspedes de honra e as melhores provisões possíveis são apresentadas a eles. Há, aqui, sem dúvida uma demonstração da valorização da prática da hospitalidade e reforça Abraão como sendo um homem obediente a Deus: “a generosidade de sua acolhida demonstra seu profundo respeito pelas leis da hospitalidade, considerando que o caráter divino de seus hóspedes só se manifesta pouco a pouco.” (POTTIER, 2004, p.129 – tradução livre) Sustenta ainda a questão de se estar aberto à hospitalidade, pois o que pede acolhida pode ser um anjo de Deus. Tal acolhida foi recompensada com a promessa de gravidez de Sara, sua esposa.

Porém, é importante ressaltar que, no contexto bíblico, a promessa de um filho, a recompensa a ele se deu bem antes deste episódio, quando Deus mandou que Abraão saísse de sua terra natal e fosse para uma terra que Deus lhe daria e ele O obedeceu. (Gênesis 12, 13: 14-16)

Um relato bíblico que expressa fortemente o quanto a prática de hospitalidade é crucial na comprovação da fidelidade a Deus, está no Livro de Gênesis onde Ló oferece suas próprias filhas para serem abusadas por homens para que seus hóspedes permaneçam protegidos:

Ao anoitecer, vieram os dois anjos a Sodoma, a cuja entrada estava Ló assentado; este, quando os viu, levantou-se e, indo ao seu encontro, prostrou-se, rosto em terra. E disse-lhes: **Eis agora, meus senhores, vinde para a casa do vosso servo, pernoitai nela e lavai os pés;** levantar-vos-eis de madrugada e seguireis o vosso caminho. Responderam eles: Não; passaremos a noite na praça. Instou-lhes muito, e foram e entraram em casa dele; deu-lhes um banquete, fez assar uns pães asmos, e eles comeram. Mas, antes que se deitassem, os homens daquela cidade cercaram a casa, os homens de Sodoma, tanto os moços como os velhos, sim, todo o povo de todos os lados; e chamaram por Ló e lhe disseram: Onde estão os homens que, à noitinha, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que abusemos deles. Saiu-lhes, então, Ló à porta, fechou-a após si e lhes disse: Rogo-vos, meus irmãos, que não façais mal; tenho duas filhas, virgens, eu vo-las trarei; tratai-as como vos parecer, porém nada façais a estes homens, porquanto se acham sob a proteção de meu teto. Eles, porém, disseram: Retira-te daí. E acrescentaram: Só ele é estrangeiro, veio morar entre nós e pretende ser juiz em tudo? A ti, pois, faremos pior do que a eles. E arremessaram-se contra o homem, contra Ló, e se chegaram para arrombar a porta. Porém os homens, estendendo a mão, fizeram entrar Ló e fecharam a porta; e feriram de cegueira aos que estavam fora, desde o menor até ao maior, de modo que se cansaram à procura da porta. (Gênesis 19: 1-11)

Ló, sobrinho de Abraão, conhecia a importância da hospitalidade enquanto prática sagrada e foi recompensado com uma proteção miraculosa e com a promessa de conseguir sair da cidade - que seria destruída por Deus - a salvo. Ele foi preservado do castigo que viria sobre aquela população por causa de sua atitude hospitaleira. Temos aqui a hospitalidade revestida como dever sagrado e, também, revestida de recompensa.

O capítulo 24 do livro de Gênesis traz um outro relato em que personagens não comumente citados em referências bíblicas, também demonstram que o bem receber era uma atitude sagrada e, portanto, uma prática comum. Neste capítulo Abraão envia um servo seu para buscar, junto “à sua parentela”, uma esposa para seu filho Isaque: “[...] *para que eu te faça jurar pelo Senhor, Deus do céu e da terra, que não tomarás esposa para meu filho das*



*filhas dos cananeus, entre os quais habito; mas irás à minha parentela e daí tomarás esposa para Isaque, meu filho”.* (Gênesis 24: 3,4)

Já no local em que pretendia encontrar uma mulher para Isaque, o servo encontra-se com uma moça que lhe dá água e a seus animais e a indaga: “[...] *de quem és filha? Peça-te que me digas. Haverá em casa de teu pai lugar em que eu fique, e a comitiva*”? Ao que teve resposta prontamente positiva: “[...] *temos palha, e muito pasto, e lugar para passar a noite.*” Posteriormente, o irmão de tal moça, Labão, após saber da comitiva diz: “[...] *entra, bendito do Senhor, por que estás aí fora? Pois já preparei a casa e o lugar para o camelo. Então, fez entrar ao homem; descarregaram-lhe os camelos e lhes deram forragem e pasto; deu-se-lhe água para lavar os pés e também aos homens que estavam com ele.*” (Gênesis 24: 23,25,31, 32).

Somente após receber a comitiva, Labão soube quem eram e porquê estavam ali. Portanto, os recebeu de maneira incondicional, reforçando a importância da hospitalidade.

O livro de Primeiro Reis relata uma viúva sendo recompensada por Deus por ter alimentado e hospedado um profeta chamado Elias. A recompensa foi o ressuscitar do filho da viúva. “Concedida a um homem de Deus, a hospitalidade também é recompensada de maneira benevolente.” (POTTIER, 2004, p.129):

Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber. Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão na tua mão. Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos. Elias lhe disse: Não temas; vai e faze o que disseste; mas primeiro faze dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho. Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra. Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias. Depois disto, adoeceu o filho da mulher, da dona da casa, e a sua doença se agravou tanto, que ele morreu. Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho? Ele lhe disse: Dá-me o teu filho; tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama; então, clamou ao SENHOR e disse: **Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, afligiste, matando-lhe o filho?** E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao SENHOR e disse: **Ó SENHOR, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele.** O SENHOR atendeu à voz de

Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu. Elias tomou o menino, e o trouxe do quarto à casa, e o deu a sua mãe, e lhe disse: Vê, teu filho vive. Então, a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade. (Primeiro Reis 17: 10-24)

As viúvas, no Antigo Testamento, são colocadas como pessoas a quem se devia dar proteção, assim como os órfãos e o próprio estrangeiro: *“Pois o Senhor, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno, **que faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes.**”* (Deuteronômio 10:17,18). Mulheres que se tornassem viúvas podiam esperar certa proteção por parte da família de seus maridos falecidos. (CHAMPLIN, 2002, p. 397)

No livro de Segundo Reis tem-se outro profeta, Eliseu, também recompensando o acolhimento recebido:

Um dia, vindo ele para ali, retirou-se para o quarto e se deitou. Então, disse ao seu moço Geazi: chama esta sunamita. Chamando-a ele, ela se pôs diante do profeta. Este dissera ao seu moço: **dize-lhe: eis que tu nos tem tratado com muita abnegação; que se há de fazer por ti? Haverá alguma coisa de que se fale a teu favor ao rei ou ao comandante do exército?** Ela respondeu: habito no meio do meu povo. Então, disse o profeta: que se há de fazer por ela? Geazi respondeu: ora, ela não tem filho, e seu marido é velho. Disse Eliseu: chama-a. [...] Disse-lhe o profeta: por este tempo, daqui a um ano, abraçarás um filho. Ela disse: não, meu senhor, homem de Deus, não mintas à tua serva. Concebeu a mulher e deu à luz um filho, no tempo determinado, quando fez um ano, segundo Eliseu lhe dissera. (Segundo Reis 4:11-17)

Tais passagens demonstram que os profetas, tidos como homens a serviço de Deus, têm consciência da importância da prática da hospitalidade, uma vez que Elias, em sua intercessão, questiona como uma mulher que hospedou um “homem de Deus” poderia ser afligida e, Eliseu, por sua vez, sente a necessidade de recompensar o ato de hospitalidade.

No livro de Tobias, presente na Bíblia católica, há uma passagem em que este recebe acolhida numa viagem: *Chegaram, pois, à casa de Raquel, **que os recebeu cordialmente.*** (Tobias 1;7). Tal livro demonstra que a hospedagem era uma prática comum:

Ele respondeu: “Sem dúvida. **Pois estive lá algumas vezes e tenho experiência e conheço todos os caminhos. Várias vezes fui à Média e me hospedei em casa de Gabael,** nosso irmão, que mora em Rages, na Média. De Ecbátana até Rages são dois dias de caminho normal: Rages está situada na montanha, enquanto Ecbátana está em campo aberto. (Tobias 5:6)

O livro traz ainda um incentivo à hospitalidade manifesta na comensalidade com os menos abastados, em um reforço do dever de se praticar a hospitalidade: *Come o teu pão em companhia dos pobres e dos indigentes; cobre com as tuas próprias vestes os que estiverem desprovidos delas.* (Tobias 4:17)

O livro de Judite, também presente na Bíblia católica, relata a boa acolhida recebida por ela ao retornar à cidade: *Todos acorreram, do menor ao maior, pois parecia-lhes incrível que ela tivesse voltado. Abriram-lhes as portas, acolheram-na, acenderam uma fogueira para clarear e se ajuntaram ao redor delas.* (Judite 13:13)

Em relação aos relatos bíblicos, no Antigo Testamento tem-se que o papel da mulher na sociedade é sempre focado dentro das relações domésticas. A mulher passava da família de seu pai para formar uma nova unidade familiar, com seu marido. Durante todo o período do Antigo Testamento, os relatos demonstram que o pai exercia responsabilidade primária pelos membros do sexo feminino de sua família, independentemente se fosse a esposa, filhas, irmãs solteiras ou servas. Tal responsabilidade era transferida apenas na ocasião de um casamento. (CHAMPLIN, 2002, p. 396)

Porém, em Israel houve mulheres que participaram ativamente na vida política da nação, mormente no período da monarquia. (CHAMPLIN, 2002, p.398) Assim, Bate-Seba, mãe de Salomão, chegou a manobrar os eventos, já nos fins do reinado de Davi, quando este estava velho, garantindo para seu filho o trono:

Bate-Seba inclinou a cabeça e prostrou-se perante o rei, que perguntou: que desejas? Respondeu-lhe ela: senhor meu, juraste à tua serva pelo Senhor, teu Deus, dizendo: Salomão, teu filho, reinará depois de mim e ele se assentará no meu trono. Agora, eis que Adonias reina, e tu, ó rei, meu senhor, não o sabes.[...] Então, jurou o rei e disse: tão certo como vive o Senhor, que remiu a minha alma de toda a angústia, farei no dia de hoje, como te jurei pelo Senhor, Deus de Israel, dizendo: teu filho Salomão reinará depois de mim e se assentará no meu trono, em meu lugar. (Primeiro Reis 1:16-18, 29, 30)

As reformas políticas e religiosas do Rei Asa, de Judá, incluíram a remoção de sua rainha-mãe, Maaca (Primeiro livro de Reis 15:9), que estava exercendo uma influência negativa sobre o reino. No capítulo 11 do Segundo livro de Reis ficou registrado o caso de uma rainha e da irmã de um ex-monarca, ambas lutando pelo controle do trono. Débora e Jezabel sempre estarão ligadas com grandes feitos femininos, em Israel, nos campos militar e político. Eclesiástico menciona feitos de grandes líderes masculinos, mas o texto bíblico tem o cuidado de reconhecer os efeitos tanto positivos quanto negativos, que as mulheres exerceram na história do povo antigo de Deus. O cântico de Débora reconhece o papel desempenhado

por Jael, esposa de Heber, que matou Jabim, rei de Canaã. (Juízes 4:2,17,23,24) (CHAMPLIN, 2002, p.398)

A Bíblia ainda relata passagens em que prostitutas são perdoadas, desde que se convertam e abandonem a vida prostituída. Fala de Raabe, que não somente foi perdoada, mas tornou-se um dos grandes modelos femininos de fé. (Josué 6:17-25; Hebreus 11:31; Tiago 2:25). Alguns servos de Deus caíram por causa de uma mulher. Um dos casos mais notáveis é o de Sansão e Dalila. Há também as histórias de Judá e Tamar (Gênesis 38:1-26), Davi e Bate-Seba (Segundo livro de Samuel 11:3), Amon e Tamar (Segundo livro de Samuel 13:10). (CHAMPLIN, 2002, p.399)

Mas, ao falar em uma mulher e, associando à questão do acolhimento, o Antigo Testamento dedica um livro à história de uma estrangeira, moabita, que foi casada com um israelita, foi integrada ao “povo de Deus” e ainda à própria linhagem da monarquia davídica<sup>11</sup>: Rute. Ela ficou viúva e, como uma exceção, acompanhou a sogra Noemi que retornou para a cidade de Belém, Judá. (Rute 1:16-22). Ali, foi bem recebida por todos, e valorizada pelo cuidado com sua sogra. (Rute 2). Casou-se com Boaz, um proprietário de terras temente a Deus, com quem teve um filho. Pela genealogia apresentada na Bíblia, seu filho, Obede, foi o avô de Davi. (GARDNER, 2008, p.560)

Rute demonstra um “horizonte aberto à amizade e ao relacionamento pacífico com o forasteiro.” (ALMEIDA, 2006, p.299). A inclusão de um livro na Bíblia que conta a história de uma estrangeira evidencia, para os cristãos, “a graça e habilidade de Deus em operar na vida de qualquer pessoa, não importando quais são seus antecedentes.” (GARDNER, 2008, p.561). Tal questão será evidenciada no Novo Testamento.

Também há o livro de Judite, uma judia, retratada como uma heroína, sendo um ideal da mulher devota, que exemplificou a coragem feminina. A composição enfatiza o princípio da total obediência a Deus. (CHAMPLIN, 2002, p.137)

O Antigo Testamento, no livro de Segundo Reis, traz ainda um relato em que a prática da hospitalidade também é manifestada enquanto ritual de apaziguamento. Uma interessante passagem dá conta de um rei que, aconselhado por Eliseu, um profeta de Deus, evita a continuidade de uma guerra através de um gesto de hospitalidade:

---

<sup>11</sup> Davi foi, segundo o relato bíblico, o maior rei de Israel e o ancestral humano de Jesus. (GARDNER, 2008, p.128)

Quando o rei de Israel os viu, perguntou a Eliseu: feri-los-ei, feri-los-ei, meu pai? Respondeu ele: **não os ferirás; fere aqueles que fizeres prisioneiros com a tua espada e o teu arco. Porém a estes, manda pôr-lhes diante pão e água, para que comam, e bebam, e tornem a seu senhor. Ofereceu-lhes o rei grande banquete, e comeram e beberam; despediu-os, e foram para seu senhor; e da parte da Síria não houve mais investidas na terra de Israel.** (Segundo Reis 6:21-23)

Segundo o relato bíblico, desde tal episódio os israelitas e os sírios – até então povo inimigo - mantiveram uma relação de perene paz.

A hospitalidade é reforçada como importante no livro de Sabedoria, presente na Bíblia católica, onde são descritas conseqüências pela não prática da hospitalidade:

Sobre os pecadores, porém, caíram os castigos de raios violentos, não sem as advertências que antes lhes tinham sido feitas; mas sofriam justamente por causa de suas próprias maldades, **por terem praticado a mais detestável falta de hospitalidade.** (Sabedoria 19:13); **Houve quem não acolhesse visitantes desconhecidos; outros reduziram à escravidão esses hóspedes que lhes faziam bem.** E não só isto: se ainda se aguarda julgamento contra aqueles que receberam com hostilidade a estrangeiros. Por isso, foram feridos de cegueira como aqueles, à porta do justo, quando, envolvidos em densas trevas, cada qual procurava a direção da sua casa. (Sabedoria 19:14,15,17)

Segundo a Bíblia, as situações relatadas com Abraão, Ló, os profetas e as mulheres, “demuestran como um acto de hospitalidad se pueda transformar em uma experiência de la presencia compasiva, misteriosa y sorprendente de Dios que aprovecha estos momentos para intervenir em la historia humana y cambiarla desde adentro.” (CAMPESE, 2007, p.24)

Em conclusão, o que se percebe é que, desde que o estrangeiro não ameaçasse a adoração do povo israelita ao seu Deus e aceitasse se submeter às regras de conduta de Israel, seria acolhido e protegido por tal povo. “O imigrante estrangeiro é frequentemente colocado ao lado de outros grupos fragilizados socialmente, como os órfãos e as viúvas, por não possuir o amparo das instituições sociais da época.” (DORNELAS, 2007, p.11)

Neste sentido, Deus é apresentado como um defensor dos grupos fragilizados e relembra sempre aos israelitas a condição de um dia terem sido estrangeiros e escravos no Egito. O capítulo 24 de Deuteronômio traz uma série de normas quanto às relações econômicas, onde se procura fazer justamente com que o direito do migrante não seja defraudado. “Existe uma constante preocupação para que o israelita e o estrangeiro sejam tratados sem parcialidade diante de tribunais, a fim de que a justiça de Deus seja preservada.” (DORNELAS, 2007, p.11)

Neste mesmo tempo, ordenei a vossos juízes, dizendo: ouvi a causa entre vossos irmãos e julgai justamente entre o homem e seu irmão **ou o estrangeiro que está com ele. Não sereis parciais no juízo**, ouvireis tanto o pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; [...]. (Deuteronômio 1:16,17)

Deuteronômio é um livro em que a reafirmação de leis, ordenanças, deveres e direitos, relatados em Levítico, é realizada. Nele, “o espírito de amor para com o forasteiro se concretiza em dispositivos legais, medidas humanitárias que, agrupadas, pode-se afirmar que são de natureza econômica, jurídica e religiosa.” (CANDATEN, 2007, p.34).

Assim, os estrangeiros, por serem considerados como uma categoria desfavorecida socialmente, devem tomar parte nas festas culturais que possuíam ricas refeições (Deuteronômio 16:11,14), têm o sustento garantido por regras de colheita (Deuteronômio 24:19,21) e devem ficar isentos de penhores (Deuteronômio 24;17). (CANDATEN, 2007, p.34)

A autora ainda observa que, no aspecto ético e jurídico, o estrangeiro era tratado como cidadão. E, no religioso, “as diversas leis procuram integrar o imigrante na vida religiosa da comunidade de acolhida.” (CANDATEN, 2007, p.35)

Todos os direitos e garantias tratam-se, assim, de um gesto sacramental, pois “na atitude hospitaleira, Israel testemunha ter sido estrangeiro no Egito e ter sido acolhido por *Iahweh* na terra prometida, portanto, o estrangeiro que acolhem é sinal do divino no meio deles.” (CANDATEN, 2007, p.35) A prática de hospitalidade ganha no Novo Testamento a validação de sua importância, dando ainda novas dimensões: “o Novo Testamento confirma a práxis hospitaleira do mundo antigo, mas ilumina e aprofunda suas motivações.” (CANDATEN, 2007, p.36)

### 3.3.2 O Novo Testamento

O Novo Testamento é composto por quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas João), os quais contam a história de Jesus. Segundo Dockery et. al. (2007, p.573), “em alguns pontos os quatro são muito semelhantes. Em outros são bem distintos. [...] Por exemplo, mais de 600 dos 661 versículos de Marcos podem ser encontrados em Mateus. Mais ou menos 380 versículos de Lucas são semelhantes ao material de Marcos. [...]”. O autor também aponta que:

Cada evangelho é atribuído a uma pessoa que testemunhou os acontecimentos que se descrevem ou obteve relatos de testemunhas oculares. Cada um presta informações peculiares que nenhum dos outros tem. Cada evangelho foi escrito por pessoas diferentes, em épocas distintas, em lugares que variam e em situações peculiares. Todos, porém, foram provavelmente escritos entre 60-90 d.C. Cada autor adaptou sua maneira de narrar a história para atingir propósitos próprios. (DOCKERY et al, 2007, p.573)

Também compõe o Novo Testamento o livro Atos dos Apóstolos, que faz uma narrativa da expansão do evangelho e aborda a história da chamada igreja primitiva. Este livro acompanha as atividades de dois apóstolos em particular: Pedro e Paulo. (DOCKERY et al, 2007, p.670)

É ainda composto pelas epístolas paulinas que são treze (Romanos, Coríntios – duas epístolas – Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonissences – duas epístolas – Timóteo – duas epístolas – Tito, Filemon). Tais cartas dão informações sobre Paulo, suas convicções, seu ministério, sua atividade. Normalmente, se concentram em questões internas da igreja. Suas epístolas respondiam interrogações que surgiam nas congregações. Assim, as epístolas contêm instruções, conselhos, repreensões e exortações para questões teológicas, éticas, sociais, pessoais e litúrgicas. Tais epístolas foram escritas num espaço de menos de vinte anos. (DOCKERY et al, 2007, p. 714)

E, também há as “epístolas gerais” (Tiago, Pedro – duas epístolas – João – três epístolas – Judas), que são os escritos em que os autores mencionam os destinatários em termos gerais e não relacionados com uma localidade específica. A maioria delas usa o nome do próprio autor como título. O apóstolo Pedro escreveu sua primeira epístola para fortalecer judeus e gentios contra a perseguição que ameaçava consumi-los (Primeira epístola de Pedro 4:12-19). Os leitores de sua segunda epístola e também da epístola de Judas enfrentavam desafios dos ensinamentos heréticos que ameaçavam sua vitalidade espiritual (Segunda epístola de Pedro 2:1-3; Judas 3:4). João escreveu sua primeira epístola para incentivar seus leitores a agirem corretamente (Primeira epístola de João 2:6), a ter o espírito certo (4:11) e convicções corretas (4:1). Na segunda epístola, advertiu contra falsos mestres (versículos 7-11) e, em sua terceira carta tratou de uma disputa interna de uma igreja (versículos 9,10). Por fim, a epístola de Tiago traz ânimo para os cristãos que sofriam assédio e perseguição. Também convoca os leitores a mostrar um comportamento prático de honestidade e integridade (Tiago 5:1-6) (DOCKERY et al, 2007, p. 794,795). Ressalta-se a existência da epístola aos Hebreus também compondo o Novo Testamento que, por sua diversidade não se encaixa nem como epístola paulina nem como epístola geral.

Por derradeiro, tem-se o livro de Apocalipse, “que emprega a linguagem das alusões bíblicas e do simbolismo apocalíptico para expressar a altura e a profundidade da experiência visionária do autor.” (DOCKERY et al, 2007, p.833).

No Novo Testamento também é apresentada a questão da hospitalidade enquanto dever sagrado, pois o próprio Jesus se designa como estrangeiro a ser acolhido. “Jesus vive em seu êxodo na terra uma experiência de estranhamento assim como viveram os profetas: não é acolhido “em sua pátria entre os seus” (Mateus 13:57; Marcos 6:4; Lucas 4:24; João 4:54). (BONASSI, 2007, p.13)

A condição de estrangeiro de Jesus é colocada em Mateus (25:31-46) como permanente até o fim dos tempos: “*porque tive fome e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes*”.(Mateus 25:35,36). A passagem ainda relata que, quando Jesus é perguntado; senhor, quando te vimos nestas condições? Segue a resposta: [...] *vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.* (Mateus 25:39,40). Tal passagem reforça a convicção “já claro no Antigo Testamento de que amar o próximo é amar a Deus.” (BONASSI, 2007, p.13).

Assim, pelas palavras atribuídas a Jesus em tal evangelho, vê-se que, no Novo Testamento, permanece a questão da hospitalidade sagrada, pois receber um necessitado, pode significar receber o “próprio Deus”. E tal acolhida sagrada também permanece revestida de recompensa, como foi com Abraão e Ló, pois os que tiverem tal atitude hospitaleira, serão recebidos no “reino dos céus”: “*então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.*”(Mateus 25:34)

Segundo os evangelhos, o próprio Jesus, no cumprimento de seu ministério, solicitou ser recebido: “as peregrinações de Cristo (Marcos 6:6) estão entrelaçadas com episódios em que a hospitalidade é com frequência controversa: ora é dada, ora é exigida pelo Filho do Homem.” (POTTIER, 2004, p.130, tradução livre):

Mas Jesus lhe respondeu: as raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; **mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.** (Lucas 9: 58)

Quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, pois **convém ficar hoje em tua casa.** Ele desceu a toda a pressa e o recebeu com alegria. (Lucas 19:5,6)



E, além de necessitar ser acolhido, Jesus demonstra que, o acolhimento a alguém, deve ser revestido de excelência: em certa ocasião repreendeu um fariseu, o qual, ao recebê-Lo não lhe acolheu da maneira mais adequada, mostrando que a um hóspede de honra, devem-se dar as atenções devidas. E que a hospitalidade é um ato de amor, fraterno (POTTIER, 2004, p.137, tradução livre).

**Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa.** E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhes os pés e os ungiu com o unguento. Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. [...]E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: vês esta mulher? **Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés.** Por isso, te digo: perdoados lhes são os seus muitos pecados, porque ela muito me amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. (Lucas 7: 36-39, 44-47)

O exemplo desta hospitalidade que expressa amor é também reforçado na parábola, já descrita, do bom samaritano, pois tal foi o único a se compadecer do homem ferido, garantindo-lhe o auxílio necessário, mesmo sem conhecê-lo.

E, para os que receberam Jesus enquanto esteve na terra, em sua condição de “Filho de Deus”, o evangelho de João descreve que o próprio Cristo intercede a Deus, desejando recompensá-los no futuro:

Porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles a receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste. [...] **Pai, a minha vontade é que onde estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste,** porque me amaste antes da fundação do mundo. (João 17:8, 24)

Tal intercessão se converte em uma das maiores recompensas a uma atitude acolhedora para aquele que crê, uma vez que a recompensa é traduzida por uma perene aliança com Deus.

A carta aos Hebreus também reforça a importância da prática da hospitalidade enquanto dever sagrado, quando diz: *Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns,*

*praticando-a, sem o saber acolheram anjos.* (Hebreus 13:2). Tal passagem é uma referência direta ao relato, já exposto, da acolhida de anjos por Abraão.

O próprio Jesus fala da importância do acolhimento, usando as crianças – que no contexto representam os mais frágeis:

**E quem receber uma criança**, tal como esta, em meu nome, **a mim me recebe**. (Mateus 18:5); **Qualquer que receber** uma criança, tal como esta, em meu nome, **a mim me recebe**; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou. (Marcos 9:37).

Este relato é também encontrado no livro de Mateus 10:40. Tal passagem torna-se uma relevante expressão da grande recompensa a se ter no acolhimento de um “pequenino”, por amor de Jesus: ele próprio estaria sendo recebido.

Em sua carta aos Romanos, encontramos Paulo recomendando atitudes que deveriam ser realizadas pelos seguidores de Cristo dizendo: *“compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade.”* (Romanos 12:13) e reforça: *“portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu, para a glória de Deus.”* (Romanos 15:7)

No contexto desta carta Paulo já havia realizado diversas viagens missionárias, onde foi acolhido por compatriotas que se tornaram colaboradores na difusão do evangelho de Jesus Cristo:

Depois disto, deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto. Lá, encontrou certo judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio<sup>12</sup> decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo aproximou-se deles. E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e ali trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas. E todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos. (ATOS DOS APÓSTOLOS, 18:1-4)

Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira<sup>13</sup>, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia. Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, nos rogou, dizendo: se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai. E nos constrangeu a isso. (ATOS DOS APÓSTOLOS 16:14,15)

Assim, ao falar da acolhida hospitaleira, Paulo exalta a hospitalidade como um ato de amor cristão, pois em tal atitude se realizaria o amor ágape, gratuito e a atenção fraternal. Neste sentido, segundo Candaten (2007, p. 37), a chamada igreja primitiva “se impôs diante

<sup>12</sup> Foi o quarto imperador romano (41 a 54 d.C.). (GARDNER, 2008, p.113)

<sup>13</sup> Cidade da província romana da Ásia. (ALMEIDA, 2006, p.105)

de seus contemporâneos e a hospitalidade tornou-se o principal suporte para a dinâmica de universalismo na atividade missionária, autêntica expressão do ágape evangélico.”

Tal afirmação reforça a questão de, segundo a Bíblia, na chamada igreja primitiva, tempo em que os discípulos de Cristo começaram a propagar a sua mensagem e se organizar em comunidades de fé, a hospitalidade passa a ser assumida não apenas por respeito a uma tradição considerada dever de comportamento, mas por causa do exemplo dado por Jesus Cristo.

Segundo Candaten (2007, p. 37), João Crisóstomo<sup>14</sup>, em sua pregação, exortava continuamente os fiéis a praticarem a hospitalidade, expressão de fraternidade entre cristãos. Para a autora, Agostinho continuou no Ocidente a tradição de seus antecessores afirmando que, através da hospitalidade aos menores, os últimos, os pequeninos, chega-se a Jesus Cristo e que, receber um cristão é o mesmo que receber a Jesus. Agostinho dizia: “aprendam, pois, a acolher os hóspedes, nos quais se manifesta Cristo, receba o hóspede do qual é companheiro de viagem, porque todos somos forasteiros e a verdadeira pátria está nos céus. Exercer a hospitalidade é preparar um tesouro nos céus.” (Candaten 2007, p.37),

Portanto, essas seriam as prescrições a serem seguidas e aplicadas por todos os cristãos em sua vida cotidiana. “A acolhida, desde sempre considerada um valor sagrado, atualmente, na era da globalização, tornou-se uma necessidade que se impõe a todos e, para os cristãos, não apenas uma exigência ética, mas um imperativo evangélico.” (CANDATEN, 2007, p.38).

### **3.4 O estrangeiro no Novo Testamento**

No Novo Testamento a questão da relação do povo “escolhido de Deus” com o estrangeiro também aparece. No Antigo Testamento, viu-se que o estrangeiro participaria dos deveres e bênçãos reservados aos israelitas, desde que deixassem suas crenças de lado e reconhecessem Jeová como o único Deus. Do contrário, seriam aniquilados. A importância da acolhida ao estrangeiro, por sua valorização no Antigo Testamento como referência fundamental à memória das origens [...] encontra forte paralelo em páginas do Novo Testamento. (CANDATEN, 2007, p.34).

---

<sup>14</sup> Foi ordenado diácono (ano 381), padre (386), tornando-se, então, o pregador de Antioquia. Além dos sermões de circunstância (ao povo de Antioquia), sua imensa obra oratória comenta uma grande parte do Antigo e do Novo Testamento. (GAIN, 2009, p.106 in CORBAIN, 2009)

Analisando o Novo Testamento, encontra-se um povo judeu que não se dá com estrangeiros. Em tal contexto, Jesus, o “filho de Deus” para os cristãos, age de modo diferente com o estrangeiro, reforçando e aprofundando a questão do amor que deveria ser dado a esses.

Jesus era consciente de ter sido enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mateus 15:24), no entanto, ao encontrar pessoas estrangeiras como a mulher siro-fenícia (Marcos 7:24-30), a samaritana (João 4:7-30), o centurião (Mateus 8:5-13), mesmo sempre afirmando a distância e a diferença entre judeus e estrangeiros, inicia uma relação, um diálogo com quem se manifesta aberto ao dom de Deus suscitando assim uma resposta de fé. (BONASSI, 2007, p. 12)

Para a autora, as diversidades étnicas e culturais, reconhecidas por Jesus, são superadas pela fé e, nas atitudes de fé, é que ocorreria um autêntico encontro entre Jesus e o estrangeiro. O evangelho de João (12:20-28) relata que Jesus, ao saber que alguns gregos estrangeiros queriam vê-lo, percebeu em tal fato que havia chegado sua hora, em que, com sua morte, uniria toda a humanidade. (BONASSI, 2007, p.12)

Nos evangelhos, há basicamente três relatos sobre o encontro de Jesus com estrangeiros e uma parábola, contada por Jesus, em que o estrangeiro é colocado acima dos doutores da lei da época.

O evangelho de Mateus registra uma situação aonde uma pessoa não judia vem pedir auxílio a Jesus e tem uma resposta positiva, imediata, sem que Cristo apresente alguma ressalva pelo fato de ser estrangeiro. Tal relato é também encontrado no evangelho de Lucas, capítulo 7, versículos 1 a 10.

Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente. Jesus lhe disse: irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entre em minha casa; mas apenas manda uma palavra, e o meu rapaz será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta. Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes. Então, disse Jesus ao centurião: vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado. (Mateus 8: 5-13)

Os centuriões eram comandantes militares romanos que tinham sob suas ordens divisões de cem soldados. No relato de Mateus há uma ênfase de que gentios com tal fé substituiriam os israelitas incrédulos no reino vindouro de Deus. Já Lucas enfatiza que tal homem era digno da ajuda de Cristo, pois amava a nação judaica e ajudara, inclusive, a construir a sinagoga em Cafarnaum<sup>15</sup> (Lucas 7:4,5) (GARDNER, 2008, p. 111).

Outras passagens ainda relatam centuriões assumindo papéis de destaque: na crucificação de Jesus, um centurião observou como Cristo morreu e exclamou: *verdadeiramente este era filho de Deus* (Mateus 27:54; Marcos 15:39). “Para um pagão, o título “filho de Deus” naturalmente referia-se a um homem justo, deificado depois da morte.” (GARDNER, 2008, p.111). No livro de Atos dos Apóstolos, vários centuriões são citados nos relatos sobre as prisões de Paulo; e, talvez, o mais famoso e importante seja Cornélio, registrado como o primeiro gentio a se converter.

Também no evangelho de Mateus encontra-se a descrição de um encontro de Jesus com uma mulher cananéia, da região, siro-fenícia. Tal relato também é descrito no evangelho de Marcos 7:24-30.

Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom. E eis que uma mulher Cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: despede-a, pois vem clamando atrás de nós. Mas Jesus respondeu: não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Ela, porém, veio e o adorou, dizendo; Senhor, socorre-me! Então, ele, respondendo, disse: não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, contudo, replicou: sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Então, lhe disse Jesus: ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã. (Mateus 15:21-28)

O contexto de tal passagem, pelo relato bíblico, demonstra que Jesus saiu da Galiléia, que era uma das províncias da terra de Israel e foi até a região siro-fenícia, uma região costeira da província romana da Síria. (ALMEIDA, 2006, p.15,49). Assim, tem-se que Jesus se encontrava em território de gentios. Algo que talvez não fosse imaginado pelos discípulos que o acompanhavam.

---

<sup>15</sup> Era uma cidade que ficava junto ao mar da Galiléia e, segundo os relatos bíblicos, foi o centro das atividades de Jesus durante o seu ministério na Galiléia. (ALMEIDA, 2006, p.18)

Ao ser abordado pela mulher, usa a expressão “cachorrinhos”, demonstrando que sabia que “os judeus chamavam os gentios de cães” (ALMEIDA, 2006, p.15). Poder-se-ia dizer que Jesus titubeou antes de atender a mulher, porém o que parece é que usou a referida expressão de maneira talvez sutil por causa da atitude dos discípulos que, no versículo 23 lhe solicitaram: *despede-a, pois vem clamando atrás de nós*; tal fala demonstra que os mesmos pareciam incomodados. Mas, como Jesus, segundo a Bíblia, tinha um propósito em cada uma de suas atitudes, provavelmente não estava naquele local por acaso, mas desejava ensinar algo aos seus seguidores. É possível perceber, inclusive, que a mulher não se reprimiu, pelo contrário, se animou e insistiu, tendo, por fim seu pedido atendido.

Outras passagens bíblicas demonstram que, muitas vezes, Jesus, mesmo com a ansiedade dos que o rodeavam e, sabedor do que iria acontecer, aguardava o momento certo para agir ou verbalizar seu ensinamento. Foi assim com a mulher siro-fenícia e também no caso da mulher adúltera descrita no evangelho de João capítulo 8, versículos 1 a 11; e na ressurreição de Lázaro, também em João (11: 1-46).

Ainda há o encontro de Jesus e uma mulher samaritana, relatado no evangelho de João. No período do Novo Testamento, os samaritanos eram rejeitados pelos judeus. Os judeus acreditavam que os samaritanos eram descendentes dos povos que tinham sido levados para Israel pelo rei da Assíria. Esses povos haviam se casado com israelitas e colocado ídolos nos santuários do povo israelita (Segundo Reis 17:24-29). (COLEMAN, 1991, p.298). Os samaritanos “[...] aceitavam apenas a autoridade do Pentateuco. [...] Eram monoteístas e aceitavam Moisés como profeta. [...] são considerados uma terceira categoria, distinta de judeus e gentios”. (GARDNER, 2008, p.576,577)

Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: dá-me de beber. Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos. Então, lhe disse a mulher samaritana: **como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?** (João 4:7-10).

Ao falar com uma mulher samaritana Jesus teria ultrapassado todos os limites, afinal, nenhum rabino conversava abertamente com uma mulher. (GARDNER, 2008, p.468). O comportamento de Jesus foi excêntrico, surpreendeu a mulher e deixou até mesmo seus discípulos chocados:

Neste ponto, chegaram os seus discípulos e se admiraram de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: que perguntas? Ou por que falas com ela? (JOÃO 4:27)

No capítulo 4 do evangelho de João, que possui 54 versículos, são dedicados 42 para relatar a história em que Jesus fala com a mulher, se apresenta como Messias, a convence sobre ser o filho de Deus, o que a leva a chamar outros conterrâneos que também crêem em Jesus e ainda insistem para que Cristo permaneça mais tempo com eles. Jesus fica por mais dois dias, em um local que, teoricamente, seria apenas para passagem. (GARDNER, 2008, p.468)

Para reforçar o fato de que os samaritanos também eram merecedores de participar da obra de salvação de Cristo, está registrado no evangelho de Lucas uma parábola, proposta por Jesus, intitulada, na Bíblia, como “o bom samaritano”. Jesus conta tal parábola após ser indagado por um intérprete da Lei (Antigo Testamento):

[...] Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então, Jesus lhe perguntou: que está escrito na Lei? Como interpretas? A isto ele respondeu: amarás o Senhor, teu deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e, amarás o teu próximo como a ti mesmo. Então, Jesus lhe disse: respondeste corretamente; faze isto e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: que é o meu próximo? (LUCAS 10: 25b-29)

Ao que Jesus responde com uma parábola:

Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo. Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar. Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu-lhe o intérprete da Lei: o que usou de misericórdia para com ele. Então, lhe disse: vai e procede tu de igual modo. (LUCAS 10: 25-37)

Jesus poderia ter usado qualquer outra pessoa como exemplo para estar no lugar do samaritano. Tal fato reforça suas atitudes frente aos estrangeiros, demonstrando que não deveria haver acepção em relação a nenhum povo e todos podem ser o “próximo”, a quem se deve amar.

Na parábola, “Jesus insinuou que o samaritano não se deteve em perguntar quem era aquele próximo, afinal, segundo o senso comum, não seria. Mas, pelo contrário, o samaritano se fez próximo com o necessitado ao oferecer-lhe ajuda.” (ALMEIDA, 2006, p. 110). Em tal relato, Jesus indicou “no não-próximo, no não-nacional, num estrangeiro, aquele que é capaz de sentir compaixão para com quem sofre, convidando todos a serem o próximo dos que se encontra no caminho.” (BONASSI, 2007, p.12)

Salientando que não deveria haver exclusão a estrangeiros, no livro dos Atos dos Apóstolos há o registro de uma passagem em que, através de uma visão, o apóstolo Pedro entende que o evangelho de salvação também deveria ser pregado aos gentios. Em tal passagem a figura do centurião aparece novamente. A Bíblia registra que seu nome era Cornélio, morava em Cesaréia<sup>16</sup> e o descreve como um “*homem piedoso e temente a Deus com toda a sua casa e que fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus.*” (Atos 10:1,2)

Nos versículos 3 a 8 é relatado que Cornélio estava orando a Deus e recebe uma mensagem dada por um anjo de que deveria enviar mensageiros a Jope<sup>17</sup> para chamar Simão, o curtidor<sup>18</sup>.

Por sua vez, de 9 a 16 é relatada a visão de Pedro, mencionada acima:

[...] então, viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra pelas quatro pontas, contendo toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu. E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: levanta-te Pedro, mata e come. Mas Pedro replicou: de modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda. Segunda vez, a voz lhe falou: ao que Deus purificou não consideres comum. Sucedeu isto por três vezes, e, logo, aquele objeto foi recolhido ao céu. (ATOS DOS APÓSTOLOS 10:9b-16)

O capítulo segue dizendo que, enquanto Pedro pensava qual seria o significado da visão chegaram os mensageiros de Cornélio, os quais foram convidados por Pedro a entrar em sua casa, onde os hospedou. Naquele mesmo dia foram até Cesaréia, na casa de Cornélio. (Atos dos Apóstolos 10:23-26).

Então, Pedro entrou na casa do centurião, onde estavam muitos reunidos. “Por motivos religiosos, os judeus procuravam ter o menor contato possível com gentios; entrar em casa

---

<sup>16</sup> Porto em que Herodes teria construído em honra a César Augusto, na costa do Mediterrâneo, a 40 km de Samaria. (ALMEIDA, 2006, p.22)

<sup>17</sup> Porto marítimo, localizado 56 km a noroeste de Jerusalém. (ALMEIDA, 2006, p.62)

<sup>18</sup> Aquele que trabalha na preparação do couro. (ALMEIDA, 2006, p.29)



deles os tornaria ritualmente impuros”. (ALMEIDA, 2006, p.187). Ao entrar, Pedro disse: *“vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça, mas Deus me mostrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo; por isso, uma vez chamado, vim sem vacilar.”* (Atos dos Apóstolos 10:28,29a)

Pelo relato bíblico, Cornélio contou a Pedro sobre a mensagem que havia recebido, ao que Pedro respondeu: *“reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável.”*(Atos dos Apóstolos 10:34-36). E passou a pregar sobre Jesus Cristo:

Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos. Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judéia, tendo começado desde a Galiléia, depois do batismo que João pregou, como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele; e nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro. A este ressuscitou Deus, no terceiro dia e concedeu que fosse manifesto, não a todo povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos; e nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos. Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados. (Atos dos Apóstolos 10: 36-43)

Após tais palavras, relata-se no livro de Atos que todos os que ali estavam receberam o Espírito Santo, se convertendo à doutrina dos seguidores de Cristo. (Atos dos Apóstolos 10:44-48)

O capítulo 11, dos versículos 1 ao 18, relata que os outros apóstolos e pessoas que os acompanhavam souberam que Pedro estava na casa de um gentio e o indagaram sobre tal situação. Pedro se defende, conta o que se passou, conta sobre sua visão e, ao final, todos entenderam que a salvação oferecida por Cristo era também para os gentios: *“E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida.”* (Atos dos Apóstolos 11:18).

O capítulo 15 do livro de Atos dos Apóstolos também registra a confirmação desses preceitos. Esse livro registra ainda que o próprio Jesus designou que Paulo pregasse para os gentios: *“Mas o Senhor lhe disse: vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel.”* (Atos dos Apóstolos 9:15)

As questões apresentadas nas passagens relatadas mostram que, diferentemente do Antigo Testamento, no Novo Testamento, onde se diz que Jesus veio estabelecer uma nova aliança, ninguém, nem de outra raça ou credo, deveria sofrer retaliações. Todos deveriam ser acolhidos pelos seguidores de Cristo, a todos se deveria transmitir a mensagem de Jesus, a todos dever-se-ia amar, como sendo o “próximo”. Seria esta a máxima da dimensão de hospitalidade da acolhida ao outro relatada na Bíblia.

O cristão, em seu seguimento a Jesus, em seu caminho de conformidade a Cristo, é chamado a vencer com a misericórdia e o amor as barreiras que se lhe apresentam no encontro e na acolhida ao estrangeiro como: as diferenças culturais, lingüísticas, étnicas, que podem gerar medo. (BONASSI, 2007, p.13)

Em uma carta aos crentes da Galácia<sup>19</sup>, Paulo afirma: *“dessarte, não pode haver nem judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós são um em Cristo Jesus.”*(Gálatas 3:28). Assim, Paulo estava reforçando que Jesus Cristo trouxe uma igualdade que sobressai às diferenças de raça, nacionalidade e cultura, eliminando a discriminação por razões sociais ou de sexo.

Frisa-se que no judaísmo não era permitido que as mulheres estudassem a lei de Moisés, e, alguns sábios judeus asseguravam que mais valia à pena queimar a lei do que ensiná-la a uma mulher. A posição da mulher no judaísmo era muito inferior à do homem. Nas sociedades ditas pagãs, as mulheres eram muito mais estimadas. Já no cristianismo houve uma elevação da mulher, que gozam de melhores privilégios que no judaísmo. (CHAMPLIN, 2002, p.396).

Paulo proibiu que as mulheres falassem na igreja. (Primeira carta aos Coríntios 14:34). Em uma sinagoga judaica seria considerado como uma suprema desgraça uma mulher tomar parte ativa no culto de adoração, falando ou mesmo orando em voz alta. Ver as mulheres através dos olhos de Paulo é vê-la segundo a maneira determinada pelo judaísmo. (CHAMPLIN, 2002, p.394)

Porém, na passagem descrita na epístola de Gálatas, Paulo mostra que a mulher espiritualmente era igual ao homem. O que ele diferenciava era a igualdade dentro da ordem eclesiástica. (CHAMPLIN, 2002, p.395)

A questão da igualdade espiritual entre homem e mulher é vista no ministério de Jesus, pois os evangelhos estão repletos de referências a mulheres, diretamente envolvidas na vida

---

<sup>19</sup> Província romana situada no centro-norte da Ásia Menor. (ALMEIDA, 2006, p.49)

de Jesus. A primeira delas é sua mãe, Maria. Sua importância é a relação maternal: “em seu ministério, Maria ocupou papel secundário. Porém, contribuiu para a formação moral e religiosa de Jesus em seus anos formativos de infância e meninice” (CHAMPLIN, 2002, p.399).

Os evangelhos ainda mostram que Jesus atendia pedidos de homens e mulheres, igualmente, se estivessem alicerçados no direito e na fé. Atendeu a mulher hemorrágica (Lucas 8:43), ressuscitou o filho da viúva Naim (Lucas 7:11-17), ressuscitou Lázaro, a pedido de suas irmãs Marta e Maria (João 11:17-43). Cristo também, em algumas ocasiões dirigiu suas instruções a mulheres ou, então, utilizou-se da mulher como ilustração de verdades espirituais (Lucas 15:8; João 4:1-42; João 7:53-8:11). (CHAMPLIN, 2002, p.400)

Por fim, mulheres o acompanharam em Jerusalém, onde seria crucificado (Mateus 27:56,47), estiveram presentes de longe, na cena da crucificação (Lucas 23:49), prepararam seu corpo para o sepultamento (Mateus 27:61; Lucas 23:55,56), na manhã da ressurreição foram as primeiras a chegar ao túmulo (Mateus 28:1; Mc 16:1; Lc 24:1) e foram as primeiras a ver Cristo ressurreto (Mateus 28:9; Marcos 16:9; João 20:14). (CHAMPLIN, 2002, p.400)

Tantos destaques vêm, mais uma vez, reforçar que Jesus queria demonstrar que, para ele, o papel da mulher não estaria limitado a afazeres domésticos e que, elas, também deveriam ser acolhidas e lhes devia ser pregado o evangelho.

### **3.5 Hospitalidade: uma recomendação**

No Novo Testamento muitas recomendações para os cristãos com respeito à prática da hospitalidade são encontradas.

Segundo Dockery et. al. (2007, p.646), o mundo do Novo Testamento abrange duas áreas de pensamento e costumes religiosos: o judaísmo da Palestina e a cultura helenista. O primeiro estava baseado na revelação que Deus fez a Israel, onde o Antigo Testamento era o seu cerne. Porém, “os desenvolvimentos históricos do pensamento e dos costumes religiosos resultaram em instituições (como a sinagoga e o Sinédrio)<sup>20</sup>, partidos (como o dos fariseus e saduceus)<sup>21</sup> e festas que não aparecem no Antigo Testamento.” (DOCKERY et al, 2007,

---

<sup>20</sup> Sinédrio era o mais elevado concílio e autoridade legal entre os judeus no período anterior à queda de Jerusalém. Seus membros eram os principais sacerdotes e fariseus. (GARDNER, 2008, p.615)

Sinagoga era a casa de oração dos judeus (ALMEIDA, 2006, p.100)

<sup>21</sup> Fariseus era uma das três seitas judaicas descritas por Josefo, historiador judeu do século I (as outras duas: saduceus e essênios). O grupo era uma mistura de partido político e facção religiosa. Os saduceus eram

p.646). A vida de Jesus, relatada nos evangelhos, como também o desenvolvimento da igreja em Jerusalém, descrito na primeira metade do livro de Atos dos Apóstolos, está ambientado no centro do judaísmo da Palestina.

Por sua vez, a cultura helenista, mundo do ministério de Paulo, era marcado “pela unidade de língua (o grego em que o Novo Testamento foi escrito), pela abertura para novas idéias e formas de vida (Atos 17:21) e pela tolerância da diversidade cultural e religiosa”. (DOCKERY et al, 2007, p.647)

Nas cartas de Paulo a Timóteo<sup>22</sup> e a Tito<sup>23</sup>, o apóstolo coloca o que é entendido como adjetivação da hospitalidade: o “ser hospitaleiro” - como sendo uma das características essenciais daquele que pretende ser um ministro de Deus, bispo da igreja:

É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, **hospitaleiro**, apto para ensinar (1Timóteo 3:2); Porque é indispensável que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus [...]antes, **hospitaleiro**, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, que tenha domínio de si. (Tito 1:7a, 8)

Porém, em outras cartas de Paulo e também do discípulo Pedro, deixa-se claro que não apenas aqueles com alguma função religiosa deveriam praticar a hospitalidade. O leigo, ou seja, o que acredita nos preceitos dados por Jesus sem exercer algum papel eclesiástico, deve exercê-la: *compartilhai as necessidades dos santos, **praticai a hospitalidade*** (Romanos 12:13); *Sede, mutuamente, **hospitaleiros**, sem murmuração.* (1 Pedro 4:9).

Paulo, segundo o relato bíblico, era judeu, fariseu, encontrado pela primeira vez no livro de Atos dos Apóstolos com o nome hebraico Saulo. Era extremamente zeloso, como judeu e, na época relatada na Bíblia, de uma intensa perseguição aos seguidores de Cristo se ofereceu voluntariamente aos líderes judaicos em Jerusalém. Diz a Bíblia:

Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere. (Atos dos Apóstolos 8:3)

Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de

---

politicamente liberais e conservadores nas questões religiosas. Viviam em paz com o governo romano, mas acreditavam apenas na Lei escrita (o que os cristãos chamaram de Antigo testamento). (GARDNER, 2008, p.213)

<sup>22</sup> Converteu-se durante a primeira viagem missionária de Paulo e tornou-se um de seus colaboradores na segunda viagem. Para Paulo era um dos jovens que demonstravam maior potencial para ser líder na igreja emergente. (GARDNER, 2008, p.641)

<sup>23</sup> Um dos maiores companheiros do ministério de Paulo. (GARDNER, 2008, p.645)

Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho<sup>24</sup>, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém. (Atos dos Apóstolos 9:1,2)

Porém, relata a Bíblia que, a caminho de Damasco, uma luz forte brilhou do céu ao redor dele, e fez com que ele caísse por terra e ficasse cego e uma voz lhe disse: “Saulo, Saulo, por que me persegues? Atônito, ele teria respondido: quem és tu, senhor? Ao que recebeu como resposta: eu sou Jesus, a quem tu persegues. (Atos dos Apóstolos 9:4,5). Após tais acontecimentos, ele ficou em Damasco até receber Ananias, um cristão, enviado para impor suas mãos sobre ele e lhe restaurar a visão. (Atos dos Apóstolos 9:10-19). (GARDNER, 2008, p. 508). Após tal experiência, seu nome foi trocado para Paulo, tornou-se um discípulo de Jesus Cristo, passando a pregar seus ensinamentos, tornando uma referência para todos os cristãos.

Pedro, originalmente chamado de Simão, era casado, e um dos doze discípulos de Jesus. Não fora educado religiosamente e, portanto, era considerado ignorante e sem estudos pelos líderes judaicos de Jerusalém.

João, também discípulo de Jesus, autor de um livro – Evangelho – e três epístolas aponta que o acolhimento a todos, especialmente aos cristãos em viagem, também deve ser realizado: *Portanto, devemos acolher esses irmãos, para nos tornarmos cooperadores da verdade.* (Terceira Carta de João 1:8)

A Terceira Epístola de João é uma passagem que explicitamente exalta a hospitalidade. “Esta carta é dirigida a Gaio, um cristão de quem se elogia a hospitalidade com que recebia os pregadores e evangelistas que visitavam a igreja da qual era membro”. (ALMEIDA, 2006, p. 366). Esta qualidade de Gaio é tão valorizada que também é reforçada por Paulo na carta escrita aos Romanos. (Romanos 16:23)

Ao mesmo tempo, aponta-se outro personagem, Diótrefes, um membro da igreja que não é hospitaleiro e sobre o qual se recomenda não seguir o exemplo, por ser uma referência ruim, que não procederia de Deus.

[...]e, não satisfeito com estas coisas, **nem ele mesmo acolhe os irmãos, como impede os que querem recebê-los e os expulsa da igreja. Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom.** Aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal jamais viu a Deus. (Terceira João 1:10,11)

---

<sup>24</sup> Caminho era o nome dado ao movimento cristão, com o significado de maneira de proceder e de viver. (ALMEIDA, 2006, p.185)

### 3.6 A hospitalidade no ministério de Jesus Cristo

Os relatos bíblicos do Novo Testamento deixam claro que, além dos samaritanos, existiam outras classes de pessoas que eram desacreditadas pelos judeus: os publicanos, cobradores de impostos, os quais normalmente eram desprezados por trabalharem para um dominador estrangeiro e por serem geralmente desonestos; os leprosos, os quais, por causa de sua doença, eram forçados a morar longe das outras pessoas e, quando se aproximassem delas, deviam gritar: “Imundo, Imundo!”. (ALMEIDA, 2006, p.66, 89,97 - apêndice). A tais, Jesus deu um tratamento totalmente diferenciado: se hospedou com eles, olhou nos olhos e conversou, os tocou.

A vida daquele que é tido pelos cristãos como “Salvador e Senhor” já se iniciou de maneira controversa, afinal, ele nasceu em um estábulo, pois seus pais não encontraram um ser hospitaleiro e “*ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria*” (Lucas 2:7). Segundo Champlin (2002, p.165), quanto ao verbete hospedaria, tem-se no hebraico uma palavra e, no grego, duas: *malon*, com o significado de acampamento, aparecendo por oito vezes, todas no Antigo Testamento; *katáluma*, que quer dizer descanso, parada. Aparece apenas na passagem descrita acima; e *pandochêion*, que significa casa de receber, estalagem, a qual aparece apenas no evangelho de Lucas, capítulo 10, versículo 34 que relata a parábola do bom samaritano.

Em se tratando de amor ao próximo e abertura para o outro, Jesus vive na contramão do mundo, e age de maneira a escandalizar seus contemporâneos:

**E eis que um leproso, tendo-se aproximado**, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. **E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe**, dizendo: quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo de sua lepra. (Mateus 8: 2,3).

Frisa-se em tal passagem não o milagre da cura, mas o fato de Jesus tocar em alguém que era considerado sujo.

Com os excluídos, Jesus sentava-se à mesa: *Achando-se Jesus à mesa na casa de Levi, estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram em grande número e também o seguiam.* (Marcos 2:15).

Nesta passagem, não apenas havia marginalizados à mesa. Jesus estava na casa de um cobrador de impostos, mal visto pelo povo que se sentia usurpado pelo mesmo. Tais relatos

exemplificam que Jesus viveu “numa contínua abertura para o outro, uma vida pelo outro, para o diferente.” (BONASSI, 2007, p.12)

A abertura de Jesus para o outro foi realizada de maneira radical, “quebrando os códigos de separação entre judeu e samaritano, puro e impuro, homem e mulher. O cristianismo, portanto, apresenta-se como espaço de encontro entre diferentes.” (BONASSI, 2007, p.14)

O evangelho de João relata três situações de eventos que propiciam o estabelecimento e estreitamento de vínculos através da hospitalidade praticada em âmbito doméstico. Trata-se das bodas de Caná da Galiléia, onde ocorria um casamento para o qual Jesus havia sido convidado, juntamente com seus discípulos. O evangelho relata que, neste evento, Jesus deu início a seus sinais milagrosos ao transformar água em vinho a ser servido aos convidados. (João 2:1-12). Porém, o fato a ser ressaltado era a presença de Jesus em um banquete que proporcionava confraternização, ou seja, sua presença era como um apoio àquela situação em que pessoas são recebidas, servidas e desfrutam do que ali existe.

Em outra situação, Jesus estava presente em um ceia na casa dos irmãos Lázaro, Marta e Maria. Ali, Maria teve uma atitude de extrema cortesia com Jesus, seu convidado ilustre: “*então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo.*”. O relato segue dizendo que Judas Iscariotes, o discípulo de Jesus que o trairia levando-o a ser crucificado, repreendeu a Maria dizendo que tal bálsamo poderia ser vendido e dado aos pobres. Porém, Jesus diz que ela fez o que era correto, reforçando que deve-se dar o melhor ao seu convidado. (João 12:1-8)

E, na última ceia de Jesus com seus discípulos (João 13:1-20), ele deixa claro que o serviço ao outro é um ato de amor, de hospitalidade, ao lavar os pés dos mesmos: “*Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.*” (João 13:13-15).

Segundo Almeida (2006, p.159), lavar os pés do seu senhor era um dever reservado aos escravos não-judeus. Assim, Jesus, segundo o compreendido na comunidade cristã, estava dando um exemplo de humildade e serviço fraternal. Questões que deveriam ser repetidas por seus seguidores em diferentes situações.

Neste sentido, percebe-se que, pelos relatos bíblicos, Jesus procurou fornecer a seus seguidores o exemplo da prática de uma hospitalidade que consiste na abertura para o outro sem reservas, no estabelecimento de vínculos e no serviço ao próximo. Cristo estaria não

criando um novo conceito de hospitalidade, diferente do existente na antiga aliança, ou seja, no Antigo Testamento, mas sim inserindo “uma renovada visão de relacionamentos inter-humanos, em que não existem mais amigos ou inimigos, eleitos ou rejeitados, mas todos compõem a grande família dos filhos de Deus.” (CANDATEN, 2007, p.36)

### 3.7 Dádiva e hostilidade do Deus de Israel

A Bíblia é repleta de passagens que demonstram um Deus que tem amor pela humanidade. O primeiro livro da Bíblia, Gênesis, relata em seu primeiro capítulo justamente a criação do mundo por Deus. Tal gesto, no relato bíblico caracterizado como de amor por um Deus que desejava se relacionar com o homem, é marcado pela disponibilização de uma morada em que o homem tinha o melhor e dominava sobre tudo o mais que existia:

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher, os criou. **E Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.** E disse Deus ainda: eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E todos os animais da terra, e a todas as aves do céu, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez. (Gênesis 1:27-31)

Esta seria a “[...] hospitalidade fundamental da terra, do Éden, onde o homem não trabalha e come o que lhe apetece.” (POTTIER, 2004, p.116, tradução livre)

Ao longo da descrição bíblica de toda a história do povo de Israel, os textos relatam um Deus que manifesta seu cuidado e proteção com o seu povo escolhido: “a hospitalidade da divindade para com o Israel, o povo eleito.” (POTTIER, 2004, p.118, tradução livre). No êxodo do povo judeu pelo deserto, Deus sustenta miraculosamente a todos:

Então, disse o SENHOR a Moisés: **Eis que vos farei chover do céu pão**, e o povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha lei ou não. (Êxodo 16:4); Prosseguiu Moisés: Será isso quando o SENHOR, à tarde, **vos der carne para comer e, pela manhã, pão que vos farte**, porquanto o SENHOR ouviu as vossas murmurações, com que vos queixais contra ele; pois quem somos nós? As vossas murmurações não são contra nós, e sim contra o SENHOR. (Êxodo 16:8).



No livro de Primeiro Reis há um relato em que o profeta Elias, em um momento de desânimo foi alimentado por Deus: *olhou ele e viu, junto à cabeceira, um pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir.* (1 Reis 19:6)

O livro de Salmos é rico em expressões que demonstram um Deus protetor, que é refúgio, fortaleza (Salmos 46:1; 62:2, 71:1, 73:28, 90:1), rocha e salvação. Tais expressões retratam a acolhida dada por Deus àquele que nele crê: “essa hospitalidade é aquela do pai para com seus filhos”. (POTTIER, 2004, p.126)

No capítulo 127, versículos 1 e 2, do livro de Salmos, o salmista dá uma demonstração de que só a proteção de Deus é a mais segura e eficiente: *se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.*

A própria arca construída por Noé em decorrência de uma ordem dada por Deus dá refúgio e salvação à única família da época em que seu patriarca achou *graça diante do Senhor. [...] Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus.* A arca salvadora é uma hospitalidade (móvel) consentida pelo divino. (POTTIER, 2004, p.119)

Por outro lado, no descortinar de tal dádiva, é possível perceber, pelos próprios relatos bíblicos, que Deus passa de provedor hospitaleiro a um castigador hostil quando o homem não o obedece. Foi assim na expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden, a morada que tinham ganhado e de onde foram expulsos por comerem do fruto do conhecimento do bem e do mal, anteriormente proibidos pelo Deus provedor da morada. (Gênesis 3:6,11). Ao comer de tal fruto, segundo a Bíblia, o homem se tornou como Deus, conhecedor do bem e do mal. (Gênesis 3:22)

Por causa de tal desobediência, Adão e Eva são amaldiçoados a viverem uma vida penosa e cheia de dores (Gênesis 3:16-19) e são mandados embora do jardim: “*o Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado.*” (Gênesis 3:23).

Todos os princípios de dádiva e hospitalidade foram quebrados em tal atitude e, ao longo da descrição bíblica da história de Israel, é possível perceber que em outros momentos isso também ocorre, especialmente quando o “povo eleito de Deus” não faz o que seu Deus ordena e, como já visto, quando povos que não o reconhecem como Deus se colocam no caminho dos israelitas.

Na história do dilúvio, Deus entende que apenas Noé era “*homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos*” (Gênesis 6:9) e, portanto, apenas sua família e os animais existentes seriam salvos da inundação que tomaria conta de toda a terra. (Gênesis 6: 17,18). Assim,

todos os demais seres que viviam foram rejeitados pelo Deus Criador e morreriam por entender Deus que estavam corrompidos:

Então, disse o Senhor: o meu espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal;[...] viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mal todo desígnio do seu coração;[...] (Gênesis 6:3,5)

A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência. Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra. Então, disse Deus a Noé: resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia de violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra. (Gênesis 6:11-13)

A Bíblia não relata os nomes daqueles que pereceram e nem tão pouco quais eram suas atitudes para receber tal pena. Talvez até nisso tenham sido excluídos. Não eram dignos de detalhamento do texto, segundo a visão de Deus.

Após o dilúvio, segundo o texto bíblico, tudo recomeça na terra e então se chega à história de Abraão e os patriarcas do povo israelita. E, neste contexto, Deus reforça ao seu povo que é dono da terra e de tudo que nela há, portanto, a vivência do homem nela é fruto de uma hospitalidade oferecida por Deus, que tem o domínio absoluto da mesma.

A Bíblia enfatiza que o homem é peregrino, estrangeiro: *também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois para mim estrangeiros e peregrinos.* (Levítico 25:23); [...] *porque sou forasteiro à sua presença, peregrino, como todos os meus pais o foram.* (Salmos 39:12b).

Portanto, pelo relato bíblico, o homem é um forasteiro recebido na terra que pertence a Deus, que dadivosamente lhe recebe e dá tal morada.

No Novo Testamento, tal condição é reforçada: *Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois [...]* (1Pedro 2:11a); *Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.* (Hebreus 11:13)

Porém, a vinda de Jesus à terra trouxe o estabelecimento de uma nova aliança, que coloca aos que o recebem como Senhor e Salvador numa nova condição: *assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus.* (Efésios 2:19).

Os cristãos entendem que Jesus Cristo veio à terra para reconciliar o homem com Deus, e, segundo o relato bíblico, o derramar de seu sangue por meio de sua morte na cruz, era o preço necessário a ser pago por tal reconciliação.

Esta necessidade decorre da desobediência de Adão e Eva, que os levou a serem expulsos do jardim do Éden e amaldiçoados, tornando, assim, sua descendência rejeitada. *“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.”* (Romanos 5:12). A partir daí o relacionamento entre Deus e o homem existiu, mas era diferente do planejado, não era íntimo, mas distante.

Assim, os sacrifícios e ofertas estabelecidos aos israelitas no Antigo Testamento eram o meio, estabelecido por Deus, para que o povo se redimisse de seus erros, agradasse a Deus e recebesse sua misericórdia e bênçãos.

Porém, relata a Bíblia, que Deus teria percebido que todas as atitudes do homem não eram suficientes para resgatar seu relacionamento de intimidade com Deus. Era necessário um sacrifício perfeito.

Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir. Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só morreram muitos, muito mais a graça de Deus e, o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos.[...] Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo (Romanos 5:14,15,17)

Neste sentido, todos os profetas do Antigo Testamento passam a anunciar que Deus enviaria um Salvador para o seu povo e Deus então, segundo a Bíblia, se fez homem na pessoa de Jesus Cristo.

Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados, gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. (Romanos 3:23-26)

Portanto, para os cristãos, a vinda de Jesus à terra é a maior expressão de amor de Deus pela humanidade: *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna.”* (João 3:16). Este fato é reforçado pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos quando diz: *“mas*

*Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.*” (Romanos 5:8)

Este ato, para os que crêem, é a maior dádiva de Deus à humanidade e, nesta crença, buscam retribuir tal amor com obediência, dedicação e cumprimento dos mandamentos e preceitos bíblicos, dentre os quais se encontra a hospitalidade.

Jesus, portanto, estabeleceu uma nova aliança entre Deus e os homens e reforça a perspectiva de que a vida do homem na terra é passageira, temporária e o mesmo deve ansiar por conseguir entrar no “reino do céu”: “[...] *o meu reino não é deste mundo* [...]”(João 18:36); “*Buscai, pois, em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.*” (Mateus 6:33)

O último livro da Bíblia, Apocalipse, apresenta uma descrição de que Deus aguarda seus fiéis para recebê-los em sua morada, onde exercerá uma hospitalidade eterna. Ali, há a menção da promessa de uma “hospitalidade eterna na intimidade divina” (POTTIER, 2004, p.116, tradução livre):

**Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: **eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.** (Apocalipse 21:1-4)**

Os cristãos vivem na expectativa de tal reino e entendem que, para alcançá-lo devem crer em Jesus como filho de Deus e, na terra, propagar sua mensagem de salvação e redenção do homem, além de cumprir as ordenanças de Deus prescritas na Bíblia, que têm como um livro em que se encontram as palavras de Deus, escritas por homens inspirados por Ele.

Compreendem que devem buscar repetir em suas ações os princípios pregados e executados por Cristo, nos quais se inclui a prática da hospitalidade como manifestação do amor de Deus, o entendimento que, independente de raça, cor e sexo, todos devem ser o próximo, digno de amor e compaixão e, portanto, devem ser acolhidos: “*sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave.*” (Efésios 5:1,2)

A natureza espiritual e não material de Deus faria com que ele não pudesse ser considerado modelo, especialmente no que diz respeito à dádiva e hospitalidade. Porém, para

os cristãos ele é vivo, ativo, um ser pessoal, possui intelecto, emoções e vontade e desfruta comunhão com os seres criados à sua imagem. Para os que nele crêem, ele é um Deus amoroso, gracioso e infinitamente sábio em tudo o que faz e revelou-se plenamente na pessoa e no ministério de Jesus Cristo. (DOCKERY, 2007, p.862). Por isso, na comunidade cristã seus exemplos, inclusive no relacionamento com o próximo, buscam ser vivenciados.

Nos tempos atuais, os cristãos usam, muitas vezes, a religião para cumprir as orientações e mandamentos existentes na Bíblia. Em suas igrejas e templos são incentivados a seguirem os preceitos bíblicos e os divulgarem. Através das instituições religiosas prestam auxílio social aos mais necessitados, enviam donativos para missionários que saem de seus países para outros no intuito de divulgar os preceitos cristãos, auxiliam-se uns aos outros em suas comunidades de fé, estabelecendo laços interpessoais, buscando assim, uma vivência em que a diversidade é acolhida, superando preconceitos, distâncias e indiferenças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta norteadora dessa pesquisa foi como a hospitalidade é manifestada na Bíblia, livro usado como referência para as religiões cristãs, que possuem milhares de adeptos em todo o mundo, principalmente no ocidente. O pressuposto foi que a religião é influenciadora de comportamentos e, por isso, a recomendação de práticas de hospitalidade na Bíblia, livro sagrado para os cristãos, manifestaria uma dimensão religiosa da hospitalidade na contemporaneidade.

O primeiro capítulo tratou da hospitalidade enquanto dimensão da dádiva. Muitos estudiosos entendem ser importante a recuperação do conceito de dádiva na sociedade contemporânea, que é caracterizada pela predominância de relações baseadas no utilitarismo. Nessa recuperação, dádiva e hospitalidade funcionariam como instrumentos auxiliares na garantia da permanência dos vínculos sociais.

O segundo capítulo trouxe a explicação da pesquisa, a explanação da Bíblia como fonte de estudo, bem como da escolha do método. E o terceiro capítulo relatou os principais textos bíblicos que abordam a questão da hospitalidade.

O estudo possibilitou confirmar que a Bíblia relata inúmeras situações em que a hospitalidade está presente, sendo colocada como um dever a ser prestado ao outro, um hábito a ser adquirido, uma virtude cardinal e uma expressão de amor a Deus e ao próximo.

É no Antigo Testamento que foram encontradas as maiores referências à prática da hospitalidade. Nesta parte da Bíblia, que corresponde ao texto sagrado usado pelo judaísmo, encontrou-se o relato de um povo israelita que peregrina pelo deserto em direção à terra que entendiam ser prometida por Deus a eles: Canaã. Neste contexto, os israelitas necessitaram de acolhimento ou permissão para transpor um espaço geográfico pertencente a outros povos e, portanto, precisaram de hospitalidade.

Nessa situação, os povos que foram receptivos ao “povo escolhido de Deus” receberam a promessa de serem lembrados e abençoados. Porém, aos que resistiram, lhes foi reservada a hostilidade do povo israelita e do próprio Deus, por meio de destruição e morte sem piedade.

O Antigo Testamento trouxe ainda um povo israelita que recebeu ordenanças de seu Deus, por meio das chamadas leis civis e religiosas, para acolherem o estrangeiro – aquele que aceitava as condições impostas de renunciar a outros deuses e práticas religiosas - dando-lhes o direito de ofertar ao Deus dos israelitas, bem como participar das festas. Para tanto, este mesmo estrangeiro estaria também obrigado a cumprir todas as ordenanças direcionadas aos

“escolhidos” e às mesmas repreensões. Os relatos bíblicos presentes no Antigo Testamento demonstraram que a hospitalidade era uma questão a ser praticada, porém, possuía regras e condições, sendo, assim, condicional.

Uma hospitalidade incondicional foi encontrada sendo praticada apenas entre “iguais”, quando os israelitas entendiam receber anjos - que, apesar de serem de natureza diferente - seriam enviados por Deus e, portanto, eram semelhantes por serem e servirem à mesma “entidade”; não obstante, poderiam ser o próprio Deus. Estes foram então protegidos a qualquer custo, como aconteceu aos hóspedes de Ló; e, receberam o melhor do anfitrião, como no caso de Abraão, ao receber aqueles que traziam a menção do cumprimento da promessa de ter um filho. Tais situações demonstraram e reforçaram que a hospitalidade era também revestida de sacralidade.

O gesto de acolhida ao outro é retratado na Bíblia como uma expressão de amor a um Deus que libertou seu povo da escravidão, quando este era estrangeiro no Egito; o sustentou no deserto e o acolhe permanentemente, como é demonstrado nos Salmos, onde Deus é descrito como protetor, rocha de sustentação, escudo e força.

Porém, no Antigo Testamento encontrou-se, também, o oposto da hospitalidade: a hostilidade. A afronta aos princípios de hospitalidade apareceu já no primeiro livro da Bíblia, Gênesis, quando o homem é expulso do paraíso por desobedecer à uma ordem divina. A partir daí a hostilidade é direcionada a todos os que se opõem aos planos designados por Deus para o seu povo escolhido e também àqueles que não obedecem aos mandamentos e preceitos estipulados pelo Deus de Israel.

A estes, a Bíblia relata que recebem uma hostilidade em forma de maldição, como ocorreu ao casal Adão e Eva e aos cananeus; e de guerra, como no caminho percorrido e na tomada da “terra prometida”. Tais não são considerados dignos das bênçãos e, portanto, são excluídos e recebem hostilidade até mesmo na não atenção do texto bíblico que, por vezes, não deixa tão claro quais atitudes foram tomadas para receberem um tratamento hostil. O que se relata é que simplesmente não estariam de acordo com os desejos do “Deus Todo Poderoso”.

Assim, os textos bíblicos do Antigo Testamento demonstram que a dádiva de Deus para com os homens estava totalmente relacionada à obediência, sendo condicionada a esta. Percebeu-se um Deus que pode apresentar duas facetas: acolhedor e protetor para os israelitas, o povo que teve a “sorte” de ser escolhido; e de um Deus mau, tirano e impiedoso para os excluídos, os não escolhidos, os desobedientes.

Porém, no Novo Testamento, constatou-se uma mudança na concepção de acolhida e na própria condição do estrangeiro. Essa parte da Bíblia traz o relato da chamada Nova Aliança, onde Jesus veio à terra para resgatar o relacionamento do homem com Deus. Na implantação desta aliança, Jesus reforça alguns preceitos estabelecidos no Antigo Testamento – como a condição de serem um povo monoteísta e permanecerem obedientes – mas traz novos preceitos para o tratamento a ser dado ao outro, o diferente, o estrangeiro, o excluído.

Os evangelhos relatam Jesus aclamando a questão da hospitalidade e procurando não apenas discursar, mas agir de modo a ser exemplo aos seus seguidores e, neste sentido, se abre permanentemente ao outro, trazendo uma mensagem de que a salvação não é apenas para o povo escolhido, mas para todos. Contudo, não deixa de reforçar que mesmo esta salvação é condicional, pois o que a deseja deve receber Jesus como enviado de Deus: *mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome.* (João 1:12). Deve também seguir suas orientações e se submeter às condições estipuladas: reconhecê-lo como filho de Deus, como Senhor e Salvador de suas vidas. Neste contexto, a condição de incluído não se relaciona mais a pertencer a um povo escolhido e sim, pelo fato de ser um filho de Deus.

Os autores bíblicos relatam que um dos atos que mais causava surpresa e espanto aos seus contemporâneos era justamente quando Jesus procurava estabelecer vínculos com os menosprezados e rejeitados pelos judeus: leprosos, estrangeiros, especialmente os samaritanos, e pecadores. Ao se relacionar com esses, Jesus buscava demonstrar que todo “outro” deveria ser acolhido e até mesmo amado.

Jesus se aproxima tanto deste “outro” que se coloca como um igual, necessitando de acolhida e aceitação: em seu próprio nascimento precisou e não encontrou acolhimento; em seu ministério, pede para ser recebido em lares, diz não ter lugar para repousar.

Após a morte de Jesus, os relatos trazem o reforço da prática da hospitalidade: Paulo é escolhido para ser um apóstolo que prega a mensagem de salvação aos gentios; Pedro é designado para levar a mensagem na casa de um estrangeiro e a hospitalidade é ainda colocada como um dos requisitos do caráter daquele que aspira ao episcopado, mas também uma virtude recomendada a todos os crentes, como uma das características que deve acompanhar a piedade cristã: [...] *compartilhai as necessidades dos santos, praticai a hospitalidade* [...] (Romanos 12:13).

A hospitalidade é retratada tão fortemente como mandamento que no livro de Atos dos Apóstolos, o qual relata a formação da igreja primitiva, menciona-se que a forma de vida dos que seguiam as ordenanças de Jesus Cristo é em extrema comunhão: *E perseveravam na*



*doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. [...] Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração. (Atos 2:42-46).*

O Novo Testamento traz ainda o reforço de que se deve ser hospitaleiro com todos, pois a condição do homem é ser forasteiro em uma terra que pertence a Deus. Nesse sentido, Deus é retratado como um ser que possui a dádiva em sua própria essência, pois não apenas presenteia o homem com as condições de manter-se na terra, mas dá seu próprio filho para ser morto pela humanidade, como um presente que restaura o relacionamento do homem com o divino e, ainda, prepara um lar eterno, para onde irão os que seguem seus preceitos.

Constatou-se, portanto, que o texto bíblico é repleto de exemplos e exortação à prática da hospitalidade enquanto instrumento de relação e fortalecimento de vínculos. Tais admoestações reforçam o incentivo para que os cristãos de hoje procurem exercer hospitalidade em seu cotidiano, legitimando-a na atual sociedade.

A hospitalidade é demonstrada como virtude, sendo uma forma prática de alguém dar a si mesmo e, os que mais conseguem fazer isso, são os que mais se assemelham a Jesus Cristo, pois este é tido como alguém que nunca poupou coisa alguma de si mesmo em serviço aos outros.

Sendo Jesus o grande modelo de comportamento dos cristãos, encontra-se na Bíblia exortações para que esses sejam seus imitadores: *sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave. (Efésios 5:1,2).*

Neste sentido, tem-se que os cristãos são instruídos a seguir as orientações dadas por Jesus e a buscarem olhar para o outro não como um inimigo, mas como alguém a ser acolhido e amado. Manifestam a prática da hospitalidade de variadas formas: nas missões evangelísticas sustentadas por fieis; na doação de alimentos e auxílios diversos; nas atividades sociais desempenhadas pelas igrejas em suas comunidades; no acolhimento ao visitante em suas atividades religiosas.

Como visto, o texto bíblico reforça a questão da hospitalidade e, neste sentido, concluiu-se que a religiosidade contribui para a fundamentação da dádiva e da hospitalidade no mundo, se constituindo em uma de suas dimensões e até mesmo uma resistência às relações puramente baseadas no interesse e utilitarismo.

Embora tenha ocorrido mudanças no seio da sociedade e a forma de convivialidade relatada no livro de Atos dos Apóstolos seja utópica no mundo moderno, para os cristãos, a hospitalidade não perdeu totalmente sua sacralidade, pois o próprio Jesus, ao se referir ao

“fim dos tempos”, diz ter sido acolhido na posição de pobre, necessitado, preso e excluído. Tais palavras reforçam o cuidado que o cristão deve ter com os diversos “outros” com que se encontra em seu dia-a-dia.

A religiosidade não seria, obviamente, uma solução na busca por se reverter ou modificar as formas de relação na contemporaneidade, mas, por milhares de pessoas seguirem os preceitos do cristianismo, que são baseados na Bíblia, constatou-se que a mesma pode ser apontada como uma dimensão e instrumento de legitimação da hospitalidade no mundo moderno, na medida em que milhares de pessoas utilizam a Bíblia como um livro norteador de suas atitudes e comportamentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João F. *Bíblia: de estudo*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006

\_\_\_\_\_. *Bíblia: aplicação pessoal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

ALTER, R; KERMODE, F. *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Gilson César C.F. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997

ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Maria Clara Lucchetti Birgement. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOFF, Leonardo. *Virtudes para um mundo possível: Hospitalidade, direito e dever de todos*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

BONASSI, Rita. *Acolhida ao estrangeiro no novo testamento*. In: TRAVESSIA: revista do imigrante. São Paulo: Cem, n. 57, 2007. Janeiro-abril.

BOYER, O.S. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 1997.

BUENO, Marielys S; DENCKER, Ada F. M (orgs). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Thomson, 2002.

\_\_\_\_\_(org). *Hospitalidade no jogo das relações sociais*. São Paulo: [s.n.], 2008 (Goiânia: Editora Vieira)

CAMARGO, Luiz Octávio L. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.

CHAMPLIN, R. N. Phd. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.1. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.

\_\_\_\_\_. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.3. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.

\_\_\_\_\_. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.4. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.

\_\_\_\_\_. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.6. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.

COLEMAN, William L. *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1991.

COMFORT, Philip W. *A origem da Bíblia*. Trad. Luís A. Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

CORBIN, Alain(org). *História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DENCKER, Ada F.M. *Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas*. 9ªed. São Paulo: Futura, 2008.

DIAS, Célia Maria de Moraes (org). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole, 2002.

DOCKERY, David. S.(ed). *Manual Bíblico Vida Nova*. Trad. Lucy Yamakami, Hans U. Fuchs, Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2007.

DORNELAS, Sidnei Marco. *O dever da hospitalidade no antigo testamento*. In: TRAVESSIA: revista do imigrante. São Paulo: Cem, n. 57, 2007. Janeiro-abril.

DOUGLAS, J.D.(org). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2ªed.Trad. João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995. Título Original The New Bible Dictionary. Editor em português R.P.Shedd

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARDNER, Paul. *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. Trad. José Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2008.

GEISLER, N; NIX, William. *Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: editora Vida, 1997.

GIL, Antônio C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIUSSANI, Luigi. *O milagre da hospitalidade*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006.

GUERRIERO, Silas (org). *O estudo das religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HARRISON, R. K. *Levítico: introdução e comentário*. Trad. Gordon Chow. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2006.

LASOR, William S; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LOPES, Edson Pereira; DE LIBERAL, Márcia Mello Costa. (orgs.) *O impacto da práxis religiosa na construção de vínculos sociais*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

MARCONI, Marina A; LAKATOS, Eva M. *Metodologia do trabalho científico*. 6ªed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, Paulo Henrique. *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Trad. Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_ ; NUNES, Brasilmar Ferreira (org.). *A nova ordem social: perspectivas da solidariedade contemporânea*. Brasília, Paralelo 15, 2004.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2001.

MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. Trad. Marisa K. A. Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MEDEIROS, João B. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas*. 8ªed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOULTON, H. K. *Léxico Grego Analítico*. Tradução Everton A. Oliveira; Davi M. Manço. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

OLSON, R. *História da Teologia Cristã*. Tradução Gordon Chow. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PARISE, Paolo. *Acolhida no contexto bíblico e extra- bíblico vétero- testamentário*. In : TRAVESSIA: revista do imigrante. São Paulo: Cem, n. 57, 2007. Janeiro-abril.

RICHARDSON, Roberto J. (et al). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ªed. São Paulo: Atlas, 2007.

RODRIGUES, Auro de Jesus. *Metodologia científica: completo e essencial para a vida universitária*. São Paulo: Avercamp, 2006.

RUDIO, Franz V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 8ªed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SANTOS, Antônio R. *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. 6ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. 23ªed. São Paulo: Cortez, 2007.

(São Paulo). Sociedade Bíblica do Brasil. *Concordância Bíblica*. Barueri - SP: SBB, 1975.

(São Paulo). Sociedade Bíblica do Brasil. *Chave bíblica*. Barueri – SP: SBB, 1997.

TRAVESSIA: revista do imigrante. São Paulo: Centro de Estudos migratótiós, n. 57, 2007. Janeiro-abril.

UNGER, M. F. *Manual Bíblico*. Tradução Eduardo P. Ferreira; Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2006.

VIELHAUER, P. *Historia da Literatura Cristã Primitiva*. Tradução Ilson Kayser. Santo André – SP: Editora Acadêmica Cristã, LTDA, 2005.

WILGES, Irineu. *Cultura religiosa: as religiões no mundo*. 19ed. Petrópolis – Rj: Vozes, 2010.

### **REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS**

BUENO, Marielys Siqueira; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BASTOS, Sênia Regina. *Hospitalidade: trajetória e possibilidades*. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/09/bsb.htm>>. Acesso em: 01 set. 2010.

CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS. *O crescimento cristão na história*. Disponível em <<http://www.guiame.com.br/v4/92174-1692-O-crescimento-crist-o-na-Hist-ria.html>>. Acesso em 28 jan. 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia*. Disponível em: <[www.bibliacatolica.com.br](http://www.bibliacatolica.com.br)>. Acesso em: 15 ago. 2010.

CORACINI, Maria José. *Transdisciplinaridade e análise de discurso: migrantes em situação de rua*. In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 11. Campinas – SP: Universidade de Campinas, 2010.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (Ed.). *Bíblia Almeida revista e atualizada*. Disponível em: <[www.sbb.org.br](http://www.sbb.org.br)>. Acesso em: 09 jul. 2010.